

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar

A Relação Escola-Família na Promoção do Sucesso Educativo

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
para obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Autor: Inês Sá e Lemos de Vasconcelos

Sob orientação de Doutor Júlio Emílio Pereira de Sousa

Porto,

junho de 2018

Ao meu querido Avô, por tudo o que faz por mim, diariamente!
A conquista deste objetivo e a vitória do mesmo dedico com todo o meu amor,
unicamente, a si!

RESUMO

O presente relatório, realizado no âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar, apresenta um trabalho de investigação envolvendo uma instituição direcionada à Educação Pré-Escolar, situada no distrito do Porto.

No presente estudo participaram Encarregados de Educação e cinco Educadoras do contexto da Educação Pré-Escolar.

A temática da relação escola-família tem sido o enfoque de diversos investigadores, demonstrando que a respetiva relação inclui benefícios para o desenvolvimento da criança. Desta forma, tentou-se perceber nos contextos de ensino supervisionados, como são conhecidas/vistas, as vantagens do envolvimento/participação da família para o desenvolvimento da criança, pelos agentes educativos e Encarregados de educação.

Assim, optou-se por uma metodologia de natureza quantitativa e qualitativa, aplicando-se inquéritos por questionários realizados aos Encarregados de Educação, entrevistas às Educadoras, e ainda registos de atividades.

Através, dos resultados obtidos, foi possível apurar que existe ligação entre a componente teórica e a componente prática da investigação, na qual se pode confirmar que todos os agentes educativos apreciam/valorizam a relação que é criada entre as famílias e as instituições e que se vivencia, entre Profissionais de Educação e Encarregados de Educação, uma perceção de que o envolvimento/participação da família promove/reforça o sucesso educativo da criança.

Palavras-chave: Participação, Envolvimento, Promoção, Escola, Família, Sucesso Educativo, Educação Pré-Escolar

ABSTRACT

This report carried out in the framework of a Master's Degree in Pre-School Education, presents a research work involving an institution directed at Pre-School Education, located in the District of Porto.

In the present study took part parents/carers and five educators of the context of Pre-School Education. The theme of the school-family relationship has been the focus of several researchers, showing that this relationship includes benefits for the child's development. In this way, we tried to understand in supervised educational contexts as educational agents as well as parents/carers can perceive/see the advantages of the involvement /participation of the family in the child's development.

Thus, we chose a quantitative and qualitative nature methodology, applying surveys by doing questionnaires directed to parents, interviews to educators and even records of activities.

Through the results that were obtained, it was possible to establish that there is a connection between the theoretical and the practical components of the research, in which we can confirm that all educational agents enjoy/appreciate the relationship that is created between families and institutions and that is experienced between education professionals and parents/carers, a perception that the family involvement/participation promotes/strengthens the child's educational success.

AGRADECIMENTOS

“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que tornou a tua rosa tão importante.”

Saint-Exupéry

Ao meu querido e amado avô, um obrigado do tamanho do mundo, pois em tudo o que me propus a fazer e batalhar, depositou em mim a confiança, a força e o amor necessário, fornecendo-me assim, as “ferramentas” e as oportunidades precisas para percorrer este longo caminho; conduzindo-me ao meu sucesso profissional.

À minha mãe Luísa e irmã Isabel, um obrigada por estarem sempre ao meu lado, nas dificuldades e conquistas que fizeram parte dos meus dias, ao longo destes cinco anos.

Às minhas queridas amigas Sandra Liliana Bessa, Andreia Filipa Sousa, Joana Rocha, Filipa Lopes, Gabriela Ribeiro e Sílvia Soares, por todos estes anos de imenso apoio e dedicação à amizade e por terem um enorme coração.

Ao Pedro Teixeira, pelo amor incondicional, paciência, dedicação, força, amizade e compreensão que me fez acreditar no meu propósito, naquilo de que fui e sou capaz.

À minha companheira de faculdade, Sandra Bessa, reconheço/agradeço todo o companheirismo ao longo deste percurso.

Às minhas queridas educadoras cooperantes, Sandra Ribeiro e Clara Patoilo Teixeira, às instituições Centro Bem Estar Social Nossa Senhora do Socorro e Associação de Pais e Amigos do Infantário e Jardim de Infância Dr. Leonardo Coimbra, pela orientação, aprendizagem e apoio dado, ao longo desta etapa/fase da minha vida.

Às minhas supervisoras de estágio, Doutora Ivone Neves e Doutora Clara Craveiro, pelos incontáveis ensinamentos.

Ao Doutor Júlio Emílio Pereira de Sousa, pela sua orientação ao longo desta fase e pela partilha do saber, que fez com que esta investigação se tornasse mais enriquecedora.

Por fim, um enorme obrigado a todos os que estiveram a meu lado, ao longo deste percurso, sobretudo por acreditarem/confiarem em mim.

Índice

1- Definição de Educação	13
2. Caracterização de Sucesso e Insucesso Educativo	14
2.1 Fatores do Insucesso Educativo	15
2.2 Clima familiar e apoio parental: incidência no rendimento escolar	17
2.3 Análise do contexto de socialização familiar: sua importância para a compreensão do (in) sucesso escolar:	19
2.4 O contexto de socialização familiar	20
3. Relação escola-família na Legislação Portuguesa.....	23
3.1 A Relação escola-família	24
3.2 As vantagens da participação e envolvimento parental.....	26
3.3 Conceito e tipos de participação e envolvimento parental	27
3.4 Dificuldades na relação escola-família.....	30
3.5 Estratégias para promoção da relação escola-família.....	32
1. Tipo de estudo	35
2. Objetivos do estudo.....	35
3. Caracterização dos contextos de investigação.....	36
4. Participantes do estudo.....	36
5. Procedimentos, técnicas e instrumentos de recolha e análise de dados.....	37
5.1Entrevista.....	37
5.2 Inquérito por questionário	38
5.3 Análise Documental	39
5.4 Observação participante	39
5.5.1 Contextualização do projeto EQuaP.....	40
6 Cronograma da Investigação	41
1. CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PRÉ – ESCOLAR.....	42
1.1 Análise dos documentos de regime de autonomia, administração e gestão da instituição.....	42
1.2. Inquérito por Questionário aos Encarregados de Educação	44
1.3. Entrevista ao Profissional de Educação.....	58
1.4. Observação em contexto	78
1.5. Discussão dos Resultados.....	79
2. DISCUSSÃO FINAL DOS RESULTADOS DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	90
Legislação	93
Documentos consultados.....	94

Webgrafia.....	94
Anexo 2 - Guião de Entrevista às Educadoras de Infância	100
Anexo 3 – Entrevistas realizadas às educadoras da Educação Pré-Escolar	102
Entrevistada E1	102
Entrevistada E2	105
Entrevistada E3	109
Entrevistada E4	111
Entrevistada E5	114
Anexo 4 – Registos de Atividades no contexto da Educação Pré-Escolar.....	119

LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

PA – Plano Anual de Atividades

PE – Projeto Educativo

RI – Regulamento Interno

ECEC - Early Childhood Education and Care

ME – Ministério da Educação

Índice de Quadros

Quadro1- Benefícios do envolvimento parental, por Fernández (2011 citado por Barradas, 2012, p.60)	
Quadro 2 - Tipologia do envolvimento parental, elaborado a partir de Joyce Epstein, 1984 (citado por Carvalho, 2008)	
Quadro 3- Grelha de análise categorial das educadoras da instituição	

Índice de Tabelas

Tabela 1- Cronograma de investigação	
--	--

Índice de Gráficos

Gráfico nº 1 - Género dos Encarregados de Educação	
Gráfico n.º2 – Idade dos Encarregados de Educação da instituição	
Gráfico nº 3 – Grau de Parentesco	
Gráfico nº 4 – Estado Civil	
Gráfico nº 5 – Habilitações Literárias	
Gráfico nº 6 – Profissão dos Encarregados de Educação	
Gráfico nº 7 – Idade do Educando	
Gráfico nº 8 – Com quem vive o Educando	
Gráfico nº 9 – Deslocação ao jardim de Infância	
Gráfico nº 10 – Quem transporta o Educando ao Jardim de Infância	
Gráfico nº 11 - Quem vai buscar o Educando ao Jardim de Infância	
Gráfico nº 12 - Classificação da relação do Educando com o Jardim de Infância	
Gráfico nº 13 – Participação nas atividades propostas pela instituição, de forma voluntária e a sua frequência	

Gráfico nº 14 – A Instituição dá a conhecer o progresso das crianças, as atividades desenvolvidas e as que serão realizadas

Gráfico nº 15 - Apoio e participação no desenvolvimento de atividades na comunidade envolvente ao Jardim de Infância

Gráfico nº 16 – Auxílio ao educando na realização de atividades em casa e partilha de ideias e opiniões com a educadora

Gráfico nº 17 - Ocorrência da participação por sua iniciativa

Gráfico nº 18 - Ocorrência da participação por iniciativa do Jardim de Infância

Gráfico nº 19 - Comunicação entre escola-família e a sua frequência

Gráfico nº 20 - Meio utilizado para a realização da comunicação: Presencialmente em momentos Informais

Gráfico nº 21 - Meio utilizado para a realização da comunicação: Presencialmente através de reuniões

Gráfico nº 22 - Meio utilizado para a realização da comunicação: Telemóvel

Gráfico nº 23 - Meio utilizado para a realização da comunicação: Internet

Gráfico nº 24 - Meio utilizado para a realização da comunicação: Carta

Gráfico nº 25 – Participação/Envolvimento no auxílio da promoção de aprendizagens do Educando

Gráfico nº 26 – A valorização do envolvimento na Instituição por parte do Educando

Gráfico nº 27 - Classificação do envolvimento por parte dos Encarregados de Educação

INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio, realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, tendo como objetivo a compreensão de que forma a relação escola – família promove/potencia o sucesso educativo da criança.

Segundo Moura (2015, p. 27) educar é:

Definir o conceito de educação é algo complexo, uma vez que a generalização do conceito e quantidade de significados que lhe é atribuído, não facilita a definição exata do termo. No sentido etimológico, o termo educação provém da palavra educar que advém do latino educare, que significa alimentar, nutrir, mais educere que significa extrair, trazer à luz a riqueza da pessoa.

Assim, o presente tema desencadeou uma forte motivação para a estagiária, uma vez que a mesma, acredita que a ponte entre escola-família é crucial para o desenvolvimento educacional da criança. Desde o início, a estagiária soube e sentiu que o respetivo tema, era extremamente desafiante, uma vez que o considera algo que deve fazer parte da atualidade, sendo este sempre pertinente de ser explorado. Existe uma panóplia infindável, quanto às vantagens, que a parceria escola – família, acarreta e traz para o desenvolvimento da criança. Sendo assim, a estagiária prosseguiu no seu desejo de explorar a tempo a temática, averiguando cuidadosamente de que maneira as instituições, onde decorrem as práticas de ensino supervisionadas, potenciam/exploram/promovem a participação e o envolvimento parental/familiar no desenvolvimento do processo/percurso ensino-aprendizagem das crianças.

Salienta-se ainda que, a determinação/firmeza para a realização/elaboração do presente relatório de investigação, decorre especialmente das experiências práticas, vivenciadas, da estagiária, no que concerne ao seu percurso de prática de ensino supervisionada.

O respetivo relatório concentra-se na relação existente entre escola-família de um jardim-de-infância.

Desta forma, subentende-se a importância da integração da família no percurso escolar das crianças, dando o apoio necessário para um desenvolvimento de sucesso; porém, é preciso

que a instituição, ou seja, o estabelecimento de ensino, potencie estratégias bem delineadas, para a impulsão de um maior envolvimento parental, quanto ao contexto educativo.

“Evoluindo de uma relação assimétrica, onde era atribuído um maior poder à escola e um papel mais passivo aos pais, para uma relação mais simétrica, de maior proximidade e onde a colaboração estreita entre família e escola é desejável” segundo Diogo (1998, citado por Picanço, 2012, p.3), existe assim, ao longo dos anos mais recentes, determinadas alterações no que diz respeito à relação que é criada/instituída entre a escola-família.

Salienta-se que o estudo desenvolvido expõe uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa, recorrendo-se, assim, a uma análise documental e a diversos instrumentos para a recolha de dados (entrevistas, inquéritos por questionários e registos de atividades), respondendo à pergunta de partida: Qual a relevância/interesse do envolvimento familiar para o sucesso/insucesso do desenvolvimento educacional das crianças?

A organização do presente relatório de investigação consiste numa estruturação dividida em três partes; sendo que a primeira respeita à revisão bibliográfica do tema, sendo, assim, a base do estudo empírico desenvolvido. A segunda parte refere-se às opções metodológicas da investigação, na qual se caracteriza o contexto referente à investigação, os procedimentos, os instrumentos e as técnicas de recolha e análise de dados utilizados, os participantes e, para finalizar, um cronograma com os dados de toda a investigação. A última e terceira parte, é composta pela apresentação e discussão dos respetivos dados da investigação, reunidos através dos instrumentos da sua recolha e também, da análise documental.

Para finalizar são expostas as considerações finais do relatório elaborado, uma síntese quanto aos resultados conseguidos, justificação das limitações do estudo e a proposta de ideias para investigações posteriores.

PARTE I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1- Definição de Educação

Diversos autores apresentam distintas perspectivas quanto à definição de educação.

Definir o conceito de educação é algo complexo, uma vez que a generalização do conceito e a quantidade de significados que lhe é atribuído, não facilita a definição exata do termo. No sentido etimológico, o termo educação provém da palavra educar que advém do latino educare, que significa alimentar, nutrir, mais educere que significa extrair, trazer à luz a riqueza da pessoa (Moura, 2015, p.27).

Ao longo dos anos, a forma de encarar a educação tem evoluído, variando de sociedade para sociedade, sendo “influenciada por fatores socioeconômicos, culturais, étnicos e religiosos” (Moura, 2015, p. 27).

Dewey diz-nos (citado por Cabanas, 2002, p.57) que a educação é “uma constante reorganização ou reconstrução da experiência”.

Para Freire (1996, citado por Moura, 2015, p.27) “a educação deve assumir uma concepção libertadora ou problematizadora, com o intuito de estimular a criatividade dos educandos, favorecendo o diálogo e a aprendizagem efetiva quer do formando, como do formador”.

Hannah Arendt (1961, p. 8) explica educação como “uma das atividades mais elementares e mais necessárias da sociedade humana a qual não permanece nunca tal como é, mas, antes, se renova sem cessar pelo nascimento, pela chegada de novos seres humanos”; assim sendo, a educação apresenta uma renovação constante, imprescindível à sociedade, retificando o mal que possa surgir, pois “só o imperfeito é educável” (Cabral Pinto, 1996, p.474).

A educação é um processo conjuntamente interativo/auto educação e interativo/hétero educação, isto é: na auto educação o sujeito apresenta competências de desenvolvimento cognitivo, comportamentais e morais, tornando-se um ser com autonomia integrado na sociedade.

Na hétero educação há uma aquisição e melhoria das aprendizagens já adquiridas pelo educando, orientadas por agentes educativos como: a família, escola, grupo de amigos, comunidade, entre outros (Cabanas, 2002).

Segundo Castilheiro (1985, citado por Carvalho 2008, p. 21) “educação é o processo de integração pessoal na cultura, que permite projetar e realizar a vida mais claramente dentro da comunidade e com espírito criativo. É um processo pessoal de construção num contexto sociocultural”.

Na perspectiva de Simões (2007, p.43) a educação é a “orientação do desenvolvimento, mas, de acordo com uma concepção, que tem em conta a eminente dignidade e superioridade da pessoa humana e a transcendência da ordem moral”.

É assim, uma perspectiva que nos remete para uma concepção de que o humano é um ser livre, moral e autónomo (Gonçalves, 2010, p.75).

As várias situações com que o Homem se vai deparando/enfrentando/adequando tornam a educação como um método/processo de socialização e metamorfose social (Cabanas, 2002). A educação é um fenómeno sociocultural, visto que qualquer individuo está dependente ao meio social e cultural no qual está inserido, faz com que a educação tenha o atributo de fenómeno social; pois a mesma é capaz de se alterar paralelamente à cultura.

A definição/conceito de educação caracteriza-se assim, por ter diversas definições; de um modo geral, os vários autores podem defender diferentes conceitos, porém existe uma ideia/ponto de vista, permanente, que é a “ de educação como uma caminhada de aperfeiçoamento que os membros de uma comunidade realizam com a ajuda e o apoio de outros membros” (Amado, 2009, citado por Gonçalves, 2010, p. 75-76).

2. Caracterização de Sucesso e Insucesso Educativo

O sucesso educativo está relacionado, de forma geral, ao discente/aluno que concretiza um processo/percurso escolar com dificuldades maiores ou menores. Quanto ao termo insucesso educativo, poderemos caracterizar como um fraco rendimento escolar ou a dificuldade em instruir-se do discente, no processo de ensino-aprendizagem. (Alves, 2010).

Para Benavente (1976, p.10), o insucesso escolar não são mais que as “dificuldades de aprendizagem, reprovações, atrasos, etc.” e, a maior parte dos casos, “as crianças que têm mais dificuldades pertencem a famílias de grupos sociais desfavorecidos do ponto de vista económico e cultural”.

O novo dicionário etimológico de Língua Portuguesa indica-nos que o insucesso significa um “mau resultado; mau êxito, falta de êxito, desastre, fracasso” (Costa e Melo, 1998), sendo que este facto está relacionado com o não conseguir atingir, determinados

objetivos num tempo prognosticado, refletindo-se assim, nas taxas de reprovação ou no abandono escolar (Martins, 1993).

Annamaria Rangel (1995, p.20), “a palavra francesa échec utilizada no sentido de insucesso, é uma alteração de eschac, do árabe-persa shât, que na expressão shâh mat significa “o rei está morto” (...).”A respetiva autora explica o insucesso como “a falência de um projeto, bem como uma posição difícil na qual somos colocados pelo adversário”. A mesma complementa a noção de Isambert – Jamati (1974) garantindo que o termo insucesso escolar é uma noção relativa, pois esta apenas faz sentido no meio da instituição escolar e no contexto em que ocorre.

Peixoto (1999, p.68) afirma o contrário: “o insucesso escolar ultrapassa a questão da reprovação, podendo haver insucesso mesmo que um aluno seja aprovado, pois ‘insucesso escolar’ significa também rendimento abaixo das possibilidades do estudante”.

Existe para Pires (citado por Martins,1993) um tipo de insucesso educativo não qualificável, porém, mais prejudicial para os discentes: a escassez quanto ao adequar os conteúdos, tratados na escola com as próprias ambições/desejos dos alunos.

Surge assim, pela pressão da integração na União Europeia em Dezembro de 1987, o Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Educativo (PIPSE), “que afirma o insucesso escolar como um problema do sistema de ensino que exige uma intervenção urgente” (Dias, 2010, p.5).

2.1 Fatores do Insucesso Educativo

O sucesso e insucesso educativo são habitualmente associados/relacionados a fatores tais como: o empenho, a exigência da tarefa, o carácter, a inteligência, a sorte e a influência tanto do professor como a de outras pessoas (Weiner, 1993, citado por Dias, 2010).

O insucesso educativo é bastante analisado, como o reflexo do disfuncionamento entre o aluno, a família, os programas curriculares e os professores (Roazzi e Almeida, 1998, p.53).

Para Freire (2010) os fatores do insucesso escolar estão maioritariamente relacionados a causas que incluem, o nível socioeconómico e cultural do discente, a instituição escolar e todos os intervenientes, designadamente os docentes.

Assim sendo, há diversos fatores que influenciam o sucesso educativo. De acordo com Almeida et al. (2005, p. 3629) existem, fatores sociais; fatores que estão relacionados, diretamente, com dinâmicas internas vivenciadas na escola, bem como as políticas educativas e fatores relacionados com a variável pessoal de cada discente.

No que diz respeito, a fatores sociais, podemos relacioná-los, com causas, tanto econômicas como culturais, das respectivas famílias dos alunos.

Para Formosinho (1987, citado por Almeida, et al, 2005) as respectivas causas estão associadas aos ...hábitos, projetos e estilos de vida no seio da família, a linguagem, as atitudes face ao conhecimento e à escola, as condições de vida (alimentação, vestuário, horários), o acesso a bens culturais como livros, jogos e novas tecnologias, a zona de residência no que diz respeito às condições comunitárias de lazer, serviços e vida associativa (p.3629).

Segundo um estudo efetuado por Mascarenhas, Almeida e Barca (2005), conseguiu-se averiguar que, pais de discentes que usufruem menos habilitações académicas propendem a atribuir, resultados escolares menos positivos à falta de capacidade, não acontecendo com pais de discentes que apresentam habilitações académicas mais elevadas.

De acordo com Martins (1993) é bastante visível a não capacidade de suporte de custos quanto aos materiais escolares precisos, ou outro tipo de materiais considerados indispensáveis para o contexto académico, por parte das famílias de meios menos favorecidos; sendo assim, o aproveitamento académico poderá ser afetado. O mesmo autor conclui ainda, a existência de uma relação benéfica e positiva, no que diz respeito à origem social de todos os discentes e o (in) sucesso académico dos mesmos, sendo que os grupos étnicos têm taxas de insucesso mais elevadas, “seguinto-se por ordem decrescente das taxas de insucesso os filhos dos trabalhadores agrícolas, operários, empregados dos serviços, patrões, quadros médios e, por último, os filhos dos quadros superiores e profissões liberais” (Dias, 2010, p.7).

De acordo com Formosinho (1987, citado por Dias, 2010, p.10), “currículos iguais obrigam ao uso de iguais pedagogias e preveem uniformidade nas exigências, nos resultados, nos comportamentos, na linguagem, no saber, na extensão dos programas, dos tempos de transmissão de conhecimentos e dos períodos de avaliação”.

Para Almeida et al. (2005) baseado em Formosinho & Fernandes (1987) e Roazzi & Almeida (1988), as causas referidas às dinâmicas internas da escola e as políticas educativas estão ligadas à “estrutura do currículo escolar, os manuais escolares, os métodos de avaliação, a qualidade dos espaços e dos equipamentos escolares, a formação e a estabilidade do corpo docente, a dimensão das escolas e das turmas” (p. 3629 - 3630).

Almeida, Miranda e Guisande (2008, citados por Figueiredo, 2011) concluem que os fatores relacionados com os professores têm impacto quanto ao processo de ensino aprendizagem, podendo assim, existir por parte do docente, obstáculos na comunicação e nos relacionamentos interpessoais, complicações na organização das tarefas presentes em sala de aula e dificuldades na gestão da disciplina da turma.

Martins (2010, citado por Figueiredo, 2011, p. 50) diz-nos que os fatores de origem individual estão relacionadas com a “predisposição que a criança apresenta para aprender, a

capacidade de reter a matéria transmitida, o nível cognitivo (...) assim como o meio onde estas estão inseridas”.

Para finalizar, podemos afirmar que os fatores de origem pessoal estão intimamente ligados ao próprio discente, à sua capacidade, motivação, desenvolvimento social e afetivo, ao comportamento e/ou à forma como se insere no meio envolvente (Marchesi & Gil, 2004).

2.2 Clima familiar e apoio parental: incidência no rendimento escolar

La familia y la escuela constituyen dos contextos ambientales muy importantes para la educación de niños y adolescentes, influyendo en la adquisición de conocimientos, la adaptación psicológica y el logro académico... Se sabe que el ambiente familiar y al apoyo parental contribuyen, en gran medida, a explicar el aprendizaje escolar (Wang, Haertel y Walberg, 1990; Fraser y Walberg, 1991) y el desarrollo cognitivo (Mannino, 1973; Belsky, 1984); de hecho, a más apoyo parental y menos coerción, se consigue un mayor desarrollo cognitivo en los niños

A partir de diversas investigações detetou-se relações consideradas significativas, entre as diferentes dimensões do clima familiar e variáveis tais como a inteligência, a motivação, a autoestima e o rendimento escolar. Assim, estes resultados confirmam a teoria de aprendizagem formulada outrora por Purkey (1970, 1978), quando este nos indica que a família pode convidar a uma aprendizagem e ao desenvolvimento pessoal oferecendo organização e atividades tanto intelectuais como culturais e recreativas, juntamente com bases firmes e seguras de relações de apoio, das quais as crianças poderão explorar as mesmas. Se a família se relacionar com a escola, pode ajudar ao desenvolvimento afetivo, intelectual e social da criança.

Essa participação ou relação pode adotar variadíssimas modalidades, sendo que uma delas será colaborar em casa, ajudando, por exemplo, os filhos a elaborar os trabalhos de casa, que lhes são pedidos. Esta é uma das dicas que o modelo de Gordon (Gordon, 1976, Gordon, 1978, 1979^a) propõe aos pais como educadores em casa.

No âmbito da investigação sobre a família, o tema das atividades escolares realizadas em casa, foram estudadas por autores distintos (Paschal, Weinstein y Walberg, 1984 Cooper, 1989; Sonna, 1992). Autores como Kohn, Abdat, Callu y Famery, indicam-nos que os pais dão uma grande importância aos deveres que os seus filhos trazem da escola; sendo assim, a criança deverá realizá-los e os pais poderão ajudar. Como já é sabido, existem grandes diferenças, pois há pais que apenas ocupam o mínimo de tempo possível e outros ajudam de

forma mais objetiva e direta, perguntando-lhes por exemplo a o que aprenderam no respetivo dia.

Concluiu-se que se deveria estudar outras variáveis também pertinentes para este tema, tais como: o tempo que os pais dedicam a ajudar os seus filhos no estudo e nas tarefas; o estatuto educativo dos pais e o seu contacto e implicação dos mesmos na escola, incidindo positivamente, o rendimento das crianças; o sexo dos sujeitos e o curso que estudaram, dado que para Stevenson e Baker (1987), ambos estão relacionados com o contacto entre pais e o colégio, e por sua vez, com os resultados académicos e por fim o curso que está relacionado com as estratégias de aprendizagem implantadas pelos estudantes.

Como podemos verificar, a diversidade de variáveis com que se trabalha nas investigações sobre a influência das famílias no rendimento escolar dos seus filhos é bastante rico. Porém é possível detetar diversas limitações. Em primeiro lugar, poderemos afirmar que os trabalhos são bastante ocasionais e sem conexão entre si e em segundo lugar, utiliza-se diferentes métodos de avaliação.

Nesta investigação houve um triplo objetivo, assumindo um conjunto de análises às diversas variáveis implicadas e uma mediação destas, o quanto possível.

Inicialmente, analisou-se a incidência das variáveis, como o sexo e o curso estudado pelos alunos, isto, sobre as diversas características familiares; posteriormente, foi necessário, descobrir a possível vinculação entre as características da família, do clima familiar, particularmente, a relação da atitude dos pais face ao trabalho escolar e rendimento dos seus filhos; em terceiro lugar, houve a necessidade de selecionar os melhores exemplos familiares quanto ao rendimento académico.

Até aos dias de hoje, dispôs-se de bastantes dados sobre a relação entre escola-família, isto de forma generalizada; porém poucos trabalhos focaram-se no tema do estudo e dos trabalhos de casa, em particular. Através desta investigação, conseguiu-se obter conclusões diversificadas e importantes.

Um, dos resultados interessantes que se obteve, ao comparar o tempo que os pais dedicam ajudar os filhos nas suas tarefas (entre 19 a 20 minutos), com o tempo que dedicam a ensinar-lhes como/a estudar (entre 8 a 9 minutos), repara-se que o primeiro dado é mais do dobro que o segundo. Os bons resultados podem conseguir-se através de uma família coesa e

que aposta nos interesses culturais, estes resultados foram apoiados por Marjoribanks (1979), McMillan e Hiltonsmith (1982) e Belsky (1981, 1984).

Com esta investigação, constatou-se que estas famílias controlam o estudo e a realização dos deveres por parte dos seus filhos. Em suma, todos os pais deverão auxiliar os seus filhos nas suas tarefas e estudos. No entanto, existem amplas diferenças quanto à forma, atitude e condutas adotadas, nesta orientação, tal como nos indicam Kohn, Abdat, Callu e Famery (1994).

2.3 Análise do contexto de socialização familiar: sua importância para a compreensão do (in) sucesso escolar:

A orientação de codificação da família e a forma como essa orientação é consubstanciada na comunicação pais-filhos – quer ao nível da transmissão de conhecimentos (contexto instrucional) quer ao nível da transmissão de normas de conduta social (contexto regulador) – constituem dimensões contidas na análise da prática pedagógica familiar e que se consideram importantes para explicar continuidades e discontinuidades entre os contextos de aprendizagem na família e na escola e, conseqüentemente, para explicar o aproveitamento diferencial dos alunos (Neves Pestana, Isabel, pág.240)

Poderemos afirmar que a família tem sido objeto de análises, tanto no campo da Psicologia como no campo da Sociologia, procurando assim, perceber em que medida a educação familiar interage com o comportamento e a aprendizagem das crianças.

Estudos elaborados no âmbito da Psicologia transmitem-nos aspetos relacionados com os diferentes estilos educativos parentais, considerando assim, a personalidade e o comportamento educativo dos pais como dimensões que podem determinar o desenvolvimento cognitivo e sócio afetivo dos filhos (Pourtois e Desmet, 1989, 1991).

Maior parte dos trabalhos que foram desenvolvidos nesta área, não ignoram os aspetos sociológicos, referindo-se assim, à relação das práticas educativas da família com o seu estatuto socioeconómico e cultural, com diferentes raças e culturas, com zonas tanto rurais como citadinas; eles interessam-se de forma particular, pelos aspetos psicopedagógicos da própria família; já no âmbito da Sociologia, são referidos, entre outros, o nível cultural dos pais, e também o seu código sociolinguístico, a estruturação do meio familiar, a interação

entre a mãe e criança, bem como fatores que possam estar relacionados com o estatuto social e podem assim, influenciar o respetivo sucesso escolar.

Nos campos de análise referidos, salienta-se a importância da interação entre família-escola, existindo mesmo, programas que promovem o envolvimento dos pais na dinâmica escolar.

2.4 O contexto de socialização familiar

Tomando como quadro conceptual de referência o modelo do discurso pedagógico da teoria de Bernstein (Bernstein, 1977, 1990; Domingos et al., 1986) poderá o contexto de socialização familiar ser perspectivado em função das relações que expressam a modalidade de prática pedagógica da família. É com esta perspectiva, que se deverá dar uma particular importância à dimensão pedagógica das relações entre pais e filhos, que caracterizam esse mesmo contexto e ainda centrar-se nas especificidades do código de transmissão educacional que regula tais relações.

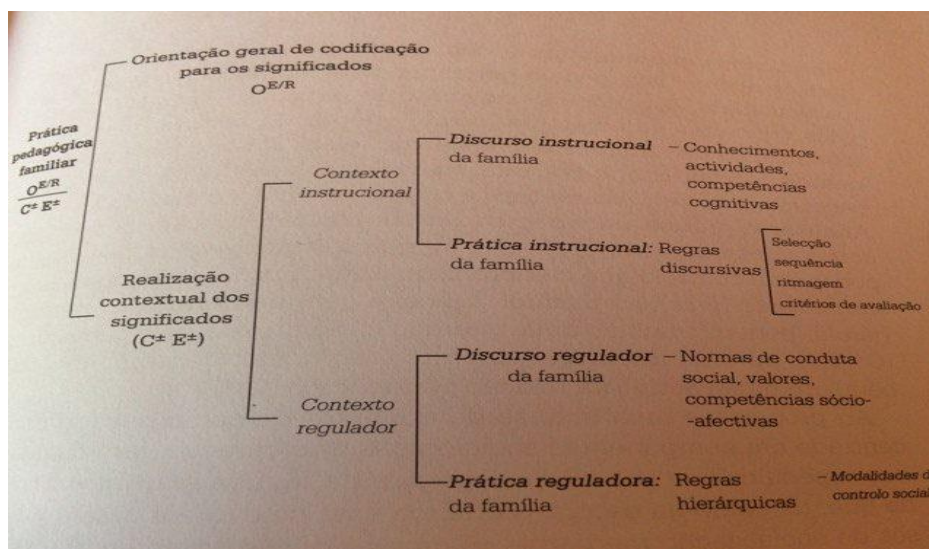


Figura 1: Componentes da análise do contexto de socialização familiar.

Ao se propor uma análise do contexto de socialização familiar centrada nas componentes sociológicas que caracterizam modalidades específicas da prática pedagógica na família, parte-se da ideia de que, tal como na escola, a criança está sujeita em casa a processos de socialização, dos quais ela não só aprende conhecimentos e normas de conduta social como

também acaba por adquirir um determinado papel social que em grande parte, irá determinar comportamento e resposta em diferenciados contextos de socialização, nomeadamente no contexto escolar.

Entre os diversos subcontextos de socialização que constitui o espaço de desenvolvimento da criança são fulcrais, para aprendizagem cognitiva bem como sócia afetiva do aprendiz, os contextos instrucional e regulador, sendo assim, importante que se foque nos mesmos.

Ao se tomar como referência estes contextos, a análise deverá incidir na natureza dos discursos (instrucional e regulador) valorizados, desde já, pela família como também as características das práticas (instrucional e reguladora), usadas neste processo de interação pedagógica, pela família.

Com atenção focada nos discursos, a análise procura ter em conta conhecimentos, atividades e competências cognitivas que fazem parte do discurso instrucional da família (DI) e as normas de conduta social, valores e competências sócia afetivas que caracterizam o seu discurso regulador (DR). É o centrar nas práticas, que faz com que a análise pretenda considerar as regras que definem a prática instrucional (PI), sendo estas, as regras discursivas (seleção, sequência, ritmagem, critérios de avaliação); regulando o processo de ensino-aprendizagem dos conhecimentos e as regras que definem a prática reguladora (PR), regras hierárquicas que regulam as modalidades de controlo social.

Podem considerar-se como conhecimentos académicos (discurso oficial) ou como conhecimentos não académicos (discurso local), contemplando na análise, os discursos presentes na família e obtendo-se informações sobre o tipo de conhecimentos/atividades (DI) privilegiados na aprendizagem dos filhos e que em termos da sua relação com o discurso instrucional da escola (ciências, história, educação visual, etc.), considere-se o que foi referido primeiramente. Com este ponto de vista, as famílias poderão distinguir o facto de haver ou não haver, em casa, um discurso oficial imerso no discurso local. Ainda será possível, analisar as famílias quanto ao seu tipo de atitudes (DR) que valorizam (obediência, respeito ou cooperação, iniciativa, sentido de responsabilidade), das quais podem estar, ou não, atitudes relacionadas com atitudes/valores/normas de conduta social contidas no discurso regulador da sala de aula/escola.

As práticas de transmissão-aquisição dos conhecimentos (PI) e as modalidades de controlo social (PR) que as famílias usam na interação pedagógica com os filhos, é possível

obter informações acerca do grau de controle que os pais/mães dão aos filhos no processo de ensino-aprendizagem (ou seja, o controle que os filhos têm face à seleção, sequência, ritmagem e critérios de avaliação), e também sobre a forma como os pais/mães controlam as atitudes comportamentais dos filhos ao nível das relações hierárquicas. É de acordo com estas dimensões da prática pedagógica, que as famílias se poderão distinguir pela forma como são realizadas as relações de poder inerentes ao processo de transmissão-aquisição.

Já no ponto de vista de uma prática instrucional (PI), certas famílias poderão então, ser caracterizadas pelo valor que atribuem ao processo de transmissão-aquisição de conhecimentos, onde não lhes é dado (aos filhos) qualquer controle sobre o mesmo (processo); sendo assim, neste caso a seleção, sequência, ritmagem e critérios de avaliação do ensino-aprendizagem são controlados pelos, pais (os transmissores), significando que os filhos, apenas aprendem, o que os pais desejam que aprendam (seleção), segundo uma ordem já pré-estabelecida (sequência), dentro de um determinado tempo (ritmagem) e de acordo com os padrões fixos de produção textual que os pais explicitam e definem (critérios de avaliação). Porém, outras famílias, podem pelo contrário, caracterizar-se por valorizarem um processo de transmissão-aquisição de conhecimentos que dá aos filhos um certo grau de controle sobre a sua própria aprendizagem; no respetivo caso, e dentro dos limites, os filhos poderão selecionar o que aprendem, na ordem que acharem mais conveniente, no seu próprio ritmo de aprendizagem e conforme os critérios que se ajustam aos seus padrões de realização.

Então, poderá dizer-se que em termos de significado sociológico, a prática instrucional na família é caracterizada, quanto ao primeiro caso, por relações de enquadramento forte (E+) e, no segundo caso, por relações de enquadramento relativamente mais fracas (E-). Salienta-se que qualquer das situações, a classificação é forte (C+), isto porque, na relação pais-filhos (transmissor-aquisidor), são pais (transmissor) que sempre contêm o poder, decidindo assim, a forma como se processa o ensino-aprendizagem dos filhos (aquisidor).

“Se considerarmos que os contextos familiar e escolar, enquanto contextos de socialização, se definem por um conjunto de significados e de relações de comunicação que, em última análise, são o reflexo da estrutura hierárquica que caracteriza esses contextos...” (pág.247)

Poderemos então refletir e concordar que as crianças que são socializadas na família através de um conjunto de significados e também de relações de comunicação diferentes dos que ocorrem na escola (na sala de aula, particularmente) poderão estar prejudicadas face a outras crianças em que os significados e as relações de comunicação, valorizados então na

família e na escola, se aproximam; isto porque a escola está instituída num código elaborado, em que os significados são, por essa razão, de natureza universal e considerando que as práticas pedagógicas escolares, enquanto realizações diferenciais desse código, podem assumir-se como modalidades mais focadas no aquisidor; compreendendo então, em que medida o insucesso escolar pode estar ligado a aspetos de natureza sociológica que têm a ver com a relação de continuidade ou da descontinuidade entre as diversificadas componentes que definem os contextos de socialização a nível familiar e escolar.

“Os resultados de investigações já realizadas em Portugal (Morais et al., 1993; Pires e Morais, 1995^a, 1995b), em que a influência da relação família-escola no aproveitamento escolar foi estudada tendo como base indicadores sugeridos por esta forma de análise da família, dão algum apoio à ideia de que as relações sociais que caracterizam o contexto pedagógico familiar, e que se consubstanciam através das regras discursivas e hierárquicas que regulam as práticas instrucional e reguladora dos pais/mães, se revelam como componentes diferenciais que interferem na resposta das crianças às características dos contextos escolares.” (pág. 251)

Através do que fora referido anteriormente, é possível compreender que através desta forma de análise, poderá obter-se indicadores que auxiliam na explicação de um ponto de vista sociológico, as situações de insucesso escolar que se afastam do padrão geral de relação entre o aproveitamento e o grupo social, de onde os alunos pertencem (classe social, género, etnia).

3. Relação escola-família na Legislação Portuguesa

No decorrer dos anos, a legislação portuguesa tem vindo a deparar-se com diversas modificações no que consta ao envolvimento parental na escola. A referência ao envolvimento familiar inicia-se no ano de 1976, após o 25 de Abril, onde a Constituição da República sente a necessidade de colaborar com o estado e as famílias portuguesas, sendo que o foco seria a educação das crianças.

No mesmo ano, o Decreto - Lei n.º 769-A/76, de 23 de outubro, legaliza a institucionalização da gestão democrática das escolas em termos formais, garantindo o retorno do poder aos serviços centrais do ministério.

Porém, mais tarde com a Lei n.º 7/77 de 1 de fevereiro e o Despacho Normativo n.º 122/79 de 1 de junho é que os Encarregados de Educação puderam verificar, através das Associações de pais, o “seu papel de representação a nível dos estabelecimentos de ensino”, podendo assim “dar parecer sobre as linhas gerais de política e educação nacional e da juventude e sobre a gestão dos estabelecimentos de ensino” (Silva, 2003, p.141).

O Decreto - Lei n.º 315/84 de 28 de setembro no ano de 1984, normaliza a criação das associações de pais com as instituições da Educação Pré-Escolar e as escolas do 1º ciclo.

Entra em vigor a Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, onde o protagonismo dos pais se intensificou nas escolas, para que assim se pudesse assegurar a integração da escola com o meio. A participação dos pais na escola tornou-se a meta mais importante.

Recentemente a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º85/2009 de 27 de setembro), os artigos 5º e 7º expõem os objetivos da Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Quanto ao artigo 5º que se refere à Educação Pré-Escolar, este poderá ser definido pelo objetivo, no que diz respeito à temática do envolvimento familiar: “Fomentar a integração da criança em grupos sociais diversos, complementares da família, tendo em vista o desenvolvimento da sociabilidade”. No artigo 7º, referente ao ensino básico, é mencionado o “participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias”.

Em 1989, no Decreto-Lei n.º 43/89 de 3 de fevereiro, o regime de autonomia das escolas é estabelecido, permitindo, assim, que cada escola pratique práticas diferenciadas.

No dia 4 de maio de 1998, a partir do Decreto-Lei n.º 115 A/98 de 4 de Maio é exposto o direito de participação dos pais na vida escolar dos seus filhos, para que, assim, houvesse uma melhoria, quanto à “qualidade” do educando. A família é “um elemento fundamental da sociedade”, sendo obrigação do Estado “cooperar com os pais na educação dos filhos”, de acordo com a Constituição (artº67).

Em 2008 surge o Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de abril, no qual retifica o regime jurídico da administração, autonomia e gestão das escolas. O presente decreto fortalece "a participação das famílias e comunidades na direcção estratégica dos estabelecimentos de ensino" a partir da abertura da escola ao exterior e da “efectiva capacidade de intervenção de todos os que mantêm um interesse legítimo na atividade e na vida de cada escola”.

Conclui-se que é possível entender, a existência de condições legislativas para a promoção do envolvimento e participação parental na escola, para a utilização dos educadores/professores.

3.1 A Relação escola-família

O Ministério da Educação (ME) reconhece a relevância da promoção do contacto e da cooperação entre as instituições escolares e a família, uma vez que estes dois sistemas

cooperam entre si para a educação de cada criança, sendo que a existência de uma relação próxima entre os dois é fundamental (ME, 1997, p. 43).

Segundo Diogo (1998, citado por Zenhas, 2006, p. 23) “a colaboração entre a escola e as famílias promove, nas crianças, sucesso escolar, autoestima, atitudes positivas face à aprendizagem”.

De acordo com Perrenoud (2001, citado por Pereira, 2009, p. 50) “na nossa sociedade, o destino de uma família está, em parte, ligado à escolaridade dos seus filhos”, ou seja, é imprescindível a promoção do dever e cidadania à família, “consciencializando-os para a necessidade de participarem ativamente na vida escolar”, isto de maneira a conseguirem dar o apoio, para que naturalmente, os educandos possam cumprir os seus objetivos e ambições. Assim, a família é um meio essencial para o desenvolvimento da criança, onde a relação de cooperação entre dois sistemas contribui para a valorização que as crianças sentem pela escola e, claramente, a família pela mesma.

Para Ramiro Marques (2001), “não restam dúvidas de que os pais são os primeiros educadores da criança e, ao longo da sua escolaridade, continuam a ser os principais responsáveis pela sua educação e bem-estar. Os professores são parceiros, devem unir esforços, partilhar objetivos e reconhecer a existência de um bem comum para os alunos” (p.12).

Sendo assim, a herança de valores não poderá ser exceção de um só sistema pois “que resulta necesaria la coordinación de los mensajes que los niños y niñas reciben en sus hogares y en la escuela y la continua colaboración de las familias con el centro docente” (Dirección General de Participación y Solidaridad en la Educación, DGPSE, 2006, citada por Barradas, 2012, p.20).

Para Marujo, Neto e Perloiro (2005, citados por Sousa e Sarmiento, 2010, p.148) o envolvimento na educação escolar dos filhos é uma responsabilidade e um direito dos pais. As mesmas autoras afirmam ainda (2010, p.149), que a relação escola, família e comunidade encaminha-nos a uma “cultura de cidadania e a um aprofundamento democrático, quer a nível representativo, quer participativo”, pois a decisão é tomada, sempre, pelos três.

De acordo com Tavares e Alarcão (1992, p.145), a família é um dos “principais factores de intervenção e de influência no processo de desenvolvimento e de aprendizagem”.

Desta forma, os educadores/professores são responsáveis pela promoção e uma maior aproximação das famílias no contexto educativo da criança, fomentando a comunicação entre a escola e a família, envolvendo os pais em atividades de aprendizagem, nos dois contextos, escola e casa.

Marques (1994), participa da mesma ideia, afirmando que a cooperação entre a escola e família melhora a qualidade de ensino e promove o sucesso escolar.

A relação entre a família e a escola “tem tanto de inevitável como de construído” (Alarcão, 2006, p.154), ou seja, os dois sistemas estão privados um ao outro, devendo ter o cuidado de fortalecer um elo de ligação que reforce o desenvolvimento da criança. Assim sendo, as famílias e os profissionais de educação têm um papel ativo na educação das crianças, pois “esse papel e as regras que o regem precisam de ser negociadas, discutidas e construídas por todos os intervenientes” (Sarmiento e Marques, 2002, p.47).

3.2 As vantagens da participação e envolvimento parental

Diversos estudos demonstram que a relação que se estabelece entre a escola e a família é benéfica para o bom desenvolvimento e aproveitamento escolar das crianças.

O envolvimento parental na vida escolar dos alunos amplia a motivação dos mesmos pelo estudo, auxilia os pais a compreenderem o esforço, elaborado pelos professores e a cumprirem os seus papéis (Marques, 2001). Desta forma, o envolvimento parental irá facilitar o trabalho dos professores, pois, a comunicação entre os mesmos (pais e professores), será mais positiva (Epstein, 1989, citado por Davies, 1989).

De acordo com Silva (2003),

uma maior co-responsabilização dos pais no processo educativo dos seus educandos tem resultados positivos para estes, daí advenientes, para além de uma valorização social das famílias, sobretudo as de meios populares, a partir da imagem que lhes é devolvida pela instituição escolar (p.28).

Segundo Sousa e Sarmiento (2010) após diversos estudos publicados por vários autores, existe uma correlação forte e positiva entre os resultados escolares, a assiduidade e o comportamento dos alunos e a existência e qualidade do envolvimento das famílias, é hoje consensual a necessidade vital de se estabelecer e desenvolver uma cooperação estreita entre a escola e a família, sob pena de se não cumprirem os objetivos esperados da função educativa (p.147).

Os mesmos autores, Sousa e Sarmiento (2010, p, 148) ainda nos dizem que “o sucesso educativo (...) está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum”. Para Pedro Silva (2009) “quanto mais estreita a relação entre escolas e famílias, maior o sucesso educativo das crianças e jovens” (Ibidem, 2010, p.149).

Alves e Leite (2005) são da mesma opinião: a cooperação escola – família – escola exige vontade, tempo, perseverança (...) é uma das condições essenciais para que os

processos de ensino aprendizagem sejam mais ricos (...) para que sejam melhores os resultados dos alunos” (p.9). Desta forma, o envolvimento parental é fulcral para o processo de ensino-aprendizagem das crianças e “estudos realizados (...) nas últimas três décadas mostram que, quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento escolar. (Marques, 2001, p.19).

Gervilla (2008) expõe um conjunto de vantagens na participação familiar, sendo essencial que os pais participem na vida escolar dos filhos, estando, naturalmente, mais atentos às necessidades dos mesmos. A autora, também, afirma que a participação traz um equilíbrio do poder e uma redução de conflitos. Posto isto, a participação é essencial para a boa gestão democrática na instituição educacional (Gervilla, 2008).

Fernández (2011) demonstra um conjunto benefícios do envolvimento parental para o sucesso educativo das crianças (Quadro 1).

Quadro 1 – Benefícios do envolvimento parental por Fernández (2011 citado por Barradas, 2012, p.60)

Escola	<ul style="list-style-type: none"> ○ Professores mais satisfeitos e empenhados; ○ Ensino mais centrado no aluno; ○ Mais competente e eficaz; ○ Maior relação com as famílias e com a comunidade;
Aluno	<ul style="list-style-type: none"> ○ Melhora a atitude sobre a escola; ○ Aumento do sucesso escolar; ○ Permite ter melhores hábitos de estudo; ○ Permite adquirir mais habilidades sociais; ○ Aumenta a probabilidade de continuar a escolaridade; ○ Diminuem os conflitos;
Família	<ul style="list-style-type: none"> ○ Melhora a compreensão sobre os programas escolares; ○ Melhora a comunicação com os educandos; ○ Melhora a comunicação com os profissionais de educação; ○ Aumenta a confiança e a autoestima; ○ Aumenta o compromisso social e comunitário; ○ Visão positiva sobre a Instituição;

3.3 Conceito e tipos de participação e envolvimento parental

Variadíssimos autores enaltecem o valor da distinção dos termos: envolvimento parental e participação.

De acordo com Epstein e Davies (1997, p.81), a participação tem a ver com a colaboração dos pais nas atividades, sendo que “corresponde tanto à capacidade de tomada de decisões dentro da escola como à de influir na definição de uma política educativa”. Porém, segundo, Davies (1989, p. 38) o envolvimento parental refere-se a “todas as actividades desenvolvidas pelos pais para que os filhos obtenham sucesso educativo. Estas actividades tanto podem ser desenvolvidas em casa como na escola” (1989, p. 38).

Para Homem (2002, p. 44) “participar é interferir - legal ou espontaneamente, clara ou dissimuladamente – numa decisão; é ter ou criar uma mais-valia de poder a seu favor”.

Segundo Brandão (1988, citado por Reis, 2008) “define envolvimento como um leque de interações entre a Escola e a Família desde a simples participação dos encarregados de educação em reuniões mais ou menos formais, até à execução de tarefas específicas na escola, em colaboração com os professores” (p.71).

A DGPS (2006, citado por Barradas, 2012) diz-nos que o envolvimento parental é um fator de qualidade para o sistema educativo e, conseqüentemente, um instrumento básico de cidadania, de liberdade e de responsabilidade.

Silva, reforça a ideia (2003, p.83) afirmando que por envolvimento “entende-se geralmente o apoio directo das famílias aos seus educandos”, o presente termo abrange as relações entre os alunos e os pais. Quanto à definição de participação, o respetivo autor remete-nos “para a integração de órgãos na escola, nomeadamente ao nível da troca de informações entre a família e a escola, associações de pais ou órgãos a outros níveis do sistema educativo” (ibidem).

Neste sentido, diversos autores defendem diferentes modelos de envolvimento e participação parental.

Epstein (1984) sugere a existência de um modelo possível, composto por seis formas de envolvimento parental, onde a escola, a família e a comunidade promovem o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, porém, este deve ser visto como um todo (Quadro 2).

Quadro 2 - Tipologia do envolvimento parental, elaborado a partir de Joyce Epstein, 1984 (citado por Carvalho, 2008, p. 57)

Tipologia de Joyce Epstein

Tipo 1: Ajuda da Escola à Família – a escola acompanha as famílias no seu papel educativo ajudando-as a criar as condições físicas, emocionais e educativas para as crianças aprenderem.

Tipo 2: Comunicação Escola - Família – a escola estabelece comunicação com as famílias acerca da escola, das aprendizagens e progressos dos alunos.

Tipo 3: Ajuda da Família à Escola – a escola envolve a família em atividades de voluntariado na escola.

Tipo 4: Envolvimento da Família em Atividades de Aprendizagem em Casa – a escola orienta a família para a realização de atividades de aprendizagem em casa.

Tipo 5: Participação na Tomada de Decisões – a escola inclui a participação das famílias ou dos seus representantes nos órgãos de tomada de decisão na escola nos assuntos relacionados com a aprendizagem dos alunos.

Tipo 6: Intercâmbio com a Comunidade – existe uma partilha de responsabilidades e recursos entre a escola e as instituições comunitárias que trabalham com crianças e jovens

Existem três tipos de participação, para Lima (1992): a participação passiva, onde a família apresenta comportamentos e atitudes de total desinteresse, apatia e ausência de informação; a participação considerada reservada, onde os pais aguardam uma tomada de decisões tendo uma atividade menos voluntária e por fim, a participação ativa, em que existe uma postura de forte envolvimento, por parte dos pais, quanto à organização individual e coletiva.

São apresentadas tipologias de pais por Stoer e Cortesão (2005), onde se determinam critérios e comparações quanto à forma como o “pai” se envolve com a escola e qual o seu papel, quanto à educação dos educandos. Para estes autores, o “pai parceiro” e o “pai colaborador”, são os que apresentam uma relação mais estreita com escola, pois mantêm um contacto persistente, atribuindo assim, a verdadeira relevância à escola.

A última tipologia apresenta uma proximidade maior com a escola tanto a nível cultural como linguístico. O “pai abordável” é o mais próximo da escola a nível cultural, porém revela uma disponibilidade baixa. Quanto ao “pai hostil/indiferente” podemos deduzir que o mesmo mantém um contacto reduzido com a escola.

Marques (1997, citado por Fonseca, 2011) expõe três modos de envolvimento parental: a comunicação entre escola-família, onde os professores se esforçam e são responsáveis por tirar dúvidas aos pais e consequentemente estes consigam auxiliar os seus filhos; a parceria entre escola-família, onde a tomada de decisões para a gestão da escola é elaborada em

parceria entre os dois sistemas e por fim, a interação escola-família, em que a família e a comunidade são consideradas como um recurso de aprendizagem para a escola.

3.4 Dificuldades na relação escola-família

Nunes (2004, p.20) diz-nos que “a relação escola-família é ainda incipiente e quase estéril”, ou seja: esta relação distancia-se do que realmente se espera.

Segundo Reis (2008, p.71), diversas experiências de envolvimento parental nas escolas, têm sido elaboradas, porém, a mesma afirma que ainda permanecem obstáculos/dificuldades quanto “à criação de bons programas”.

É possível considerar quatro tipos de obstáculos, de acordo com Marques (2001): o costume/tradição da separação que ocorre entre a família e escola; a culpabilização dos pais pelas dificuldades inerentes dos educandos e as estruturas familiares e os constrangimentos culturais.

Marques (2001) também afirma que uma das dificuldades do envolvimento parental na escola provém dos receios que os professores têm quanto a esse mesmo envolvimento se transformar numa espécie de instrumento que controle as suas práticas pedagógicas.

Juntamente com esta situação, existem as expectativas dos professores quanto às famílias, idealizando um modelo, esperando que as mesmas consigam entender qual a função da escola, o que irá certamente facilitar a sua participação. Porém, este fator faz com que outros pais sejam vistos como desinteressados, no que diz respeito à vida escolar dos educandos (Sousa e Sarmiento, 2010).

Para Davies (1989), a classe social das famílias dificulta o processo de envolvimento dos pais.

Segundo Lima (2002, citado por Sousa e Sarmiento, 2010, p.150) a relação existente entre a família e a escola perdura até aos dias de hoje como um “assunto polémico”, pois, a escola culpabiliza os pais pela “ignorância passiva” e a família culpa os professores por “hostilizarem as perceções” dos mesmos.

Para Sarmiento e Marques (2002, p.32), esta é uma influência que acompanha desde anos anteriores, pois “a educação era, assim, monopólio da escola e do poder centralizado e andava de costas voltadas a tudo o que acontecia na comunidade”.

Muitos pais são da opinião que a responsabilidade da escola é educar os seus filhos, fazendo com que o professor fique encarregue desse mesmo papel, livrando-se da responsabilidade de serem os primeiros e permanentes educadores (Sousa e Sarmiento, 2010).

Uma das barreiras positiva que intervém na relação escola-família, é o funcionamento e organização das mesmas, ou seja, quanto à sua centralização e rigidez interventiva. Esta mesma barreira aumenta a

“Desadequação dos espaços e dos horários de atendimento aos pais; a falta de um espaço gerido por estes, onde se possam encontrar informalmente e planificar a sua intervenção; a falta de formação especializada dos professores, sobretudo dos diretores de turma, para se relacionarem com as famílias e as comunidades; o uso de uma linguagem demasiado técnica e codificada; o pendor altamente burocrático do seu funcionamento e o ‘fechamento’ à intervenção, opinião e crítica externa” (Sousa e Sarmento, 2010, p.151).

Segundo Pinto (2006, citado por Rodrigues, 2013) concluiu-se que:

Os professores, apesar de considerarem necessários os contactos entre a escola e a família para a promoção do sucesso escolar dos alunos, não criam condições para que estas possam participar activamente na planificação e implementação de actividades limitando-se a estabelecer contactos para a troca de informações, “quando necessário. (p.23).

Luísa Homem (2002) nos seus estudos apresenta-nos um conjunto de fatores/questões que interferem na participação dos pais na escola. O primeiro fator fala-nos das questões de poder, uma vez que a participação é considerada pelos diversos agentes educativos (pais e professores) como “uma tentativa de manipulação, uma perda de tempo, um impedimento à sua autonomia e uma crítica à sua competência” (Demailly, 1991, citado por Homem, 2002, p.60). A autora, ainda afirma que os professores certas vezes consideram a participação dos pais como “um excesso de poder (...), não a desejando porque têm medo de perder a sua autonomia tradicional (...) ou porque têm medo do controlo que possa ser exercido sobre eles (...)” (2002, p.60).

São também mencionadas, questões de valores políticos e culturais, onde a autora nos diz que “a participação implica, muitas vezes divergência e discórdia”, ou seja, a questão da participação surge relacionada com a confiança que os agentes educativos têm uns nos outros, na disponibilidade, na aceitação e na valorização do outro (2002, p.61). Sendo assim, é necessário que os professores compreendam diferentes valores culturais, tal como o aceitar sugestões e a participação parental na escola. No que diz respeito aos pais, “caso esta aceitação não seja visível, (...) gera-se um sentimento de impotência política (...) que, (...) afasta os pais da participação e da escola” (2002, p.61).

As questões profissionais, nomeadamente dos professores, “a participação dos pais pode ser considerada pelos mesmos como uma ingerência e intromissão no saber e na perícia de profissionais”; neste caso, os professores têm receio que seja posto em causa o seu conhecimento, gerando insegurança (2002,p.61). Já os pais desculpam a sua ausência com a

falta de tempo e incompatibilidade de horários, transferindo a responsabilidade de educar apenas, para os profissionais de educação.

Para finalizar, questões que dizem respeito à experiência dos atores, estão relacionadas com as experiências vivenciadas pelos pais, no âmbito escolar, quer em criança, como a partir do contacto e das interações estabelecidas com os diversos profissionais de educação. O respetivo contacto, está relacionado com uma experiência negativa, “ou porque a sua interferência nem sempre foi bem acolhida e levada em conta, ou porque os assuntos a que são chamados a participar são tidos como trivialidades (...)” (2002, p.63). Quanto aos professores, podemos dizer que as suas vivências idealizam uma imagem do que são “bons” e “maus” pais, espelhando-se no tipo de interações estabelecidas e no grau de aceitação da participação dos pais (Homem, 2002). Sendo assim, é fulcral que as instituições de educação criem/promovam estratégias que combatam estas barreiras, tal como refere Rocha (1996, p.191) “a relação escola/ família, é uma relação que deve entender-se no plural. Existem famílias e existem escolas”

3.5 Estratégias para promoção da relação escola-família

São apresentadas diversas estratégias de promoção do envolvimento parental ou da participação, por vários autores.

Davies em 1897 sugeriu uma panóplia de estratégias, baseadas na desmitificação das famílias da época. O respetivo autor defendia que certas atitudes da escola face às famílias minoritárias deveriam ser modificadas, valorizando os pontos positivos que as famílias possuem. É fundamental que se desmistifique a ideia de um modelo de família ideal, sendo que não existe apenas um modelo de família que proporcione o bem-estar da criança; introdução de instrumentos de comunicação, tais como o telefone ou visitas presenciais; a criação de equipas que elaborem a ponte entre a escola e a família (pais voluntários, assistente social e visitador domiciliário).

Epstein (1987, citado por Marques, 1997) recomendou algumas técnicas de envolvimento parental na escola:

- Propor que os pais incluam os filhos nas atividades diárias;
- Solicitar um trabalho de casa que implique o diálogo entre os filhos e os pais;
- Sugerir jogos educativos em que possam participar pais e filhos;
- Emprestar livros aos pais;

- Solicitar que os pais leiam com os filhos regularmente, tendo a escola o papel de emprestar os livros aos pais;
- Solicitar que os pais vão com os filhos à biblioteca pública;
- Solicitar que pais questionem os filhos com perguntas sobre a escola;
- Pedir que analisem e debatam os programas educativos;
- Propor matérias diversificados para o aprimoramento da leitura, da matemática, etc, pedindo-lhes que treinem com os filhos;
- Dilucidar os pais sobre as técnicas certas de ensino;
- Solicitar aos pais que assistam às aulas;
- Entregar questionários de avaliação;
- Solicitar que assinem os trabalhos de casa.
- Criar acordos formais para a supervisão do trabalho de casa;
- Conceber acordos para sanções e recompensas, tendo em conta o aproveitamento do aluno;

Segundo Marques (2001) é fundamental que os professores abordem através de uma comunicação acessível a todos, que agendem as reuniões posteriormente às dezoito horas, de maneira a facilitar a comparência de todos os intervenientes, que adequem um espaço à receção dos pais e se os mesmos forem mais ausentes deverá incluir-se visitas ao domicílio, ficando a cargo de equipas constituídas por psicólogos e assistentes sociais.

A autora Gervilla, afirma ser necessário que o educador/professor mantenha uma ligação frequente com os pais e por essa mesma razão, Gervilla (2008) enuncia várias estratégias de promoção da relação escola - família, como, por exemplo, através da organização de reuniões em horários oportunos para que todos os pais possam, “contestar cuestionarios sobre ele funcionamiento de la escuela y el progreso de sus hijos” (Gervilla, 2008, p. 150).

De acordo com Alves e Leite (2005, citados por Rodrigues, 2013, p.26) os seus estudos demonstram diversas estratégias para estabelecer a relação entre escola-família. É evidente que as escolas “têm investido na melhoria das condições físicas e psicológicas da receção e atendimento dos pais” (...) “convidam formalmente os pais a conhecerem o seu funcionamento e não é invulgar que (...) aí almoquem esporadicamente, vejam as aulas em funcionamento, se inteirem dos modos de organização e funcionamento” (...) “podendo gerar dinâmicas de confiança, tão necessárias para um diálogo frutuoso”.

A Direção-Geral da Educação, em 2014, promoveu o Estudo de Avaliação das Orientações Curriculares e, também, da Qualidade na Educação Pré-Escolar, através da gestão

do questionário Caracterização dos Contextos de Educação Pré-Escolar a 428 educadores de infância, sendo que o objetivo seria caracterizar a atual situação dos jardins-de-infância em Portugal. Quanto ao trabalho desenvolvido com a família, participaram 158 educadores no estudo, concluindo-se que “os educadores consideram muito importante o envolvimento dos encarregados de educação no processo educativo”, foram enumeradas as estratégias que são praticadas mais frequentemente, como: “a permissão de entrada do encarregado de educação, na sala e o envio frequente de informações para casa” (69,5% e 50,7% respetivamente). Concluiu-se que as estratégias, tais como “a participação na organização da sala, a presença nas sessões da sala e a organização das atividades” mais os “momentos festivos ou (...) reuniões” praticadas pelos educadores de infância, poucas vezes (1 a 3 vezes por ano). Cabe aos educadores/professores desenvolver/promover variadíssimas estratégias de participação e envolvimento, pois é essencial que exista uma parceria entre a escola e a família para o processo de ensino-aprendizagem das crianças.

PARTE II – COMPONENTE EMPÍRICA

CAPÍTULO I – OPÇÕES METODOLÓGICAS

1. Tipo de estudo

Silva e Pinto (1989, citados por Casanova, 2012, p. 30) afirmam que “é o contacto com a realidade que nos permite construir instrumentos que proporcionem informação acerca da mesma”.

O presente relatório de estágio demonstra um estudo no domínio da investigação em educação através da convivência com a realidade da Educação Pré-Escolar, no âmbito da prática de ensino supervisionada.

Segundo Alarcão (2001) a fase metodológica esclarece os métodos a serem utilizados, para que, assim, obtenha as respostas às questões levantadas por parte da investigação.

A investigação é um processo que deverá ser conscientemente/previamente planificado, utilizando recursos às diversas escolhas metodológicas.

Para Casanova (2012, p. 31) “esta articulação entre o quantitativo e o qualitativo confere à investigação uma maior abrangência dos fenómenos” desta forma, a nível metodológico, recorreu-se a dados de natureza quantitativa e qualitativa.

2. Objetivos do estudo

A pergunta de partida busca “enunciar o projecto de investigação (...) através da qual o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível o que procura saber, elucidar e compreender melhor” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 32). Os mesmos autores, Quivy e Campenhoudt (2003), afirmam que, a pergunta de partida tem como propósito elucidar o que se pretende investigar, tendo como objetivo entender os fenómenos e acontecimentos a serem estudados. Sendo assim, a pergunta de partida que orientou a presente investigação é a seguinte: Que valor/relevância o envolvimento familiar assume para o sucesso/insucesso educativo das crianças?

Foi imprescindível perceber qual a relevância do envolvimento parental para o sucesso/insucesso educativo das crianças e assim, delinear objetivos para a investigação. Expõem-se os seguintes objetivos: compreender a potencialidade do envolvimento e participação familiar no decorrer do processo de aprendizagem para o sucesso educativo;

perceber a legislação sobre o envolvimento/participação familiar na escola; reconhecer as estratégias que potenciam o envolvimento/participação das famílias; entender quais os fatores sociais que induzem o (in) sucesso educativo; perceber quais as barreiras à relação escola-família.

3. Caracterização dos contextos de investigação

A respetiva investigação decorreu em duas instituições diferenciadas, **A** e **B**. Situam-se na cidade do Porto e ambas são Instituições Particulares de Solidariedade Social; nas presentes instituições decorreu a prática de ensino supervisionada em Educação Pré-Escolar. Estes dois estabelecimentos destinam-se à Educação Pré-Escolar, tendo como função/objetivo “O funcionamento (...) de todas as atividades, pedagógicas (...) envolvendo todo o seu pessoal e todas as crianças, em ligação permanente com os Pais e o Meio onde se encontra inserido. (...) São aspetos fundamentais para assegurar a qualidade do atendimento à criança.” (Regulamento Interno, pág.3, s/data) e ainda “O Jardim de Infância/Estabelecimento de educação Pré-Escolar é uma resposta social, desenvolvida em equipamento, vocacionada para o desenvolvimento das crianças (...) ” (Regulamento Interno, pág.1, s/data); os respetivos estabelecimentos incluem crianças entre 1 ano até aos 6 anos de idade, sendo que os responsáveis conjuntos são o Ministério da Educação e Ciência e do Ministério de Solidariedade e Segurança Social. A instituição A está integrada num meio social desfavorecido enquanto a instituição B, engloba crianças oriundas de um meio socioeconómico e cultural mais favorecido; porém, podemos classificar a população escolar, das duas instituições como heterogénea.

4. Participantes do estudo

No que diz respeito ao contexto da Educação Pré-Escolar, verificou-se a participação de cinco educadoras no presente estudo, de diferentes salas. Essas educadoras responderam a uma entrevista, os Encarregados de Educação, responderam por questionário à aplicação de inquéritos, sendo que o total de respostas obtidas foram, 15.

5. Procedimentos, técnicas e instrumentos de recolha e análise de dados

No presente estudo considerou-se adequada a utilização de técnicas diferenciadas e instrumentos de recolha de dados: entrevistas, inquéritos por questionário e análise documental.

O processo de recolha de dados é fundamental para uma investigação, pois “consiste na construção do instrumento capaz de recolher ou de produzir a informação prescrita pelos indicadores. Esta operação apresenta-se de diferentes formas, consoante se trate de uma observação directa ou indirecta” (Quivy e Campenhoudt, 2003, p.163).

Para que a implementação dos diversos instrumentos fosse aplicada, foi indispensável pedir autorização às respetivas coordenadoras do contexto, para que, assim, fossem entregues os mesmos a todos os participantes da investigação.

5.1 Entrevista

Segundo Quivy e Campenhoudt (2003, p. 192) as entrevistas “caracterizam-se por um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores”, caracterizando-se, assim, por ser um método direto. Este contacto direto “leva (...) a um maior envolvimento na conversa e na elaboração das respostas” (Sousa, 2009, p. 247).

A entrevista é um dos instrumentos apresentados na presente investigação. Sendo assim, foram feitas entrevistas a cinco educadoras, três do mesmo jardim-de-infância e duas a jardins-de-infância diferenciados; salienta-se ainda que uma das educadoras também é professora do 1ºCiclo do Ensino Básico.

As entrevistas efetuadas são semi-diretivas do tipo exploratório, isto porque, se formula várias perguntas-guia, com o intuito de alcançar respostas relacionadas com as metas predefinidas da investigação, por parte do investigador. O tipo de entrevista caracteriza-se como entrevista aberta e possui um número inferior de perguntas, para que, desta forma, o inquirido possa falar mais à vontade. O presente tema, da entrevista centra-se na relação escola-família no contexto da Educação Pré- Escolar, o objetivo principal focou-se na opinião/ideia/perspetiva do educador, no que diz respeito à participação/envolvimento parental, particularmente no grupo onde estavam incluídos.

A entrevista é composta por dezassete perguntas, sendo que quatro são de carácter pessoal e profissional e as restantes relacionam-se com a temática/problemática. Assim, tentou-se compreender a opinião/ponto de vista das educadoras no que diz respeito, à temática e a relação existente entre a respetiva instituição e a família das crianças (Anexo 2).

Salienta-se que as entrevistas foram feitas de forma individual, tendo a instituição disponibilizado tempo e um local apropriado; a entrevista realizou-se através da transcrição do que era dito por parte das educadoras.

5.2 Inquérito por questionário

Os inquéritos por questionário foram usados com os Encarregados de Educação, no contexto da Educação Pré-Escolar, sendo que as respetivas questões estão ligadas à temática/problemática em estudo. Como referido anteriormente, utilizou-se a entrevista e o questionário. A escolha deste instrumento (questionário), deve-se ao facto das pessoas se sentirem “mais seguras relativamente ao anonimato das respostas e por este facto, exprimir mais livremente as opiniões que consideram mais pessoais” (Fortin, 1999, p. 254). Para Quivy e Campenhoudt (2003, p. 189) o presente instrumento é o mais adequado para: “o conhecimento de uma população enquanto tal: as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões”.

Os inquéritos por questionário são compostos por questões semiestruturadas de carácter aberto e fechado. No que concerne às perguntas fechadas os inquiridos encontrarão variadíssimas respostas previamente criadas, sendo que terão de optar por uma. Para que haja uma aplicação correta do instrumento, é inicialmente apresentado ao inquirido a temática e as respetivas instruções para o preenchimento. No questionário contexto da Educação Pré-Escolar entregue aos Encarregados de Educação (Anexo 1), poderá verificar-se que a primeira parte é constituída por oito perguntas relacionadas com os dados pessoais e profissionais dos inquiridos. Quanto à segunda parte, poderá verificar-se que é formada por onze questões focadas na ideia/opinião dos Encarregados de Educação sobre a relação criada entre o jardim-de-infância e as respetivas famílias. Sousa (2009) diz-nos que este tipo de instrumento permite que seja aplicado simultaneamente a um grande número de inquiridos, podendo responder no momento em que lhes seja mais vantajoso. Este instrumento permite, ainda, obter “ (...) dados de uma forma relativamente rápida (...) ” (2009, p. 206).

Salienta-se ainda que os questionários foram dados aos Encarregados de Educação, explicitando o que era ambicionado.

5.3 Análise Documental

A análise documental caracteriza-se por “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original (...)” Chaumier (1974, citado por Sousa, 2009, p.262). Para Afonso (2005, p. 85) a análise de documentos, define-se como uma utilização de informação relatada em documentos anteriormente elaborados, com o intuito de alcançar os dados essenciais para dar resposta às questões da investigação. Deste modo, a análise documental possibilitou a recolha de informações, através de documentos do regime de autonomia, administração e gestão da instituição. No que concerne ao contexto da Educação Pré-Escolar, permitiu-se analisar o Regulamento Interno (RI) e o Plano Anual de Atividades (PAA).

Sendo assim, o foco da respetiva análise foi entender a forma como as famílias são incluídas/envolvidas pela mesma. Salienta-se assim que os documentos pedidos foram facultados no começo da prática de ensino supervisionada.

5.4 Observação participante

Segundo Quivy & Campenhoudt (2003 p. 197) “o acto de observar será estruturado, na maior parte dos casos, por uma grelha de observação previamente constituída”; desta forma utilizaram-se registos de atividades referentes ao projeto EQuap, no contexto pré-escolar, tendo como foco de atenção, entender quais as situações onde ocorreram o envolvimento e participação dos Encarregados de Educação (Anexo 4). Para Sousa (2009, p. 109) “a observação permite efetuar registos de acontecimentos, comportamentos e atitudes, no seu contexto próprio e sem alterar a sua espontaneidade.” O respetivo autor crê que as modalidades de observação podem modificar segundo determinadas circunstâncias, nomeadamente o tipo de participação (participante ou não participante). Salienta-se ainda que a presente investigação resultou de forma participante, pois, “ (...) consiste no envolvimento pessoal do observador na vida da comunidade educacional que pretende estudar, como se fosse um dos seus elementos, observando a vida do grupo a partir do seu interior, como seu membro” (Sousa, 2009, p. 113).

5.5.1 Contextualização do projeto EQuaP

O projeto EQuap intitula-se como uma Parceria Estratégica Erasmus+, no que diz respeito à educação, sendo o mesmo constituído por onze parceiros de sete países da União Europeia, designadamente a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, representada, por três docentes.

O objetivo primordial do presente projeto será cooperar para que haja uma maior/melhor qualidade de ECEC (Early Childhood Education and Care), no que diz respeito ao reconhecimento das famílias como um elemento chave do respetivo sistema, na Europa. Existem, assim, objetivos como: aprimorar as estratégias e capacidades dos professores no que concerne ao envolvimento dos pais, conhecendo/aprendendo com as vivências de diversos companheiros de outros tantos países e progredir no que diz respeito à interação e integração dos partícipes (comunidade, famílias, profissionais e crianças); reconhecer os melhores métodos e práticas inovadoras de participação, nomeadamente no contexto da diversidade (minorias, diversidade cultural e socioeconómica etc.) (EQuap, 2015).

Os resultados essenciais que o projeto EQuap anseia obter, são as recentes e inovadoras formas de se participar; competências melhoradas no que diz respeito à participação dos profissionais da ECEC; aumentar a internacionalização e a potente dimensão europeia quanto às atividades pré-escolares envolvidas; recentes investigações sobre a participação no ECEC e por fim, o projeto fortalecer indicadores mais eficientes através de indicadores de qualidade já presentes na participação (EQuap, 2015).

Tabela 1 - Cronograma de investigação

CAPÍTULO II – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PRÉ – ESCOLAR

No presente capítulo poderá verificar-se a análise dos documentos de administração e gestão da instituição, documentos de regime de autonomia, bem como a análise detalhada de registos de atividades quanto à participação e envolvimento das famílias, no respetivo contexto. Para que tudo seja mais bem explícito serão expostos os resultados conseguidos através do inquérito por questionário direcionado aos Encarregados de Educação e as entrevistas efetuadas às educadoras do jardim-de-infância, da instituição e fora da mesma.

1.1 Análise dos documentos de regime de autonomia, administração e gestão da instituição

Nesta fase far-se-á uma análise aos documentos da respetiva instituição, para que se possa entender o modo como a participação e envolvimento das famílias é fomentada, promovida e estimulada na instituição. Para que tal facto seja possível, analisar-se-á o Plano Anual de Atividades e o Regulamento Interno. O Decreto-Lei nº 137/2012 diz-nos que o Regulamento Interno é um “documento que define o regime de funcionamento da escola, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços de apoio educativo, bem como os direitos e os deveres dos membros da comunidade escolar”. Um dos diversos objetivos e metas estipulados no Regulamento Interno é que se promova o envolvimento e a participação dos familiares e/ou representantes legais, no desenvolvimento e processo educativo da criança, de modo a que se estabeleçam relações de entreajuda e colaboração na comunidade. Assim sendo, este documento torna-se fulcral, uma vez que esclarece o modelo organizacional da instituição e nos elucida sobre o modo de funcionamento dos seus respetivos órgãos de gestão.

A respetiva instituição tem como missão, incentivar a que haja uma relação, uma ponte entre Escola e Família para a procura de uma perspetiva conjunta e unida, que colabore no desenvolvimento global da criança.

No que concerne aos direitos dos Pais e Encarregados de Educação, está indicado que os mesmos poderão estabelecer contacto quer com os educadores quer com os funcionários da instituição, sempre que for necessário e se justifique, bem como o conhecimento do Regulamento Interno e o Plano Anual de Atividades.

A instituição fornece o apoio à família, através da alimentação e do prolongamento de horário, assim que necessário; estes são alguns dos principais serviços prestados pela mesma.

O Plano Anual de Atividades intitula-se como um dos “documentos de planeamento, que definem, em função do projeto educativo, os objetivos, as formas de organização e de programação das atividades e que procedem à identificação dos recursos necessários à sua execução”. O mesmo consiste num dos instrumentos de autonomia, pronunciados na alínea c) do n.º 1 do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 137/2012, de 2 de julho. Assim, no PAA da presente instituição, poderão verificar-se diversas atividades com intuito de promover a participação e envolvimento da família no desenvolvimento do processo educativo das crianças. Poderão salientar-se, as entrevistas aos pais, dando a conhecer o trabalho elaborado nas salas e a escuta ativa das suas preocupações e receios; a avaliação do 1º período, onde se dá a conhecer aos pais o desenvolvimento das crianças e estabelecer automaticamente a relação escola-família; os dias comemorativos (Dia da Mãe e do Pai) para que se desenvolvam atitudes de amor e diálogo entre pais e filhos, sensibilizando a importância das famílias; a apresentação e divulgação dos projetos lúdicos das crianças, vivenciados durante o ano letivo e por último, a festa dos finalistas.

1.2. Inquérito por Questionário aos Encarregados de Educação

No presente ponto serão expostos os resultados dos inquéritos obtidos, por questionário, respondidos por 15 Encarregados de Educação, da respetiva instituição (Instituição Particular de Solidariedade Social Centro de Bem Estar Nossa Senhora do Socorro).

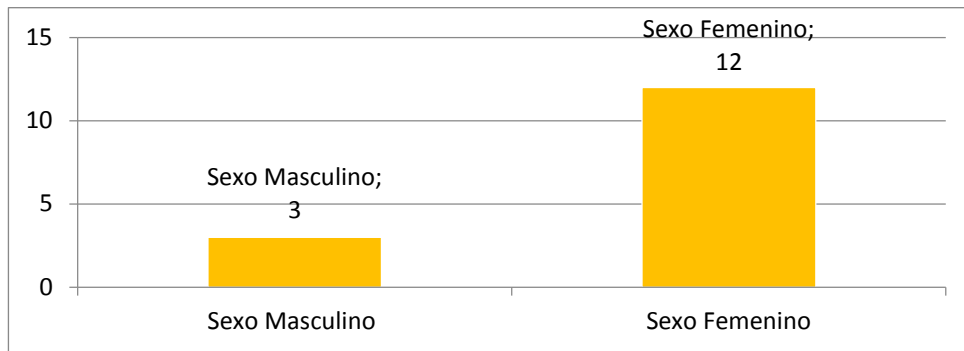


Gráfico n.º 1 - Género dos Encarregados de Educação

Através do gráfico n.º 1 verifica-se 12 dos inquiridos são do género feminino e 3 do género masculino.

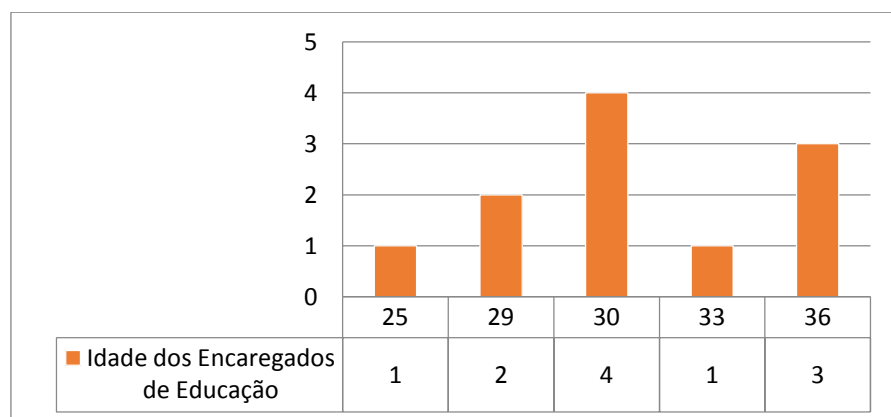


Gráfico n.º 2- Idade dos Encarregados de Educação da Instituição

Tal como é possível observar no gráfico n.º 2, a maioria dos inquiridos têm idade compreendida entre os 30 e 36 anos, existindo ainda, Encarregados de Educação com idades

entre os 25 e 33 anos. Desta forma, pode-se afirmar que estamos perante um grupo de participantes jovens.

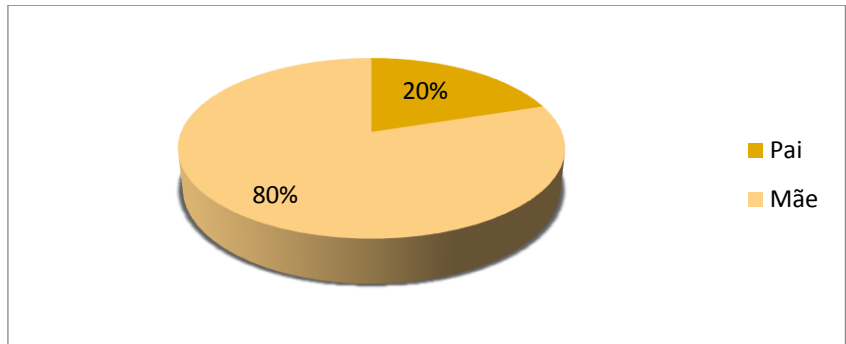


Gráfico n.º 3 - Grau de Parentesco

O gráfico n.º 3 demonstra-nos que as mães foram as principais responsáveis pelo preenchimento do questionário (80%), cabendo aos pais uma pequena percentagem (20%). Neste sentido, podemos afirmar que as mães são os Encarregados de Educação, tendo assim um contacto mais direto com o jardim-de-infância.

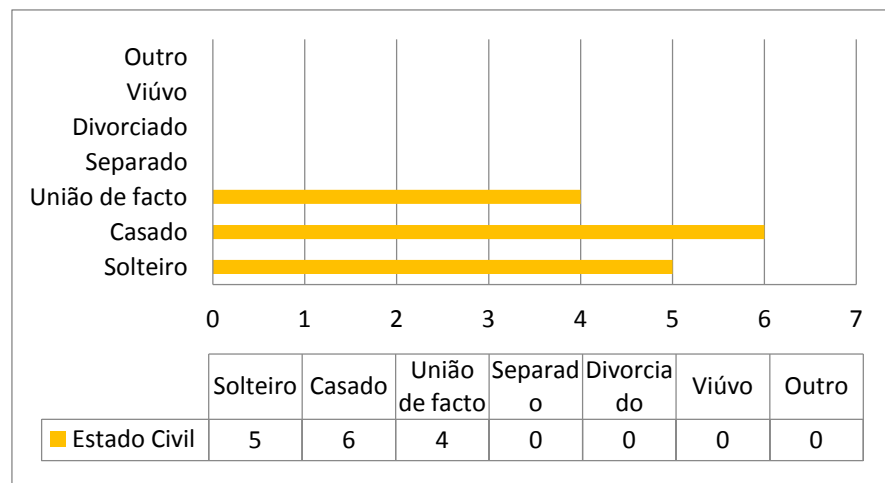


Gráfico n.º 4- Estado Civil

Relativamente ao estado civil dos Encarregados de Educação é possível verificar que a maioria são casados.

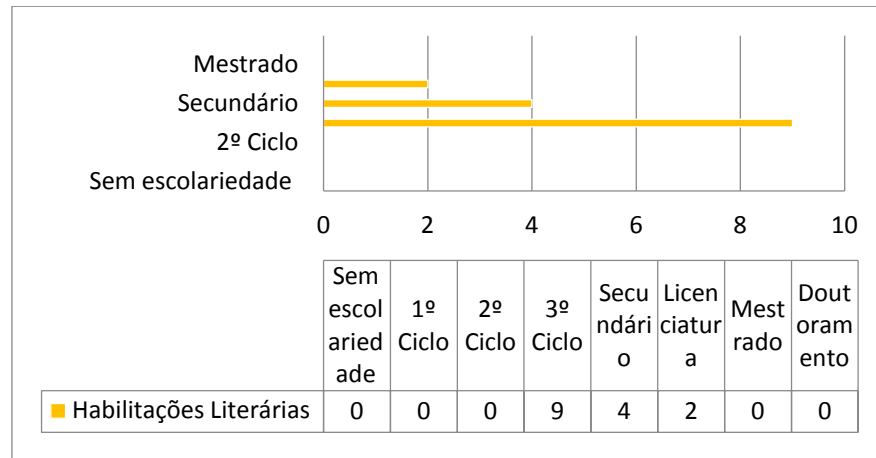


Gráfico nº 5 - Habilitações Literárias

Quanto ao nível de escolaridade dos Encarregados de Educação, verifica-se que 9 dos 15 inquiridos possuem o 3º Ciclo. Existem ainda, quatro inquiridos que possuem o nível secundário e dois têm um curso superior, nomeadamente a licenciatura.

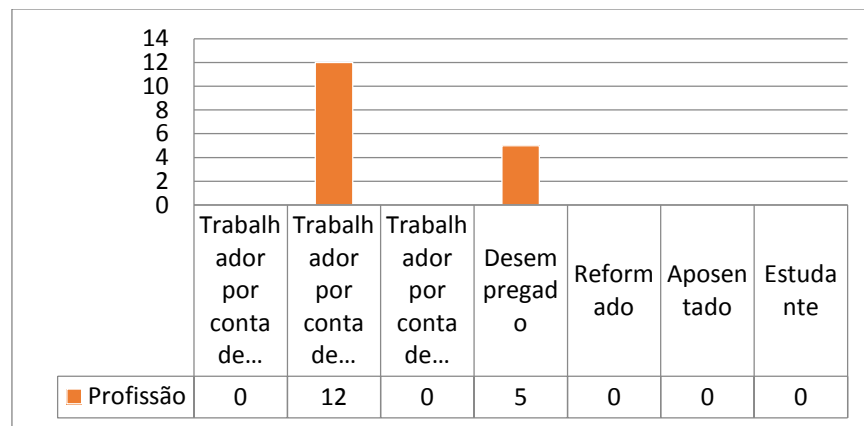


Gráfico nº 6 - Profissão dos Encarregados de Educação

No que diz respeito à profissão dos inquiridos, mais de metade do total da amostra exerce a sua atividade profissional no setor privado. Verifica-se que o número de desempregados não é muito elevado uma vez que mais de metade dos inquiridos, trabalha.

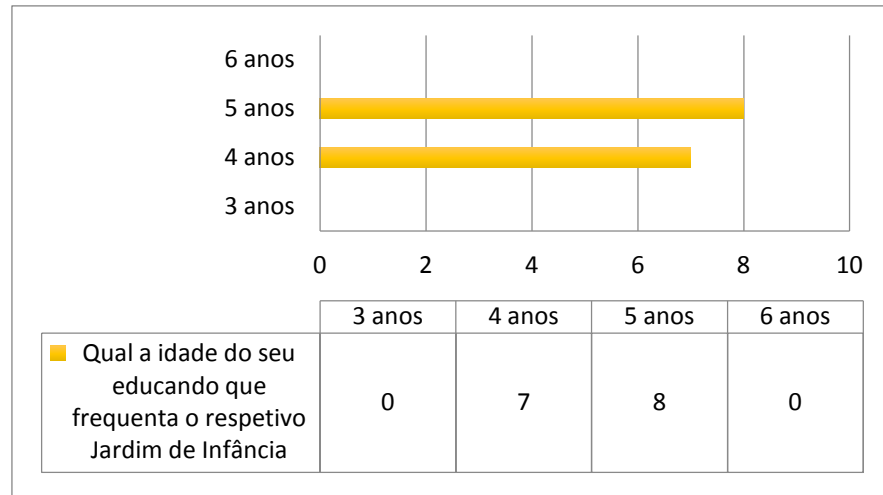


Gráfico nº 7- Idade do Educando

Relativamente à idade do educando dos inquiridos verifica-se que as crianças têm idades compreendidas entre os 4 e 5 anos.

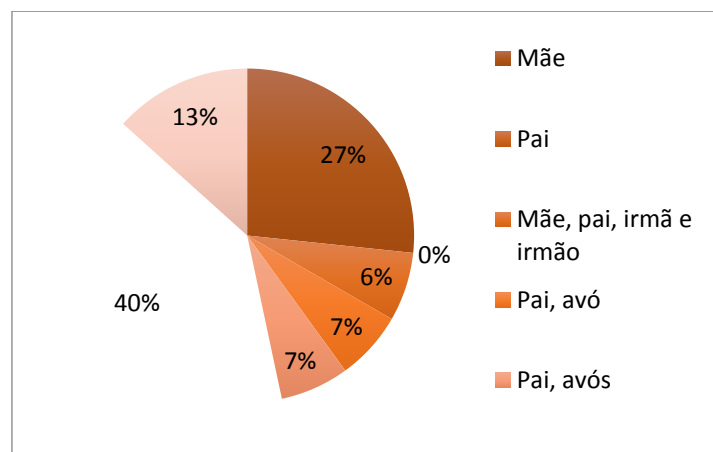


Gráfico nº 8 - Com Quem vive o Educando

A maior parte das crianças vive com ambos os pais e, em alguns casos, apenas com a mãe; ainda podemos verificar que existe uma criança a viver com os pais e irmãos, uma criança que vive com o pai e a avó, outra que vive com o pai e avós e por fim, duas que vivem com a mãe, pai e irmão. Tal facto vai ao encontro do que já vimos no gráfico n.º 4, em que há um maior número de Encarregados de Educação casados. De seguida, será caracterizada a relação estabelecida entre jardim-de-infância e as famílias.

Relação Escola-Família

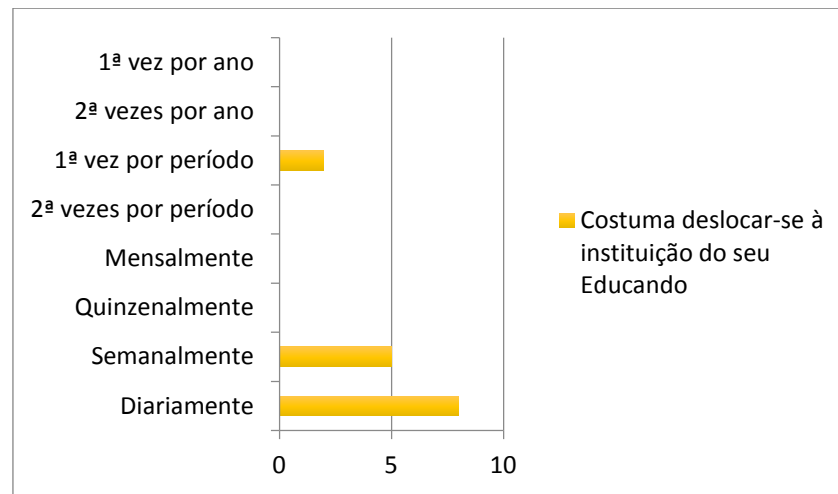


Gráfico n.º 9 - Deslocação ao Jardim de Infância

Através do gráfico n.º 9 é possível constatar que a maioria dos inquiridos tem por hábito deslocar-se ao jardim-de-infância do seu educando diariamente, sendo que 5 dos 15 inquiridos, desloca-se semanalmente e outros 2 uma vez por período.

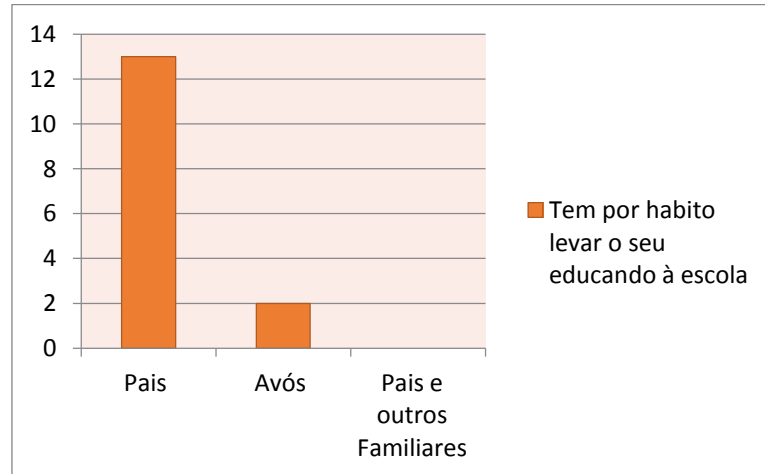


Gráfico n.º 10 - Quem transporta o Educando ao Jardim de Infância

Na análise destes dados constata-se que são sobretudo os progenitores quem leva os educandos ao jardim-de-infância, seguindo-se os avós.

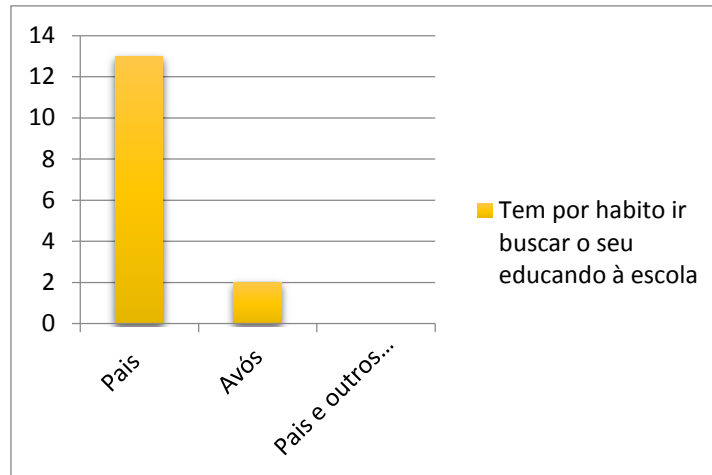


Gráfico nº 11 - Quem vai buscar o Educando ao Jardim de Infância

Verifica-se que os progenitores apresentam uma maior ida ao jardim-de-infância para ir buscar os seus educandos, seguindo-se, novamente, os avós.

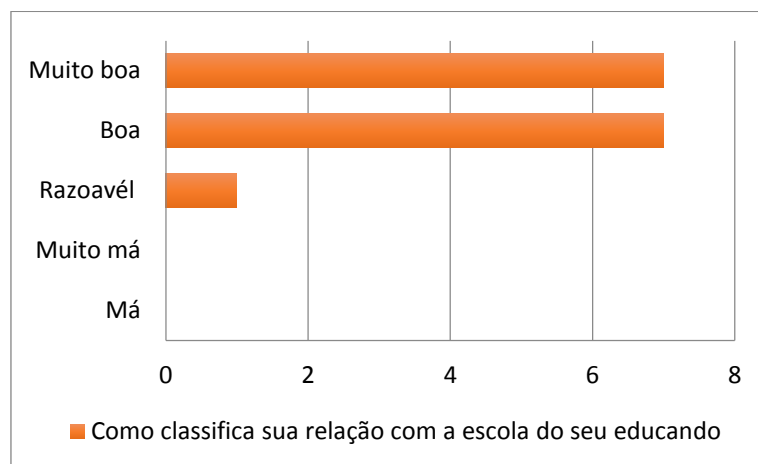


Gráfico nº 12 - Classificação da relação com o Jardim de Infância do Educando

Na relação que o Encarregado de Educação estabelece com o jardim-de-infância é possível verificar que se caracteriza por ser “Muito Boa” e “Boa”, apresentando assim, o mesmo número de inquiridos que responderam. Os restantes inquiridos responderam que a relação é razoável.

Relativamente aos tipos de participação, foi pedido aos inquiridos que classificassem a relação escola-família segundo os seguintes parâmetros:

a) Participo nas atividades propostas pela Instituição, de forma voluntária, como por exemplo: atividades letivas, visitas de estudo, colaboração com algo pedido pela Educadora;

b) A Instituição dá a conhecer o progresso das crianças, as atividades desenvolvidas e as que serão realizadas;

c) Apoio e participo no desenvolvimento de atividades na comunidade onde a Instituição está inserida;

d) Auxilio o meu educando na realização de atividades em casa e partilho ideias e opiniões com a Educadora;

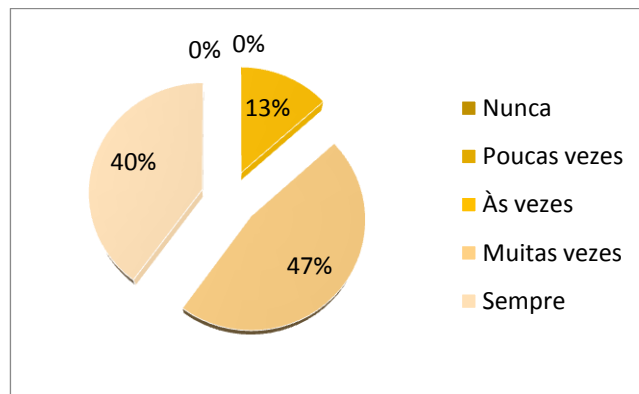


Gráfico n.º 13 - Participação nas atividades propostas pela instituição, de forma voluntária e a sua frequência

A maioria dos Encarregados de Educação afirma envolver-se “Muitas vezes” (47%) e “Sempre” (40%), de forma voluntária, nas atividades do jardim-de-infância. Contudo, 13% inquiridos afirmam que a sua participação é feita “Poucas Vezes”.

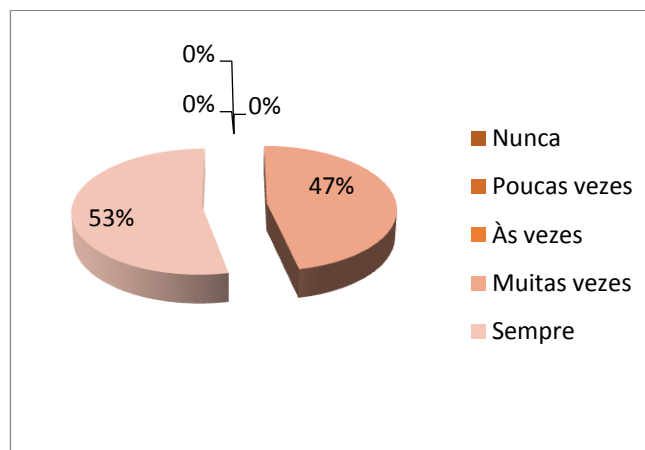


Gráfico n.º 14- A instituição dá a conhecer o progresso das crianças, as atividades desenvolvidas e as que serão realizadas

A análise do gráfico n.º 14 permite verificar que a comunicação entre o jardim-de-infância e a família é feita de forma sistemática, sendo que a maioria dos Encarregados de

Educação afirma que é feita “Sempre” (53%). Logo de seguida surge o “Muitas Vezes” com 47%.

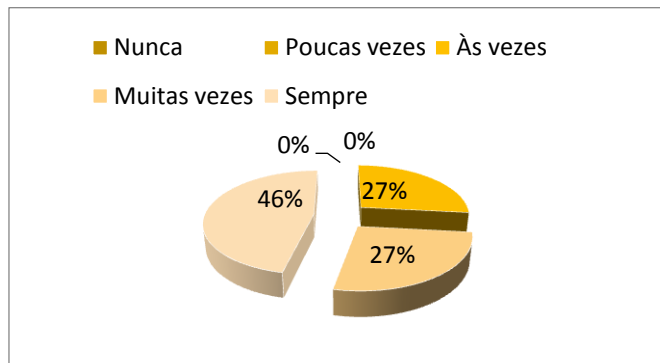


Gráfico n° 15 - Apoio e participação no desenvolvimento de atividades na comunidade envolvente ao jardim de Infância

A maioria refere participar “Sempre” (46%) e “Muitas Vezes” (27%), sendo que outros inquiridos mencionam “Às Vezes” (27%), participar em atividades que envolvam a comunidade.

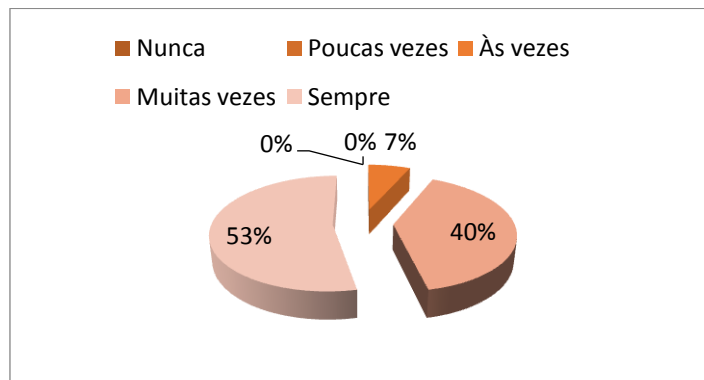


Gráfico n° 16 - Auxílio ao Educando na realização de atividades em casa e partilha de ideias e opiniões com a Educadora

A amostra afirma a maior parte dos progenitores (53%), “Sempre” ajuda e apoia a realização de atividade em casa, partilhando também, ideias e opiniões com a Educadora. É ainda, importante referir, que os restantes inquiridos, participam “Muitas Vezes”, correspondendo a 40%, apenas um afirma que participa às vezes.

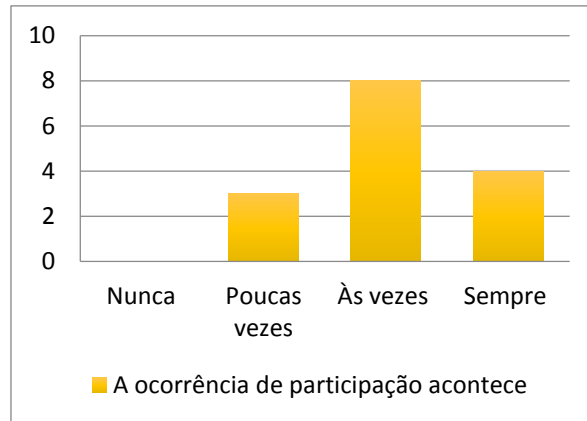


Gráfico nº 17 - Ocorrência da participação por sua iniciativa

Para estudar de quem é a iniciativa da participação, perguntámos aos inquiridos se essa participação ocorre por iniciativa dos Encarregados de Educação ou do jardim-de-infância. Em relação à participação por iniciativa dos Encarregados de Educação, verifica-se que esta ocorre, “Às vezes”, na maior parte dos inquiridos; 4, dizem participar sempre por sua iniciativa e outros 3, dizem participar poucas vezes.

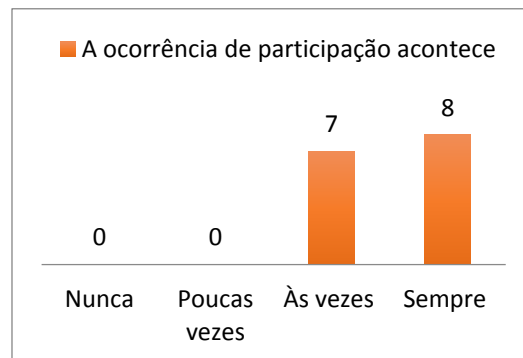


Gráfico nº 18 - Ocorrência da participação por iniciativa do Jardim de Infância

Como podemos verificar na amostra, a iniciativa da participação por parte do jardim-de-infância é “Sempre em maior número (8); porém 7 dos inquiridos, dizem ser “Às Vezes” sua iniciativa.

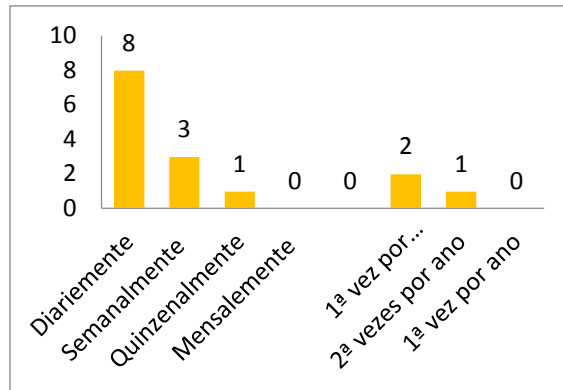


Gráfico n° 19 - Comunicação entre a Instituição e a família e a sua frequência

Relativamente à comunicação que é feita entre a instituição e a família, verifica-se que é na generalidade diariamente; porém 3 dos inquiridos dizem ser semanalmente e 2 uma vez por período.

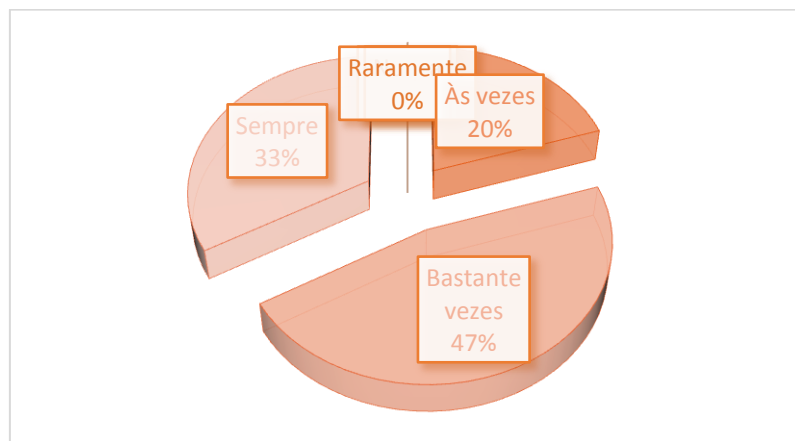


Gráfico n° 20 - Meio utilizado para a realização da comunicação: Presencialmente em momentos Informais

Na análise do gráfico n° 20, podemos verificar que a maior dos inquiridos diz que realiza a sua comunicação com o jardim-de-infância, “Bastantes Vezes” (47%) de forma presencial em momentos informais, sendo que 5 (33%) dos inquiridos diz ser “Sempre” e os restantes 3 (20%) “Às Vezes”.

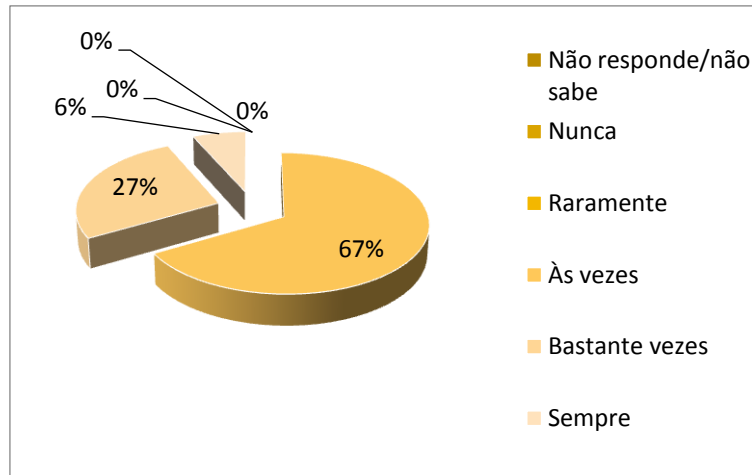


Gráfico nº 21 – Meios utilizado para a realização da comunicação: Presencialmente através de reuniões

Na análise do gráfico nº 21, podemos verificar que a maior parte dos inquiridos diz realizar a sua comunicação com o jardim-de-infância, “Às Vezes” de forma presencial através de reuniões, sendo que 4 dos inquiridos dizem ser “Bastantes Vezes” e 1 “Sempre”.

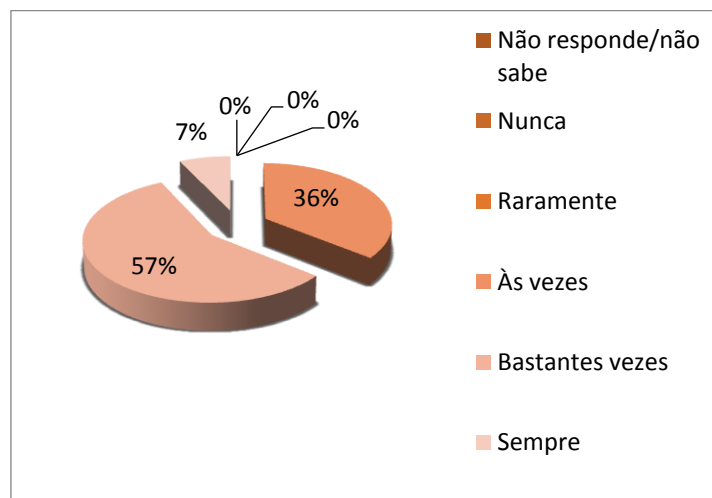


Gráfico nº 22 - Meios utilizados para a realização da comunicação: Telemóvel

Relativamente ao gráfico nº 22, podemos observar que a maior parte dos inquiridos diz utilizar o telemóvel “Bastantes Vezes” como meio de comunicação, os restantes 5 inquiridos dizem utilizar “Às Vezes” e apenas 1 diz “Sempre”.

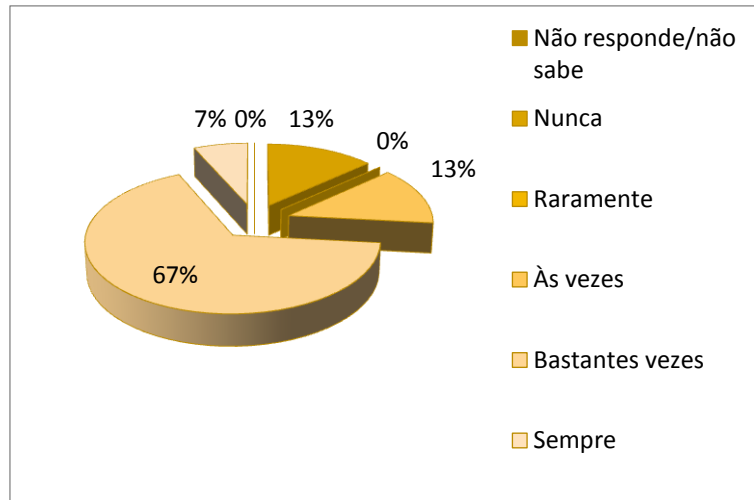


Gráfico n° 23 - Meios utilizado para a realização da comunicação: Internet

Quando ao gráfico n° 23, podemos constatar que 10 dos inquiridos dizem utilizar “Bastantes Vezes” a internet como meio para comunicar; 2 dos 15 inquiridos dizem utilizá-las “Às Vezes”, e outros 2 dizem “Nunca”; apenas 1 diz utilizá-la “Sempre”.



Gráfico n° 24 - Meios utilizado para a realização da comunicação: Carta

No gráfico n° 24, verifica-se que todos os inquiridos dizem “Nunca” utilizar a carta como meio de comunicação com o jardim-de-infância.

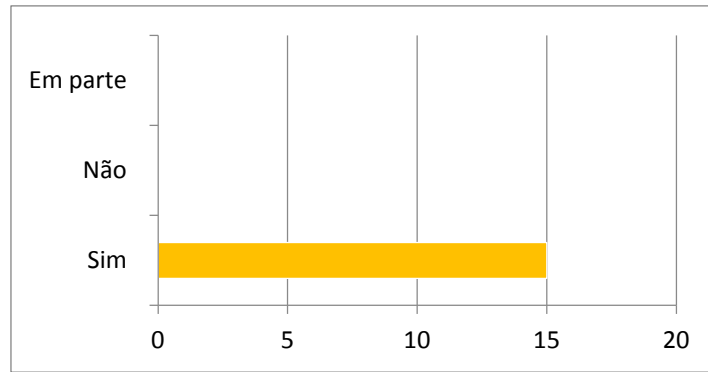


Gráfico n° 25 - Participação/Envolvimento no auxílio da promoção de aprendizagens do Educando

Quando questionados se “a sua participação / envolvimento nas atividades do jardim-de-infância auxilia na promoção das aprendizagens do seu educando”, todos os inquiridos afirmam que sim, uma vez que,

“As crianças aprendem muito através da partilha e do diálogo” (R1);

“Penso que se os pais participarem, as crianças vão empenhar-se mais em aprender” (R2);

“A troca de opiniões, ideias e o nosso envolvimento com a instituição é fulcral para o bom desenvolvimento de qualquer criança, sem dúvida.” (R3)

“A ponte entre a Escola-Família é essencial para que haja um bom desenvolvimento, progresso e o sucesso nas aprendizagens de cada criança” (R4);

“É muito importante a participação dos pais nas aprendizagens dos seus educandos, pois promove a evolução na vida escolar dos mesmos” (R5);

“A participação e o envolvimento dos pais fazem com que haja uma maior troca de informação (...) o que é muito importante para o sucesso da aprendizagem das crianças” (R6);

“A minha filha adora que eu esteja por perto nas suas atividades e acredito genuinamente que aprendemos as duas com este envolvimento e participação na sua vida” (R7);

“O meu filho gosta de trabalhar em casa com os pais e mostra muito interesse em que os pais façam parte da sua vida escolar.” (R8);

“Acredito que o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos é muito importante (...) as suas aprendizagens, tornam-se definitivamente mais produtivas” (R9);

“Sim, claro...se os pais tiverem por perto da vida dos seus filhos, as aprendizagens são maiores e melhores” (R10);

“Creio que o envolvimento e participação dos pais na vida dos seus filhos auxilia sempre na promoção das suas aprendizagens e o seu respetivo sucesso” (R11);

“Eu como mãe e encarregada de educação da minha filha, envolvo-me na vida dela, tento ajudá-la em tudo o que puder, para que assim ela possa aprender o máximo possível na vida, sem nunca se sentir só!” (R12);

“Claro, que acredito que o envolvimento e a participação dos encarregados de educação auxilia na promoção de aprendizagens de qualquer educando” (R13);

“Eu participo e envolvo-me no percurso escolar do meu filho, sempre que tenho oportunidade para tal e acredito que influencia o seu sucesso nas suas aprendizagens” (R14);

“Os pais devem envolver-se e participar, sempre, pois qualquer criança, assim o merece” (R15);

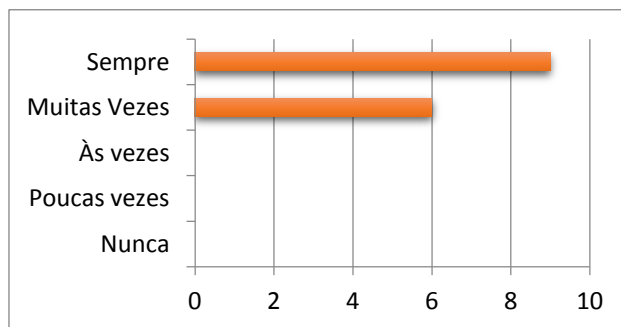


Gráfico n° 26 - A valorização do envolvimento na instituição por parte do Educando

É possível verificar, através dos valores apresentados, que a maioria da amostra afirma que o seu educando valoriza “Sempre” a sua participação no jardim-de-infância enquanto 6 inquiridos, dizem valorizar “Muitas Vezes”.

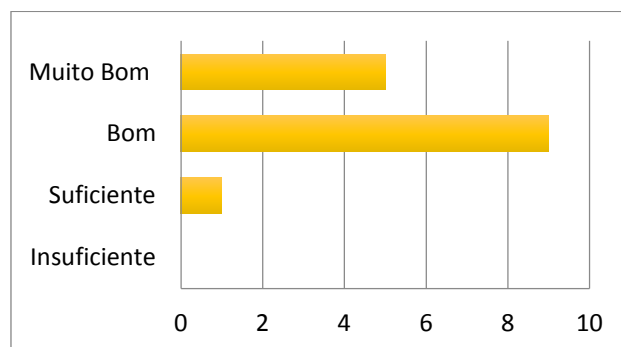


Gráfico n° 27 - Classificação do envolvimento na Instituição por parte dos Encarregados de Educação

De uma forma geral, a maioria dos inquiridos acham que a sua participação é “Boa”, 5 classificam-na como “Muito Boa” e apenas um inquirido a classifica como “Suficiente”.

Por fim, os Encarregados de Educação deram sugestões tendentes a melhorar a participação e envolvimento dos pais no jardim-de-infância, destacando-se:

“Seria benéfica a existência de uma “caixa de sugestões” para que os pais pudessem dar a conhecer algumas ideias/opiniões e projetos a desenvolver no jardim-de-infância, durante o ano letivo, de acordo com as necessidades do grupo.” (R8);

“Poderia haver mais atividades que envolvessem a família” (R10);

“Acho que se poderiam fazer mais passeios em conjunto, ou seja, com os pais, crianças e educadores.” (R11);

“Acho que podia haver propostas de atividades, para os pais que não têm tanto tempo disponível para comparecer na instituição.” (R13);

“Deveria haver um maior planeamento de horários, de maneira a que fossem mais detalhados e flexíveis para os pais puderem comparecer às atividades propostas pela instituição, mais facilmente” (R14);

Para além disso, houve muitos pais que destacaram a sua plena satisfação com a respetiva instituição, salientando não ter nenhuma ideia concreta ou algo a apontar, pois afirmam que a própria instituição faz um “excelente” trabalho no que diz respeito ao aumento da participação e envolvimento da família nas atividades e aprendizagens dos seus educandos.

1.3. Entrevista ao Profissional de Educação

Neste ponto, serão expostos os resultados conseguidos através das entrevistas realizadas às profissionais de educação e categorizadas as respostas dadas.

Para que se possa conservar a informação em sigilo, as entrevistas são identificadas através de códigos como E1, E2, E3, E4 e E5. Poder-se-á verificar as transcrições das respostas das entrevistas no anexo 3.

		<p>conversas formais e informais com a educadora, participar ativamente na associação de pais.”</p> <p>- “Sim é extremamente importante haver um envolvimento dos pais no desenvolvimento das crianças através de trabalhos participativos nas salas, reuniões, conversas informais, trabalhos realizados em casa, formações, festividades do plano anual de atividades etc.”</p> <p>- “Sim, considero. A ação da escola, se tiver como parceira a família será muito mais significativa para a criança, traduzindo-se em aprendizagens mais eficazes e também elas significativas. Se a criança sentir a presença, mesmo que não seja física, da família, nas tarefas que desenvolve diariamente, sentir-se-á mais confortável e estará mais predisposta para novas aprendizagens, uma vez que se identifica mais e melhor com o que está a ser tratado.</p> <p>Considero que existem muitas formas da família se envolver na aprendizagem das crianças na escola e em casa. Um exemplo poderá ser através da transmissão de conhecimentos e experiências ao grupo de crianças, em contexto de escola, sobre os mais variados assuntos. Outro poderá ser num trabalho investigativo e colaborativo mais realizado em casa, que esteja diretamente relacionado com o projeto educativo da sala, com vista a expor novas descobertas. Ou até mesmo na partilha de ideias para atividades a realizar, que possam ser significativas para as crianças, uma vez que as experimentaram em casa, em família</p>	<p>E3</p> <p>E4</p> <p>E5</p>
--	--	---	--

		(...)”	
	<p>A implicação da ação das famílias na tomada de decisões</p>	<p>- “Não consigo abordar esta questão, uma vez que aqui na Instituição os Pais são sempre convidados a participar naquilo que é decidido pela equipa pedagógica, isto porque, a Instituição está inserida num meio social precário e a família sente-se intimidada a partilhar, conviver e mesmo participar...outros simplesmente não manifestam esse interesse.”</p> <p>-“O educador conhece bem o seu grupo de crianças, e os pais conhecem melhor os seus filhos, portanto, se ambos se unirem numa tomada de decisão será benéfico. Os pais podem de alguma forma propor determinadas estratégias de ação para com o seu filho, no entanto, tendo em conta o local em questão é complicado avaliar isso, uma vez que pais não se sentem muito à vontade nesta participação, colaboram quando assim é possível, mas sempre de forma orientada pois sem essa orientação, dificilmente colaboram, ficam acanhados com alguma vergonha, portanto não colaboram muito neste aspeto.”</p> <p>- “Participação em projetos, sugestão de atividades, visitas, participação em reuniões...”</p> <p>- “Os pais são extremamente importantes no desenvolvimento das crianças e devem ajudar a tomar decisões em relação a valores, ideais, religião, alimentação e saúde. Estes são alguns dos aspetos que um educador deve ter em conta na educação e desenvolvimento da</p>	<p>E1</p> <p>E2</p> <p>E3</p> <p>E4</p>

		<p>criança.”</p> <p>- “ (...) Deve existir um equilíbrio entre as intenções e ideias do Educador para um determinado grupo de crianças e as expectativas dos familiares. No entanto, nem sempre é fácil conciliar tais parâmetros. É necessário haver uma abertura da parte do educador às ideias e propostas dos familiares, mas igualmente uma postura que denote que é ele que detém, na escola, o poder de decisão pelo que o grupo trabalha.</p> <p>Considero que os pais podem e devem colaborar com conhecimentos, ideias e experiências em diferentes momentos escolares, principalmente se o nosso contacto com as crianças tiver sido ainda muito curto (nos casos do primeiro ano com o grupo). Por exemplo, nos momentos festivos ou até, se tal for possível por parte da escola, no delinear do projeto de sala. Ainda assim, considero que as opiniões, ideias e gostos das crianças se devem sobrepor.”</p>	E5
	<p>A justificação dos relacionamentos possíveis</p>	<p>- “Apesar de os Pais não se envolverem por iniciativa própria, sempre que são convidados a vir à Instituição, quer seja em atividades pontuais ou festividades; comparecem mas sentem-se deslocados, evitando diálogo e exposição. Por essa mesma razão, talvez considere um relacionamento “alien”, embora quisesse, por tudo, que fosse um relacionamento “parceiro”.”</p> <p>- “ (...) Neste caso em concreto considero que os pais na nossa instituição serão mais “aliens” e “parceiros”, ou seja, a maior parte dos pais colaboram connosco sempre que é</p>	E1 E2

		<p>pedida a sua colaboração, no entanto é só mesmo desta forma, existe um pequeno número de pais que quer colaborar ativamente e até se propõe ao mesmo, mas quando se pede outro tipo de participações nem sempre é fácil. Se uma criança tiver que realizar uma pesquisa em casa, nem todas as crianças o fazem, assim como a elaboração de algum trabalho, por vezes são um pouco “aliens”, não sei se será porque se esquecem, porque acham que não sabem fazer, ou simplesmente porque não estão para ai virados e acham que esse tipo de trabalhos têm que ser desenvolvidos na escola e não em casa. “</p> <p>- “A experiência que tenho é de serem parceiros, ajudando e participando de forma ativa e voluntária em reuniões e atividades propostas.”</p> <p>- “ (...) Cabe-nos a nos profissionais, saber lidar com isso e resolver todos os problemas que isso nos possa trazer tendo sempre em conta o crescimento harmoniosa da criança.”</p> <p>- “Por estar num meio social médio alto, e julgo que isso tenha a ver, em certa parte...julgo que o relacionamento na minha Instituição seja considerado Parceiro, uma vez que a presença constante e ativa dos pais faz parte da rotina.”</p>	<p>E3</p> <p>E4</p> <p>E5</p>
	<p>Possíveis deficiências da Instituição</p>	<p>- “Sem dúvida a comunicação e abertura da Escola, para com os Pais... a Escola é a principal responsável...deve conseguir dar resposta às problemáticas que vão surgindo.”</p> <p>- “ (...) Sinceramente não sei... a escola convida os pais a participar nas</p>	<p>E1</p> <p>E2</p>

		<p>atividades, pois somos uma escola aberta, os pais podem procurar-nos sempre que querem para tirar dúvidas. Talvez pelo facto de não valorizar da forma como eles esperariam o trabalho que desenvolvem com os seus filhos em casa.”</p> <p>- “Talvez na não fomentação de dar “voz ativa” aos Pais, acho que devia dar ainda mais, é a minha opinião... mas há muito mais a mudar e a fazer, depende de cada instituição.”</p> <p>- “Acho que ainda não existe uma grande abertura da escola aos pais, penso fundamentalmente porque dá trabalho, e porque nem sempre as crianças se comportam da mesma forma com os pais do que com os educadores e isso fá-los perder um pouco o controle da situação. Por outro lado, os horários que os pais têm também impossibilita muitas vezes esta relação. A escola deve mudar e muito neste sentido pois os pais devem ter cada vez mais um papel fundamental no desenvolvimento dos seus filhos.”</p> <p>- “Muitas vezes não há abertura suficiente por parte da escola, ou do Educador, para incluir e cativar os familiares a participarem no processo educativo da criança. Penso que a escola é uma grande responsável, ainda que não a única, pelo interesse e participação dos familiares na vida escolar dos seus educandos. Se os familiares acreditarem e se identificarem com aquilo que a escola faz diariamente com as suas crianças, mais facilmente se sentirão motivados a participar ativamente (...) “</p>	<p>E3</p> <p>E4</p> <p>E5</p>
		<p>- “Eu acho que depende muito de cada</p>	<p>E1</p>

	<p>A capacidade de intervenção dos Educadores / Professores nas Instituições / Escola</p>	<p>Instituição onde estamos inseridos...Mas, de forma alguma, sinto isto por parte desta Instituição mas sei que existem outras onde essa problemática existe.”</p> <p>- “ (...) Se por um lado poderemos dizer que sim, pois a escola é composta por quem a faz, por outro lado, terá sempre que se reger por uma direção e por um ideário dessa mesma instituição, que poderá ser ou não na totalidade a ideia/ opinião/ perspectiva do educador. Neste caso, essa questão não se coloca, uma vez que considero que as educadoras têm bastante poder sobre as instituições.”</p> <p>- “Sim, desde que a sua voz possa ser ouvida e a sua opinião possa ser tida em conta.”</p> <p>- “Claro que sim. Os educadores e a instituição onde trabalham devem trabalhar em conjunto em prole do bem-estar da criança (...) “</p> <p>- “Atualmente considero que não. Há um modelo muito <i>standardizado</i>, na maior parte das escolas, que não permite que os Educadores ou Professores detenham qualquer poder de decisão sobre as suas ações. A maior parte delas deve corresponder às intenções que a escola tem para com o processo educativo, que muitas vezes não corresponde às crenças dos Educadores/Professores.”</p>	<p>E2</p> <p>E3</p> <p>E4</p> <p>E5</p>
	<p>Dificuldades a ultrapassar na relação Escola-Família</p>	<p>- “Creio que o 1º obstáculo a ter em conta, é o meio social em que cada Instituição está inserida; acho que a média alta se envolve de forma mais notória...Vejo isso pelo infantário que a</p>	<p>E1</p>

		<p>minha filha frequenta...é uma Instituição, onde a maioria dos pais têm formação académica superior.”</p> <p>- (...) “É provável que as famílias de nível social baixo tendem a participar menos, por diversos motivos, algumas sentem um pouco perdidas quando é pedido a sua participação e mesmo por falta desse mesma informação, da importância da sua participação, acham que não são capazes e que não serão de todo uma mais-valia.”</p> <p>- “Tempo. A família tem pouco tempo e disponibilidade.”</p> <p>- “Claro que existe nomeadamente, os horários dos pais, que trabalham o que impossibilita participarem em atividades realizadas pelas instituições, a sua baixa escolaridade, o que impossibilita que por vezes sejam incapazes de ajudar os seus filhos na realização das atividades, etc.”</p> <p>- “Um deles é mesmo a falta de poder efetivo que os Professores e Educadores têm sobre as Escolas e Instituições. O outro, na minha opinião, prende-se com a falta de disponibilidade de muitos familiares, uns devido ao excesso de trabalho e outros por completa falta de interesse em participar no processo educativo das suas crianças.”</p>	<p>E2</p> <p>E3</p> <p>E4</p> <p>E5</p>
	<p>Maneiras diversas de viabilizar a relação Escola- Família</p>	<p>- “Se os pais concordassem ou participassem, apostaria em formação para as famílias.”</p> <p>- “Talvez a melhor estratégia é convidar os pais para coisas muito simples, atividades mais no exterior, nada de muito concreto, que necessitasse de grandes conhecimentos (...)”</p> <p>- “Envolver as próprias crianças nesse</p>	<p>E1</p> <p>E2</p> <p>E3</p>

		<p>processo e conversas informais.”</p> <p>- “Passa por mudar o horário das atividades, mas por vezes isso torna-se difícil porque trata-se de crianças pequenas. Outra estratégia passa por pedir aos pais outro tipo de envolvimento que não seja impossível da parte deles. Também podemos sensibiliza-los para a importância que tem no desenvolvimento e na educação dos seus filhos.”</p> <p>- “ (...) Faria uma partilha efetiva do trabalho realizado em sala com os familiares, eventualmente de forma mensal. Por outro lado, ainda que essa estratégia possa não ser viável com todas as famílias, enviaria, talvez também mensalmente, um pequeno trabalho investigativo e/ou manual que necessitasse da participação familiar para ser concretizado. Depois, convidaria também, conforme os assuntos a serem abordados, alguns familiares para partilharem, em contexto de sala, os seus conhecimentos e experiências.”</p>	<p>E4</p> <p>E5</p>
	<p>A participação dos Pais nas diferentes valências</p>	<p>- “São completamente diferentes, acho que no Pré-Escolar os Pais/Família são convidados a participarem presencialmente em atividades e outras valências deduzo que haja um certo afastamento, pois as necessidades das crianças não passam por ter os pais perto deles mas sim mantê-los informados do seu percurso escolar, os progressos e dificuldades.”</p> <p>- “ (...) é obvio que a participação vai sendo um pouco diferente, até porque as crianças crescem e vão se tornando mais autónomas, mas será sempre importante que as famílias se envolvam na vida dos seus filhos (...) “</p>	<p>E1</p> <p>E2</p>

	<p>- “No pré-escolar é fundamental para poder haver uma maior cumplicidade e parceria no desenvolvimento da criança nas restantes valências, julgo existir algum afastamento, envolvem-se mais a nível de reuniões ou até mesmo na ajuda dos trabalhos de casa com os filhos, por aí... não é tão “participativo” como na valência do Pré-Escolar.”</p> <p>- “Penso que os pais conseguem ter mais envolvimento do pré-escolar porque é uma educação muito mais aberta onde os educadores conseguem contactar com eles diariamente. À medida que a criança vai evoluindo na escolaridade, isso torna-se muito mais complicado porque os professores não estão tão disponíveis e é sempre preciso marcar hora e dia para haver esse contacto. Nestas faixas etárias, o contacto existe muitas vezes para falar somente do comportamento ou do sucesso escolar, o que é uma pena, porque são idades críticas no desenvolvimento das crianças em que os pais deveriam ter um maior envolvimento.”</p> <p>- “Sim, é importantíssimo em todas as valências, principalmente nas primeiras, onde as crianças são menos autónomas a todos os níveis. No pré-escolar o envolvimento dos pais é crucial para o crescimento e desenvolvimento da criança, pois são os primeiros contactos que estas têm com o conhecimento do mundo, da língua, das interações entre pares, do comportamento em sociedade, entre outros. A partir do 1º ciclo para além de todos estes parâmetros deverem ser considerados, uma vez que continuam em desenvolvimento,</p>	<p>E3</p> <p>E4</p> <p>E5</p>
--	--	--

	<p>acrescenta-se a parte académica que exige uma maior orientação, com vista a que todas as aprendizagens sejam significativas e eficazes (...) No 2º e 3º ciclo há uma maior autonomia por parte das crianças e até mesmo uma intenção de distanciamento por parte das mesmas relativamente aos familiares. Nesse sentido, considero que mais do que um apoio e acompanhamento académico às mesmas, deve também haver uma orientação grande ao nível dos comportamentos e formas de estar, uma vez que é nestas fases que muitos definem aquilo que vão ser a nível pessoal, num futuro próximo e, ao mesmo tempo, longínquo.”</p>	
<p>Os incentivos para um maior envolvimento Escola-Família</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Acho que se tratasse de uma questão obrigatória, este envolvimento iria de facto existir.” - “O maior desafio é encontrar estratégias adequadas para que a participação seja maior, no caso das valências de 1º, 2º e 3º ciclo ainda juntar a necessidade de cumprir o programa e envolver os pais.” - “Limites das funções do outro, respeito e confiança.” - “Como já referir anteriormente, penso que são os horários laborais dos pais. Este é um grande entrave para o seu envolvimento.” - “Para mim o maior desafio é cativar os familiares a participarem interessadamente na vida escolar dos educandos. Por outro lado, deve haver obviamente uma abertura da instituição e da nossa parte a essa participação, ouvindo opiniões, ideias, conhecimentos e experiências (...) “ 	<p>E1</p> <p>E2</p> <p>E3</p> <p>E4</p> <p>E5</p>

<p>Os níveis sociais presentes na Escola / Instituição</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Sem dúvida, nível social baixo.” - “É um nível social baixo.” - “Média Alta” - “A maior parte dos pais que frequentam a minha sala apresentam um nível social baixo.” - “Apresentam um nível social médio alto.” 	<p>E1 E2 E3 E4 E5</p>
<p>A diversidade do envolvimento do Pais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “É o interesse que manifestam diariamente pelas conquistas e aprendizagens do seu educando.” - “É quando eles sabem tudo aquilo que os seus filhos fazem e colaboram com tudo aquilo que é pedido.” - “Creio que...a participação na vida escolar dos filhos mas de forma bastante ativa.” - “Para mim o envolvimento máximo dos pais é trabalhar em equipa em prole do desenvolvimento das crianças.” - “O envolvimento máximo dos pais, para mim, é quando estes se interessam ativamente pelo que os filhos fazem na escola, mostrando-se motivados em conhecer e participar dessas mesmas aprendizagens, transportando-as num sentido escola-casa e casa-escola.” 	<p>E1 E2 E3 E4 E5</p>
<p>A compreensão do Sucesso Educativo no Jardim-de-Infância</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “É desenvolver um ambiente harmonioso entre Família, Educando e Instituição.” - “No meu ponto de vista é quando uma criança se sente bem em vir para a escola, quando participa ativamente nas conversas de grande e pequeno grupo e partilha os seus conhecimentos (...). É quando as crianças chegam a escola com coisas do seu interesse e querem saber mais e a cada dia que passa se tornam um “especialista” nessa matéria, pois 	<p>E1 E2</p>

	<p>envolve não só a escola como a família nessa mesma aprendizagem. Quando vemos que a relação entre pares a boa e que há um bom entendimento entre ambos, quando partilham o seu conhecimento e discutem alguma temática, de forma a encontrar a melhor resposta. É quando uma criança é feliz no seu ambiente... só assim é que há um verdadeiro sucesso.”</p> <p>- “Penso que o sucesso Educativo nesta valência passa mesmo pela criação da ponte escola-família, isso deveria acontecer, sempre!”</p> <p>- “Para mim o sucesso educativo no jardim-de-infância é quando se trabalha pensando na criança, no seu bem-estar e desenvolvimento. É um trabalho é equipa constante.</p> <p>- “O sucesso educativo no jardim-de-infância para mim atinge-se quando as crianças conseguem veicular de forma positiva, para a sua vida real, todas as aprendizagens significativas que lá adquiriram a todos os níveis.“</p>	<p>E3</p> <p>E4</p> <p>E5</p>
--	---	--

Quadro 3 – Grelha de análise categorial das Educadoras.

Pela análise detalhada das entrevistas, foi possível compreender que todas as entrevistadas entendem a temática abordada na questão que lhes foi colocada, o que significa que o estabelecimento da relação escola-família é fundamental para que se possa “promover e alcançar o sucesso educativo das crianças a todos os níveis” (E5), pois “as duas em conjunto são essenciais para um desenvolvimento harmonioso da criança” (E4).

Assim sendo, “é importante a família envolver-se e ser parceira da escola, para que haja sucesso educativo” (E3); pois, no fundo, é um equilíbrio” (E2).

Quando questionadas sobre a importância do envolvimento parental como motivador de um maior/melhor aproveitamento das crianças nas suas tarefas/aprendizagens e quais as formas concretas em que os Pais/Encarregados de Educação se podem envolver, as entrevistadas respondem de forma unânime que “ se as crianças se sentirem valorizadas pelo que fazem, se os pais reconhecem todo o trabalho que é desenvolvido na escola, se apoiam e participam ativamente, será uma caminhada em conjunto (...) ” (E1) que “pode ajudar no desenvolvimento das mesmas”.

Conclui-se, assim, que “a ação da escola, se tiver como parceira a família, será muito mais significativa para a criança, traduzindo-se em aprendizagens mais eficazes e, também elas, significativas. Se a criança sentir a presença, mesmo que não seja física, da família, nas tarefas que desenvolve diariamente, sentir-se-á mais confortável e estará mais predisposta para novas aprendizagens, uma vez que se identifica mais e melhor com o que está a ser tratado” (E5).

No que diz respeito às diversas formas desse mesmo envolvimento por parte dos Pais/Encarregados de Educação, foi possível verificar diferentes tipos de atividades, como por exemplo, “um trabalho investigador e colaborador mais realizado em casa, que esteja diretamente relacionado com o projeto lúdico da sala (...)” (E5), ou “a presença nas reuniões, conversas formais e informais com a Educadora, participar de forma ativa na associação de pais (...)” (E3), que ainda poderão “participar, indo à escola elaborar uma atividade na qual se sentem seguros e confortáveis, tal como falar da sua profissão, elaborar uma receita, contar uma história, entre outros, pois serão sempre momentos de partilha e de aprendizagem de que tanto os pais como crianças saem beneficiadas (...)” (E2), onde “se pode, de facto, observar a felicidade das crianças por estarem a partilhar esses momentos” (E1).

Quanto à implicação da ação das famílias na tomada de decisões, verificam-se respostas diferenciadas, como “não consigo abordar esta questão, uma vez que aqui na instituição os Pais são sempre convidados a participar naquilo que é decidido pela equipa pedagógica, isto porque, a instituição está inserida num meio social precário e a família sente-se intimidada em partilhar, conviver e mesmo participar (...) sendo que outros não manifestam interesse” (E1), ou “colaboram quando é possível, mas sempre de forma orientada, pois sem essa orientação, dificilmente colaboram (...)” (E2).

Porém, outras entrevistas afirmam que “os pais são extremamente importantes, no desenvolvimento das crianças e devem ajudá-las a tomar decisões em relação a valores, ideais, alimentação e saúde” (E4), bem como na “participação em projetos, na sugestão de atividades, visitas e reuniões” (E3). Sendo que “deve existir um equilíbrio entre as intenções e ideias do Educador para um determinado grupo de crianças e as expectativas dos familiares (...) assim como é necessário haver uma abertura da parte do Educador às ideias e propostas dos familiares” (E5).

No que concerne aos três tipos possíveis de relacionamento, sendo estes designados por parceiros, adversários e aliens, as entrevistadas dividem-se entre as experiências de relacionamentos parceiros e aliens, uma vez que, “apesar dos pais não se envolverem por iniciativa própria, sempre que são convidados a vir à instituição, quer seja em atividades pontuais ou festividades, comparecem mas sentem-se deslocadas, evitando diálogos e exposição, por essa mesma razão, talvez considere um relacionamento “alien”, embora quisesse, antes, que fosse um relacionamento “parceiro”; (E1), no entanto há quem tenha uma vivência contrária, pois, “por estar num meio social médio-alto e julgo que isso tenha a ver em certa parte (...) julgo que o relacionamento na minha instituição seja considerado parceiro, uma vez que a presença constante e ativa dos pais faz parte da rotina” (E5); porém uma das entrevistadas comenta algo interessante e essencial, sendo que tal facto deve ter sido em conta como por exemplo o “facto de existirem” pais que querem saber tudo o que se passa com os filhos, como é o seu dia-à-dia, o seu desenvolvimento e adoram participar em tudo o que se passa (...) outros que não querem saber porque muitas das vezes têm um trabalho que não lhes permite faltar e por isso fazem raros aparecimentos no jardim e outros, ainda criam tantos problemas em tudo o que envolve os filhos, que não os deixam ser crianças (...) Na nossa instituição existe um pouco dos três tipos, cabe-nos a nós profissionais, saber lidar com isso e resolver todos os problemas que isso possa trazer, tendo sempre em conta o crescimento harmonioso da criança (E4).

Em relação às possíveis deficiências da escola, as entrevistadas E2, E3, E4 e E5 afirmam que a falha principal é a “não abertura suficiente por parte da escola, ou do Educador, para incluir e cativar os familiares a participarem no processo educativo da criança. Penso que a escola é uma grande responsável, ainda que não a única, pelo interesse e

participação dos familiares na vida escolar dos seus educandos (...)” (E5), deve, por isso, “mudar e muito neste sentido, pois os pais devem cada vez mais, ter um papel fundamental no desenvolvimento dos filhos” (E4).

Conclui-se, assim, que é necessário “dar “voz ativa” aos pais” (E3).

As entrevistadas E2 e E3 consideram que “a escola é composta por quem a faz; por outro lado, terá sempre que se reger por uma direção e por um ideário, que poderá ser, ou não na totalidade a ideia / opinião / perspectiva do Educador” (E1). Há, assim, um “modelo muito estandardizado, na maior parte das escolas que não permite que os Educadores ou os Professores detenham qualquer poder de decisão sobre as suas ações” (E6).

Contudo “os educadores e a instituição onde trabalham devem fazê-lo em conjunto do bem-estar da criança” (E5), onde “a voz possa ser ouvida e a sua opinião possa ser tida em conta” (E4).

Quando as entrevistadas são questionadas sobre as dificuldades a ultrapassar na relação Escola-Família e sobre os principais obstáculos a ter, em consideração, a E1 e a E, referem que o “primeiro obstáculo a ter em conta é o meio social em que cada instituição está inserida (...)” (E1) pois acreditam que “é provável que as famílias de nível social baixo tendam a participar menos, por diversos motivos (...); algumas delas sentem-se um pouco perdidas, quando é solicitada a sua participação (...)” (E2).

As restantes entrevistadas consideram que “a família tem pouco tempo e pouca disponibilidade” (E3), pois “os horários dos pais que trabalham impossibilita a sua participação nas atividades realizadas pelas instituições” (E4).

Conclui-se que fatores sociais e a falta de disponibilidade para uma maior participação e envolvimento dos Pais/Encarregados de Educação, constituem a principal dificuldade.

As entrevistadas E1, E2, E3 e E4 mostram vários tipos de estratégias que podem ser postas em ação, tais como:

- “Informação para as famílias” (E1);
- “ (...) Convidar os pais para coisas muito simples, atividades mais no exterior” (E2);
- “ (...) Envolver as próprias crianças nesse processo e conversas informais” (E3);

- “ (...) Mudar o horário das atividades (...) pedir aos pais outro tipo de envolvimento que não seja impossível da parte deles” (E4);

Para terminar a E5 diz-nos que “ (...) faria uma partilha efetiva do trabalho realizado em sala com os familiares, eventualmente de forma mensal (...); depois convidaria também, conforme os assuntos a serem abordados, alguns familiares para partilharem, em contexto de sala, os seus conhecimentos e experiências.”

As entrevistadas, respondem à questão da participação dos pais nas diferentes valências, seguindo a mesma linha de pensamento, ou seja: as mesmas acreditam que existe um afastamento, no que diz respeito à relação Escola-Família quando as crianças evoluem na sua escolaridade, passando por exemplo, para o 1º Ciclo e por aí adiante. Podemos comprovar, tal ideia / opinião / pensamento e perspectiva, através de citações das próprias entrevistadas, tais como:

“São completamente diferentes acho que no Pré-Escolar os Pais / Família são convidados a participarem presencialmente em atividades e outras valências, deduzo que haja um certo afastamento (...)” (E1); “é óbvio que a participação vai sendo um pouco diferente, até porque as crianças crescem e vão-se tornando autónomas, mas será sempre importante que as famílias se envolvam na vida dos seus filhos (...)” (E2). “No pré-escolar é fundamental para poder haver uma maior cumplicidade e parceria no desenvolvimento da criança; nas restantes valências, julgo existir algum “afastamento” (E3), isto porque as profissionais de educação acreditam que “ (...) os pais conseguem ter mais envolvimento no pré-escolar porque é uma educação muito mais aberta, onde os educadores conseguem contactar com eles diariamente. À medida que a criança vai evoluindo na escolaridade, isso torna-se muito mais complicado porque os professores não estão tão disponíveis e é sempre preciso marcar hora e dia para haver esse contacto. Nestas faixas etárias, o contacto existe muitas vezes para falar somente do comportamento ou do sucesso escolar, o que é uma pena, porque são idades críticas no desenvolvimento das crianças em que os pais deveriam ter um maior envolvimento” (E5).

Na questão, onde se pede para enumerarem alguns dos diversos desafios para que a parceria Escola-Família, pudesse apresentar um maior envolvimento, as entrevistadas dão

alguns pareceres, bastante objetivos e diferenciados, como o “cativar os familiares a participarem interessadamente na vida escolar dos educandos (...) deve haver obviamente uma abertura da instituição e da nossa parte a participação, ouvindo opiniões, ideias, conhecimentos e experiências, sem deixar que isso interfira também na forma que acreditamos ser mais apropriada para o nosso grupo desenvolver e aprender” (E5), deverá estar presente os “limites das funções do outro, o respeito e a confiança” (E3).

Outro desafio apontado seria “ (...) encontrar estratégias adequadas para que a participação seja maior, no caso das valências de 1º, 2º e 3º ciclo, ainda juntar a necessidade de cumprir o programa e envolver os pais” (E4); porém a (E2) crê que “os horários laborais dos pais (...) são um grande entrave para o envolvimento”.

Por último a (E1) acredita que a solução estaria no “ (...) se se tratasse de uma questão obrigatória, este envolvimento iria de facto existir”.

Na questão relacionada com os níveis sociais presentes em cada Escola / Instituição, pôde-se verificar que três das profissionais de educação estão inseridas numa instituição de nível social baixo enquanto que as restantes (duas) estão num meio social, médio-alto, como se pode comprovar através das seguintes afirmações:

- “Sem dúvida, nível social baixo” (E1);
- “É um nível social baixo” (E2);
- “Média alta” (E3);
- “A maior parte dos pais que frequentam a minha sala apresentam um nível social baixo” (E4);
- “Apresentam um nível social médio-alto” (E5);

As profissionais de educação consideram que o envolvimento máximo dos pais passa pelo “ (...) interesse que manifestam diariamente, pelas conquistas e aprendizagens do seu educando” (E1), sabendo ao mesmo tempo “ (...) tudo aquilo que os seus filhos fazem e colaboram (...)” (E2), ou seja, para tal terá que haver uma “ (...) participação na vida escolar dos filhos mas de forma bastante ativa” (E3), trabalhando “(...) em equipa em prole do desenvolvimento das crianças” (E4).

De forma sucinta a (E5) diz-nos que “o envolvimento máximo dos pais (...) é quando estes se interessam ativamente pelo que os filhos fazem na escola, mostrando-se motivador

em conhecer e participar dessas mesmas aprendizagens, transportando-as num sentido escola-casa e casa-escola”.

Por fim, as entrevistadas deram o seu ponto de vista, afirmando que “o sucesso educativo no Jardim-de-Infância, para mim, atinge-se quando as crianças conseguem veicular de forma positiva, para a sua vida real, todas as aprendizagens que lá adquiriram, a todos os níveis” (E5), ou seja, “(...) é quando se trabalha pensando na criança, no seu bem-estar e desenvolvimento” (E4), passando, assim, “ (...) pela criação da ponte escola-família (...)” (E3).

Resumindo, “ (...) quando uma criança é feliz no seu ambiente (...)” (E2); “ (...) um ambiente harmonioso entre, família, educando e instituição” (E1), pois somente desta forma, as profissionais de educação, creem conseguir o tão ambicionado sucesso educativo.

1.4. Observação em contexto

No presente ponto poder-se-á verificar a respetiva análise de registos de atividade, sendo que estes foram elaborados, de acordo com o Projeto EQUAP.

Assim, foram realizados três quadros de registo, onde houve envolvimento dos Encarregados de Educação, na instituição, de várias formas e situações. Relativamente ao primeiro quadro, poder-se-á observar uma atividade, contemplada no PAA, ou seja, a comemoração do dia do pai. Nesse dia, os pais ou outros familiares poderiam passar a manhã com os seus educandos, envolvendo-se na realização de atividades previamente planeadas (Anexo nº4, registo nº 1).

Quanto ao segundo quadro, este, assemelha-se ao primeiro, uma vez que, diz respeito à comemoração do dia da mãe, uma atividade também contemplada no PAA. Neste dia, as mães ou outros familiares, em conjunto com os seus educandos, elaboraram uma pintura, posteriormente tiraram uma fotografia com os filhos, puderam assistir a um filme e ainda ouvir uma canção, cantada pelos próprios educandos (Anexo nº4, registo nº2).

No que diz respeito ao terceiro registo, salienta-se que o mesmo foi elaborado numa fase final do ano letivo. A participação das famílias, sempre foi um objetivo delineado desde o início; a respetiva atividade foi desenvolvida pela estagiária com a colaboração da educadora

cooperante; sendo assim, as famílias foram convidadas a participar numa festa de final do projeto lúdico / festa de finalistas, vivenciado na sala dos 4/5 anos (Anexo nº4, registo n.º3). Este envolvimento e participação por parte das famílias, foi benéfico para as crianças: tal se verificou na imensa alegria por mostrar aos pais/encarregados de educação o trabalho que realizaram durante todo o ano, motivando-as, certamente, para o futuro.

1.5. Discussão dos Resultados

No que diz respeito à discussão dos resultados, poderemos verificar a necessidade de fazer a respetiva ligação dos obtidos através de instrumentos de recolha de dados com a devida revisão bibliográfica. Assim sendo, torna-se necessário expor as principais ideias que decorreram da análise dos diversos instrumentos.

No presente estudo, pôde-se constatar que as entrevistadas, bem como os inquiridos estão de acordo quando afirmam que é indispensável que haja uma boa relação escola- família para a fomentação das aprendizagens e desenvolvimento das crianças.

De acordo, com Sousa e Sarmento (2010, p, 148) “o sucesso educativo (...) está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum”.

Assim sendo, verifica-se que os resultados conseguidos nos inquéritos por questionário comprovam que a participação é fulcral para o auxílio à promoção das aprendizagens, isto porque “A ponte entre a Escola-Família é essencial para que haja um bom desenvolvimento, progresso e o sucesso nas aprendizagens de cada criança” (R4).

Para Pereira (2009, p.108) “esta questão foi também registada no estudo realizado por Rocha (2002) que menciona a falta de tempo dos pais para participar com as obrigações profissionais”.

Foi possível observar que a participação dos Encarregados de Educação é considerada significativa, porém, os mesmos mencionam que os horários na maior parte das vezes são incompatíveis e por essa razão, sugerem à Instituição, que se criem horários mais flexíveis. Salienta-se ainda, que uma das entrevistadas E4 expõe um de vários exemplos: “ (...) os horários dos pais que trabalham impossibilita participarem em atividades realizadas pelas instituições (...) este é um grande entrave para o seu envolvimento”

Observando, atentamente, a caracterização socioprofissional dos Encarregados de Educação, verifica-se que mais de metade está empregado, o que poderá ser um impedimento, visto que a possibilidade dos horários laborais não serem flexíveis é significativa. Ainda assim, as entrevistadas E1 e E2 afirmam que um dos impedimentos é o meio social onde a instituição está inserida, alegando que “ (...) é provável que as famílias de nível social baixo tendem a participar menos, por diversos motivos, algumas sentem-se um pouco perdidas quando a sua participação é pedida (...) falta dessa mesma informação, da importância da sua participação, acham que não são capazes e que não serão de todo uma mais-valia”.

No que diz respeito à participação dos Encarregados de Educação, a maior parte dos mesmos, caracteriza a sua participação como sendo boa, o que vai de encontro ao que foi mencionado por várias entrevistadas, como por exemplo, a E1 e E2 que afirma:

“ (...) Sempre que são convidados a vir à Instituição, quer seja em atividades pontuais ou festividades, comparecem (...) ” (E1)

“ (...) A maior parte dos pais colabora connosco sempre que é pedida tal colaboração (...) ” (E2)

Porém, algumas das entrevistadas, afirmam que esta participação dos Encarregados de Educação é feita quando assim solicitada pela Instituição.

No que concerne à relação que é estabelecida entre o jardim-de-infância e família, esta ocorre sistematicamente de forma boa e muito boa, isto, na opinião dos inquiridos. Assim sendo, poderá concluir-se que é existente uma relação de proximidade. Tal facto, poderá estar intimamente relacionado com o grau elevado de satisfação que os Encarregados de Educação apresentam, no que diz respeito à instituição. Analisando as entrevistas, verificou-se que algumas das entrevistadas são da mesma opinião, em certos pontos, pois afirmam que “ (...) a maior parte dos pais colaboram connosco sempre que é pedida a sua colaboração, no entanto é só mesmo desta forma, existe um pequeno número de pais que quer colaborar ativamente e até se propõe ao mesmo, mas quando se pede outro tipo de participações nem sempre é fácil (...) ” (E2), “ (...) a família sente-se intimidada a partilhar, conviver e mesmo participar...outros simplesmente não manifestam esse interesse” (E1) e “ (...) uma vez que os pais não se sentem muito à vontade nesta participação, colaboram quando assim é possível, mas sempre de forma orientada pois sem essa orientação, dificilmente colaboram, ficam acanhados com alguma vergonha, portanto não colaboram muito neste aspeto” (E3). Através afirmações, dadas pelas Profissionais de Educação, podemos verificar que o sentimento que

as mesmas, têm sobre a relação que mantém com os Encarregados de Educação, não é considerada “má”, mas também, não “muito boa”, digamos que é satisfatória.

Está descrito no RI da instituição que um dos objetivos é a colaboração e a participação com a Família, no processo educativo do educando. De acordo com um estudo de Joyce Epstein (2002), o envolvimento da família no desenvolvimento e processo escolar dos educandos aumenta o grau de satisfação com a escola e diminui o absentismo, de forma proporcional.

No que diz respeito à iniciativa, verificou-se que esta ocorre maioritariamente por iniciativa do jardim-de-infância, através de dias festivos como o dia do pai e da mãe, bem como a festa de Natal, festa de finalistas, festa e apresentação de projetos desenvolvidos com as crianças e visitas de estudo. Alguns destes dias estão contemplados nos PAA da instituição. Salienta-se ainda, que foi possível observar em contexto e posteriormente registado na grelha de observação (Anexo 4, registos n.º 1, n.º 2 e n.º3).

Ambos os participantes afirmam que é necessário criar estratégias que promovam a participação, como por exemplo:

“Seria benéfica a existência de uma “caixa de sugestões” para que os pais pudessem sugerir algumas ideias/opiniões e projetos a desenvolver no jardim-de-infância, durante o ano letivo, de acordo com as necessidades do grupo.” (R8);

“Poderia haver mais atividades que envolvessem a família” (R10);

“Acho que se poderia fazer mais passeios em conjunto, ou seja, com os pais, crianças e educadores.” (R11);

“Acho que podia haver propostas de atividades, para os pais que não têm tanto tempo disponível para comparecer na instituição.” (R13);

“Deveria haver um maior planeamento de horários, de maneira a que fossem mais detalhados e flexíveis para os pais puderem comparecer às atividades propostas pela instituição, mais facilmente” (R14);

“Existem diversas formas de trabalhar este tema, eu própria já trabalhei da seguinte forma, aqui na sala: os pais vieram com o propósito de elaborar algumas etapas do Projeto Lúdico; outra forma foi a partilha de histórias em que cada criança levava o livro de um amigo para casa e cada um construiu o seu próprio livro de histórias com a ajuda da família e

ainda outro que me lembro: recentemente foi a divulgação do Projeto Lúdico à família; onde se pôde de facto observar a felicidade das crianças, pelo facto de estarem a partilhar momentos e as aprendizagens de todo um ano letivo” (E1);

“Os pais podem também participar no dia-a-dia escolar dos seus filhos, indo à escola elaborar uma atividade na qual se sentem seguros e confortáveis, tal como falar da sua profissão, elaborar uma receita, contar uma história, entre outros, serão sempre momentos de partilha e de aprendizagem que tanto pais como crianças saem beneficiadas, e se a criança perceber e sentir que os seus pais estão envolvidos e se interessam pelo que fazem, é claro que haverá um maior sucesso” (E2).

Assim sendo, é possível constatar que tanto os encarregados de educação como os profissionais de educação apresentam uma imagem bastante positiva acerca da participação na instituição, compreendendo que tal é benéfica para todos.

2. DISCUSSÃO FINAL DOS RESULTADOS DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Posteriormente à análise e tratamento dos dados recolhidos, no contexto da Educação Pré-Escolar, é importante reavaliar os objetivos previamente definidos na investigação e os resultados conseguidos, para que assim, haja a recolha de algumas conclusões.

“O sucesso educativo (...) está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum.” (Sousa e Sarmiento, 2010, p. 148)

No que diz respeito ao objetivo de entender as potencialidades do envolvimento e participação das famílias no processo de aprendizagem para o sucesso educativo, foi possível compreender que todos os profissionais de educação consideram que o envolvimento e a participação das famílias fomenta as aprendizagens dos educandos. Complementando ainda que “ (...) a ação da escola, se tiver como parceira a família será muito mais significativa para a criança, traduzindo-se em aprendizagens mais eficazes e também elas significativas. Se a criança sentir a presença, mesmo que não seja física, da família, nas tarefas que desenvolve diariamente, sentir-se-á mais confortável e estará mais predisposta para novas aprendizagens,

uma vez que se identifica mais e melhor com o que está a ser tratado (...)” (E5) e “ (...) serão sempre momentos de partilha e de aprendizagem de que tanto pais como crianças saem beneficiadas, e se a criança perceber e sentir que os seus pais estão envolvidos e se interessam pelo que fazem, é claro que haverá um maior sucesso “ (E2).

Porém, na opinião da educadora E2,

“O educador conhece bem o seu grupo de crianças e os pais conhecem melhor ainda, os seus filhos, portanto, se ambos unirem-se numa tomada de decisão será benéfico. Os pais podem de alguma forma propor determinadas estratégias de ação, para com o seu filho, no entanto, tendo em conta o local em questão é complicado avaliar isso, uma vez que pais não se sentem muito à vontade nesta participação, colaboram quando assim é possível, mas sempre de forma orientada pois sem essa orientação, dificilmente colaboram, ficam acanhados com alguma vergonha, portanto não colaboram muito neste aspeto.”

Verifica-se que a maioria dos Encarregados de Educação tem conhecimento que a sua participação é valorizada por parte do seu educando; tal facto, pode ser comprovado através dos gráficos n.º 26 e 27.

No que diz respeito às vantagens da participação das famílias, a resposta dos questionados foi unânime, pois acreditam/concordam que apenas existam benesses, pois “ (...) o Envolvimento Parental é sempre importante para que as crianças obtenham melhores resultados neste seu percurso escolar (...) ” (E1) e “ (...) se as crianças se sentirem valorizadas pelo que fazem, se os pais reconhecem todo o trabalho que a criança desenvolve na escola, apoia e participa ativamente, será uma caminhada em conjunto (...) ” (E2).

Relativamente ao objetivo de identificar os obstáculos dos educadores de infância na parceria escola-família, a maior parte dos profissionais de educação consideram que o meio social, fatores económicos e culturais, fazem parte desses obstáculos, “ (...) É provável que as famílias de nível social baixo tendem a participar menos, por diversos motivos, algumas sentem-se um pouco perdidas quando é pedida a sua participação e mesmo por falta dessa informação, da importância da sua participação, acham que não são capazes e que não serão de todo uma mais-valia.” (E2) para além disso, a falta de horários flexíveis no trabalho dos encarregados de educação “ (...) a família tem pouco tempo e disponibilidade” (E3), pois “ (...) os horários dos pais que trabalham (...) impossibilita participarem em atividades realizadas pelas instituições (...) (E4).

Segundo, Reis (2008, p.75) “ o envolvimento está relacionado com a classe social e com o nível educacional dos pais. Aqueles que têm menos anos de escolaridade envolvem-se menos, apesar de não atribuírem menor valor à educação”.

Com a elaboração dos inquéritos por questionário aos Encarregados de Educação constatou-se que, através da caracterização profissional, é possível verificar que a grande maioria dos inquiridos têm um grau académico correspondente ao 9ºano, sendo que apenas dois possuem uma licenciatura, estando empregados a maior parte dos inquiridos (gráficos n.º 5 e 6).

Para Diogo (1998, citado por Rodrigues, 2013)

A colaboração com as famílias é uma componente fundamental, passando a promoção do sucesso escolar pela criação de estratégias capazes de criar situações de aprendizagem que respeitem os contextos culturais, sendo útil e desejável outra articulação entre as instituições de ensino, a comunidade em geral e as famílias em particular. (p.24).

Relativamente ao objetivo de identificar quais as estratégias utilizadas pelos educadores de Infância, para o envolvimento dos pais / encarregados de educação na vida escolar dos filhos, podemos enumerar algumas delas que os profissionais de educação acreditam deverem ser postas em prática.

Desta forma, os profissionais de educação enumeram as seguintes estratégias:

- Reuniões de formação parental;
- A participação dos Encarregados de Educação nas atividades;
- Envolvimento das crianças no processo da viabilização da parceria escola-família;
- Sensibilização dos Encarregados de Educação para o benefício da Participação e Envolvimento Parental;
- Criação de horários flexíveis para que os Encarregados de Educação possam comparecer às atividades dos seus educandos;
- Partilha com os Encarregados de Educação dos trabalhos elaborados em sala;
- Convite aos Encarregados de Educação para partilha dos seus conhecimentos e experiências;

A iniciativa de participação das famílias ocorre, maioritariamente, por parte do jardim-de-infância. As profissionais de educação, afirmam que a família participa quando assim é

solicitada e em alguns casos, por sua própria iniciativa. Assim, diversos autores, acreditam que “ (...) a iniciativa de aproximação à família e à comunidade deve caber à escola por esta estar em melhor posição para o fazer” (Harry,1992 citado por Reis, 2008, p.74).

Em relação ao objetivo de perceber a especificidade do envolvimento parental em cada valência (Pré-Escolar, 1º Ciclo, 2º Ciclo e 3º Ciclo) segundo os educadores de infância, os mesmos, consideram que “é importantíssimo em todas as valências, principalmente nas primeiras, onde as crianças são menos autónomas a todos os níveis” (E5), porém, “ (...) a participação vai sendo um pouco diferente, até porque as crianças crescem e vão se tornando mais autónomas, mas será sempre importante que as famílias se envolvam na vida dos seus filhos (...) ” (E2). As profissionais de educação consideram que as diferenças do envolvimento parental consistem no facto de “No pré-escolar o envolvimento dos pais é crucial para o crescimento e desenvolvimento da criança, pois são os primeiros contactos que estas têm com o conhecimento do mundo, da língua, das interações entre pares, do comportamento em sociedade, entre outros. A partir do 1º ciclo, para além de todos estes parâmetros devem ser considerados, uma vez que continuam em desenvolvimento, acrescenta-se a parte académica que exige uma maior orientação, com vista a que todas as aprendizagens sejam significativas e eficazes. Deve haver uma preocupação familiar de dar continuidade e reforço, em casa, àquilo que é tratado na escola.

No 2º e 3º ciclo há uma maior autonomia por parte das crianças e até mesmo uma intenção de distanciamento por parte das mesmas relativamente aos familiares. Nesse sentido, considero que mais do que um apoio e acompanhamento académico às mesmas, deve também haver uma orientação grande ao nível dos comportamentos e formas de estar, uma vez que é nestas fases que muitos definem aquilo que vão ser a nível pessoal, num futuro próximo e, ao mesmo tempo, longínquo. “ (E5)

No inquérito por questionário aos Encarregados de Educação, os mesmos afirmam que auxiliam o seu educando, “sempre” e “muitas vezes”, na realização de atividades em casa e partilha de ideias e opiniões com a Educadora, participando, também, nas atividades propostas pela instituição, “muitas vezes”, podendo tal facto, ser comprovado através dos gráficos nº 13 e 16.

Salienta-se ainda, que durante a prática de ensino supervisionada foi possível constatar que na Educação Pré-Escolar os Encarregados de Educação possuem mais oportunidades para comunicar com as educadoras, em momentos informais (como por exemplo, no levar e buscar

do educando ao jardim de infância), do que um professor do 1º Ciclo do Ensino Básico, uma vez que as reuniões são na maior parte das vezes, marcadas antecipadamente.

Conclui-se ainda, que a grande maioria dos Encarregados de Educação têm por hábito deslocar-se às instituições, assim como de participar na vida escolar do educando.

Por fim, no objetivo de identificar qual o sucesso educativo no jardim-de-infância para as profissionais de educação, as mesmas, acreditam que “O sucesso educativo no jardim-de-infância (...) atinge-se quando as crianças conseguem veicular de forma positiva, para a sua vida real, todas as aprendizagens significativas que lá adquiriram a todos os níveis “ (E5), assim sendo, “ (...) passa mesmo pela criação da ponte escola-família (...) ” (E3).

Em suma, podemos afirmar que “É desenvolver um ambiente harmonioso entre Família, Educando e Instituição” (E1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na fase do presente trabalho, poder-se-á apresentar uma sinopse quanto aos resultados que foram obtidos, sendo também necessárias, as devidas justificações quanto às limitações do respetivo estudo; sugerindo ao mesmo tempo, ideias e opiniões, para futuras investigações.

A presente investigação focou-se em compreender de que maneira a relação entre a escola e a família, poderá potenciar o sucesso educativo das crianças.

Segundo Diogo (1998, citado por Zenhas, 2006, p.23) “a colaboração existente entre a escola e as famílias promove, nas crianças, sucesso escolar, autoestima e atitudes positivas face à aprendizagem”; com a presente investigação pôde-se perceber que os Profissionais de Educação e os Encarregados de Educação, concordam com o reconhecimento da importância da relação escola-família. A participação/envolvimento da família no desenvolvimento do processo de aprendizagem é algo que os agentes educacionais consideram potenciador do sucesso educativo das crianças.

Os Educadores e Professores desempenham um papel fulcral, no que diz respeito à mudança necessária à construção duma relação próxima entre a escola e a família, funcionando, assim, como uma ponte que une todos os agentes educativos. É essencial que os agentes educativos percebam que cada um desempenha um papel diferenciado, mas imprescindível, no percurso escolar de qualquer criança. É preciso que se criem estratégias promotoras de participação e envolvimento, adequadas a cada família.

A escola deverá atender às necessidades e interesses das famílias, “construindo” pais mais informados e responsáveis. Porém, é identicamente importante que as famílias desempenhem também, um papel mais ativo na escola (Reis, 2008, p. 251).

Poderá comprovar-se na literatura apresentada, sobre a temática, a existência de estudos que confirmam, uma relação positiva, no que diz respeito à participação e envolvimento da família no desempenho escolar das crianças na escola.

O artigo 43.º da Lei nº 51/2012 diz-nos que os Pais e Encarregados de Educação assumem “ (...) uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder-dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos, no interesse destes, e de promoverem ativamente o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos mesmos”; sendo assim, podemos concluir que o sistema educativo português assume a importância da respetiva relação, responsabilizando

os Encarregados de Educação como os parceiros fulcrais, no desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Salienta-se assim, que os resultados obtidos estão de acordo com os objetivos, previamente definidos, tendo os mesmos sido o ponto de partida da presente investigação.

Segundo os resultados obtidos, concluiu-se que:

- Os Encarregados de Educação acreditam que a sua participação e o envolvimento estimula os educandos na sua aprendizagem e por tal facto, os mesmos sentem-se motivados;

- A importância da participação e do envolvimento da família no processo escolar dos educandos é reconhecida não só pelos Profissionais de Educação como também os Encarregados de Educação;

- É notória a boa relação entre a escola e a família na instituição;

- Os profissionais de educação são os primeiros a tomar iniciativa para que haja uma participação e envolvimento da família;

- Fatores sociais, tais como, culturais e económicos, podem influenciar o processo de desenvolvimento de aprendizagem e o seu sucesso;

- Pôde-se perceber que os Encarregados de Educação são convidados, na maior parte das vezes, para atividades que se realizam no próprio jardim-de-infância;

- Uma das barreiras mais mencionadas é o facto de não existir um horário flexível ou compatível com o dos profissionais de educação, pois as obrigações profissionais dos encarregados de educação, tal não o permite;

- Existe uma preocupação, por parte da instituição em promover/fomentar a participação e o envolvimento através de documentos de administração, gestão e autonomia;

- Deve haver uma maior e mais abrangente comunicação entre os vários agentes educativos, utilizando conseqüentemente meios mais diferenciados.

- Será importante que as instituições implementem novas estratégias para a promoção da participação e do envolvimento das famílias;

Em jeito de síntese, poder-se-á afirmar que é da responsabilidade das escolas, fomentar/potenciar modalidades e estratégias diferenciadas de participação e envolvimento, de modo que as famílias se possam sentir envolvidas, entusiasmadas e estimuladas a fazerem

parte de uma parceria de união e aprendizagem, entre escola-família, no decorrer do processo de desenvolvimento da criança e da sua respetiva aprendizagem.

Através da prática de ensino supervisionada na respetiva instituição, houve a possibilidade de adquirir o conhecimento prático, necessário, dos acontecimentos/momentos sobre o presente tema de investigação; assim, verificou-se que a observação participante/ativa foi benéfica para o relatório elaborado, como, também, para o crescimento a nível profissional e pessoal.

Ainda no decorrer da presente investigação, pôde-se encontrar várias barreiras, que são adequadas a expor-se. Sabe-se que o presente relatório necessita de uma amostra sólida para que o mesmo se torne consistente. Tal facto, não resultou das respostas dadas pelos Encarregados de Educação, aos inquéritos por questionário, sendo que a maior parte, não respondeu à última pergunta (era necessária uma resposta mais extensa). Salienta-se ainda outra limitação com que a estagiária se deparou; o facto de os pais não poderem comparecer (algumas vezes) às estratégias promotoras de participação e envolvimento dos mesmos, uma vez que estes não apresentam um horário compatível/flexível com o da instituição.

Porém conseguiu-se fomentar/promover estratégias em relação à escola-família, contempladas no PAA da instituição e outras criadas pela própria estagiária.

Por fim, segundo Reis (2008) “

(...) se aprendizagem dos alunos interessa aos pais e aos professores torna-se necessário que estes três intervenientes do processo educativo, os alunos, as famílias e os professores deixem que existam genuínas relações de parceria, uma verdadeira relação produtiva de aprendizagem (p.265).

Para termo da presente investigação, poder-se-á propor medidas para futuras investigações. Verificou-se que a iniciativa de participação das famílias na escola, surge maioritariamente dos Educadores: seria importante entender se existem medidas/estratégias de que os educadores possam servir-se para que os pais tenham uma maior iniciativa de participar. É extremamente importante, entender qual a opinião/ ideia/ perspetiva que as crianças têm face à participação das suas famílias na instituição, bem como compreender quais as medidas/estratégias potenciadoras da participação e envolvimento das famílias.

Foi, ainda, possível verificar, que nos casos em que esta relação é visível, os benefícios para o processo de aprendizagem das crianças são evidentes; porém ainda se encontram certas barreiras pelo caminho, que impossibilitam determinadas ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, L.S. et al. (2005). Sucesso e Insucesso no Ensino Básico: Relevância de Variáveis Sócio-Familiares e Escolares em Alunos do 5ºano. Actas do VIII Congresso Galaico Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho. 14 - 16 Setembro 2005.

Alves, J. M.; Leite, M. J. (2005). Sucesso na escola – Um guia para os pais. Coleção Saberes. Porto: Edições Asa.

Alves, C. (2010). O insucesso escolar em língua portuguesa: um estudo de caso. Tese de mestrado. Escola Superior de Educação João de Deus. Portugal

Arendt, H. (1961). *Between Past and Future: Six Exercises. Political Thought*, New York: Viking Press.

Barradas, M.T.C. (2012). Envolvimento parental e sucesso escolar – estudo de caso. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa. Portugal

Benavente, A. (1976). *A escola na sociedade de classes*. Lisboa: Livros Horizonte.

Cabanas, J. M. Q. (2002). *Teoria da Educação: Conceção antinômica da educação*. Porto: Edições ASA.

Carvalho, S. O. V. (2008). *A participação dos Pais no Jardim-de-Infância*. Dissertação de Mestrado. Universidade Portucalense Infante D. Henrique - Universidade Portucalense, Portugal.

Casanova, C. (2012). *Educação/Requalificação: O impacto da Educação e Formação de Adultos na trajetória de vida dos indivíduos*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Costa, J.A. & MELO, A. S. (1998). *Dicionário de Língua Portuguesa*. 7ª edição. Porto: Porto Editora.

Davies, D. et al. (1989). *As escolas e as famílias em Portugal: realidades e perspetivas*. Lisboa: Livros Horizonte.

Dias, C. D. O. (2010). *Causa do (in) sucesso escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Portugal

Fachada, Maria Odete., *Psicologia das Relações Interpessoais*: Edições Sílabo

Figueiredo, L (2012). *As vivências para além da teoria. Relatório de Estágio Profissional*. Universidade do Porto. Faculdade de Desporto. Portugal

Fonseca, C. M. (2011). *Envolvimento dos pais no jardim-de-infância: As ideias dos educadores- de-infância*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal.

Fontaine, Anne Marie (2000). *Parceria Família-Escola e Desenvolvimento da Criança*, ASA Edições

Gervilla, A. (2008). *Familia y educación familiar – conceptos clave, situación actual*. Madrid: Narcea, S.A de Ediciones.

Gonçalves, C.D. (2010). *Sabedoria e Educação. Um estudo com adultos da Universidade Sénior*. Universidade de Coimbra. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Homem, M., (2002). *O jardim-de-infância e a família. As fronteiras de cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Marchesi, A., & Gil, C. (2004). *Fracasso Escolar: Uma Perspectiva Multicultural*. Porto Alegre: Artmed.

Marques, R. (1994). *Colaboração família-escola em escolas portuguesas: um estudo de caso*. *Inovação*, 7, p. 357-375, Lisboa: SPCE

Marques, R. (1997). *A Escola e os Pais como colaborar?* Lisboa: Porto Editora

Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.

Martins, A. M. (1993). *Insucesso Escolar e Apoio Socioeducativo*. *Cadernos de Análise Sócio Organizacional da Educação*, 9-24. Aveiro.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério de Educação/Departamento de Educação Básica

Ministério da Educação. (2014). Caracterização dos Contextos de Educação Pré-Escolar. Inquérito Extensivo - Relatório Final. Estudo de Avaliação das Orientações Curriculares e da Qualidade na educação pré-escolar.

Moura, A. R. S. D. B. (2015). Princípios pedagógicos promotores de sucesso educativo. Relatório de Estágio. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Nunes, T. P. B. S. (2004). Colaboração Escola-Família para uma escola culturalmente heterogénea. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Peixoto, L.M. (1999). Auto-estima, inteligência e sucesso escolar. Braga: APPACDM

Pereira, M.I.G. (2009). A participação parental no Jardim de Infância. Dissertação de Mestrado. Universidade Portucalense Infante d. Henrique – Universidade Portucalense. Portugal.

Pinto, F & Cabral. (1996) A formação humana no projeto da modernidade. Lisboa: Instituto Piaget.

Quivy, R. & Campenhoudt, V. L. (2003). Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva.

Rangel, A. (1995). Insucesso escolar. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Reis, M.P.I.F.C.P. (2008). A Relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso. Tese de Doutoramento. Universidade de Málaga.

Roazzi, A. & Almeida, L. S. (1988). O insucesso escolar: insucesso do aluno ou o insucesso do sistema escolar? Revista Portuguesa de Educação, 1 (2), 53-60.

Rodrigues, A. M. M. (2013). Contributo do projeto Escola de Pais para a participação da família na vida escolar dos alunos. Relatório de Mestrado. Escola Superior de Educação João de Deus.

Pré-Escolar, M. d.-D.-N. (1994). Jardim de Infância/Família Uma Abordagem Interativa. Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica - Núcleo de Educação Pré-Escolar.

Sarmiento, T. & Marques, J. (2002). A escola e os pais. Coleção Infans. Maia: Centro de Estudos da Criança – Universidade do Minho.

Silva, P. (2003). Escola-Família, uma relação armadilhada. Interculturalidade e relações de poder. Coleção Biblioteca das Ciências do Homem. Ciências da Educação XVII. Porto: Edições Afrontamento.

Simões, A. (2007). O que é a Educação? In A. Fonseca, M. Seabra-Santos, M. Fonseca (Eds.), Psicologia e Educação. Novos e velhos temas (pp. 31-52). Coimbra: Almedina

Snyder, C.R., J.Lopez, Shane., Psicologia Positiva: uma bordagem científica e prática das qualidades humanas. Artmed Editora

Sousa, A. B. (2009). Investigação em Educação. 2.^a Edição. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa. M & M, Sarmiento. T. (2010). Escola – Família -Comunidade: Uma relação para o sucesso educativo. Gestão e Desenvolvimento. 17-18. 141-156.

Stoer, S; Cortesão, L. (2005). A reconstrução das relações escola-família: conceções portuguesas de pai responsável. In S.

Stoer & P. Silva (Orgs), Escola-família: uma relação em processo de reconfiguração, 75 – 88. Porto: Porto Editora.

Tavares, J. & Alarcão, I. (1992). Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem. Coimbra: Livraria Almedina. Zenhas, A. (2006). O papel do diretor de turma na colaboração escola-família. Porto: Porto Editora

Legislação

Decreto-Lei nº769-A/76, de 23 de outubro. Diário da República nº 249 - I Série. Ministério da Educação e Investigação Científica. Lisboa

Decreto-Lei nº 315/84, de 28 de setembro. Diário da República nº 226 - I Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei nº 43/89, de 3 de fevereiro. Diário da República nº 29 - I Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio – Diário da República nº 102 - I Série – A. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei nº 75/2008, de 22 de abril. Diário da República nº 79 - I Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Despacho Normativo nº 122/79, de 1 de junho. Diário da República nº 126 - I Série. Ministério da Educação e Investigação Científica. Lisboa.

Lei nº 7/77 - de 1 de fevereiro. Diário da República - I Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Lei nº 46/1986, de 14 de outubro. Diário da República nº 237 - I Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Lei nº 85/2009, de 27 de agosto. Diário da República nº 166 - I Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Documentos consultados

Plano Anual de Atividades da instituição de Educação Pré-Escolar, 2016/2017

Regulamento Interno da instituição de Educação Pré-Escolar, s/data

Webgrafia

<http://www.equap.eu/objectives/> (último acesso, a 30 de maio de 2018 às

17:40)

Anexos

6 – Profissão:

Trabalhador(a) por conta de outrem no sector público	
Trabalhador(a) por conta de outrem no sector privado	
Trabalhador(a) por conta própria	
Desempregado	
Reformado / Aposentado	
Estudante	
Outra Situação	

7 – Qual é a idade do seu educando que frequenta a respetiva Jardim de Infância?

3 anos 4 anos anos anos

8 – A criança vive com: _____

Relação Escola-Família

1 – Costuma deslocar-se à Instituição do seu Educando?

Diariamente	Semanalmente	Quinzenalmente	Mensalmente	2 ^a Vezes por período	1 ^a Vez por período	2 ^a Vezes por ano	1 ^a Vez por ano

2 – Tem por hábito levar o seu educando à Instituição?

Nunca	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre

3 – Quem tem por hábito ir buscar o seu educando à Instituição?

Nunca	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre

4 – Como classifica a sua relação com a Instituição do seu educando?

Nunca	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre

5 – Observa os tipos de participação com que frequência:

Participo nas atividades propostas pela Instituição, de forma voluntária, como por exemplo: atividades letivas, visitas de estudo, colaboração com algo pedido pela Educadora:

Nunca	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre

A Instituição dá a conhecer o progresso das crianças, as atividades desenvolvidas e as que serão realizadas:

Nunca	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre

Apoio e participo no desenvolvimento de atividades na comunidade envolvente à Instituição:

Nunca	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre

Auxilio o meu educando na realização de atividades em casa e partilho ideias e opiniões com a educadora:

Nunca	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre

6 – A ocorrência de participação acontece:

	Nunca	Poucas Vezes	Às Vezes	Sempre
Por sua iniciativa				
Por iniciativa da Instituição				

7 – A comunicação entre a Instituição e a família é realizada com quem frequência?

Diariamente	Semanalmente	Quinzenalmente	Mensalmente	2 ^a Vezes por período	1 ^a Vez por período	2 ^a Vezes por ano	1 ^a Vez por ano

8 – Qual o meio utilizado para a realização da comunicação?

	Não responde / Não sabe	Nunca	Raramente	Às vezes	Bastantes Vezes	Sempre
Presencialmente, em momentos informais						
Presencialmente, através de reuniões						
Telemóvel						
Internet						
Carta						

9 - Acredita que a sua participação/envolvimento auxilia na promoção de aprendizagens do seu educando? Sim Não Em parte

Justifique: _____

10 – O seu educando valoriza o seu envolvimento na Instituição?

Nunca	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre

11 – Como classifica o seu envolvimento:

Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom

12 – Por favor, escreva a sua opinião / ideia / sugestão para que a sua participação/envolvimento na Instituição, seja melhorada:

Anexo 2 - Guião de Entrevista às Educadoras de Infância

Eu, Inês Sá e Lemos de Vasconcelos, venho por este meio solicitar a colaboração da sua Instituição, no sentido de realizar recolha de dados para fins de investigação relativa à unidade curricular: Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar integrada no Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, sob a orientação do Doutor Júlio Emílio Sousa. A temática da investigação é referente à Relação Escola-Família como Potenciadora do Sucesso Educativo, tendo como objetivo geral perceber se os Professores / Educadores acreditam que o Envolvimento Parental nas Escolas/Instituições poderá ter um impacto positivo para o sucesso das aprendizagens dos alunos/crianças.

Os dados recolhidos são confidenciais, e, em momento algum, os participantes serão identificados.

Objetivos de Estudo:

- Compreender qual a importância atribuída ao Envolvimento Parental para que haja um aumento do aproveitamento das aprendizagens das crianças (por parte dos Educadores de Infância);
- Identificar quais as estratégias utilizadas, pelos Educadores de Infância, para envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos;
- Identificar os obstáculos dos Educadores de Infância na Parceria Escola-Família;
- Perceber a especificidade do Envolvimento Parental em cada valência (Pré-Escolar, 1º Ciclo, 2º Ciclo, 3º Ciclo) segundo o Educador de Infância;
- Identificar qual o sucesso educativo pretendido no Jardim-de-Infância;
- Identificar qual o poder real / efetivo dos Educadores de Infância nas Escolas / Instituições;

Questões:

Caracterização Socio Profissional

1. Idade
2. Tempo de serviço
3. Formação Académica
4. Possui formação sobre a temática do envolvimento parental?

Relação Escola-Família

1. “A Relação Escola-Família como Potenciadora do Sucesso Educativo” ao ler este título, o que deduz do mesmo?
2. Considera o Envolvimento Parental como um veículo fulcral para que haja um aproveitamento maior, por parte das crianças, nas suas tarefas/aprendizagens? Se sim, quais são as formas concretas em que os Pais/Encarregados de Educação se podem envolver?
3. O Envolvimento das Famílias na tomada de decisões escolares pode melhorar a qualidade do ensino e promover o sucesso escolar. De acordo com a sua experiência quais as decisões em que se podem sem se intrometer nas funções específicas do Educador?

4. Uma vez que o Envolvimento dos Pais constitui uma componente tão importante na qualidade da escola, como justifica os três tipos de relacionamentos possíveis: Aliens / Adversários / Parceiros?
5. Em que é que a Escola poderá estar a falhar?
6. Será que os Professores / Educadores têm poder real/efetivo sobre as Escolas/Instituições?
7. Existem algumas barreiras na parceria Escola-Família. No seu ponto de vista, quais são os principais obstáculos a ter em consideração?
8. Que tipo de estratégias utilizaria para a viabilização da parceria Escola-Família?
9. O Envolvimento dos Pais é importante em qualquer uma das valências: Pré-Escolar, 1ºCiclo, 2ºCiclo, 3º Ciclo. Qual a especificidade do envolvimento em cada uma dessas valências?
10. Do seu ponto de vista quais são os desafios, para que a Parceria Escola-Família, apresente um maior envolvimento de ambos lados?
11. Os pais das crianças que frequentam a sua sala que nível social apresentam? Alta / Média Alta / Média Baixa / Baixa.
12. O que é para si o Envolvimento máximo dos Pais?
13. No seu ponto de vista, o que é o Sucesso Educativo no Jardim-de-Infância?

Anexo 3 – Entrevistas realizadas às educadoras da Educação Pré-Escolar

Entrevistada E1

Estagiária: Idade:

E1: 39 anos.

Estagiária: Tempo de serviço:

E1: 18 anos.

Estagiária: Formação Académica:

E1: Licenciatura.

Estagiária: Tem formação sobre a temática do Envolvimento Parental?

E1: Não.

Estagiária: A Relação Escola-Família como Potenciadora do Sucesso Educativo” ao ler este título, o que deduz do mesmo?

E1: Acho que se trata do Envolvimento Parental! Pois acho que se este existir, as crianças irão beneficiar bastante; contribuindo para o seu desenvolvimento e conhecimento, isto claro, de forma enriquecedora! Na minha opinião é o que esta questão reflete.

Estagiária: Considera o Envolvimento Parental como um veículo fulcral para que haja um aproveitamento maior, por parte das crianças, nas suas tarefas/aprendizagens? Se sim, quais são as formas concretas em que os Pais/Encarregados de Educação se podem envolver?

E1: Como já disse anteriormente, acho que o Envolvimento Parental é sempre importante para que as crianças obtenham melhores resultados neste seu percurso escolar...Existem diversas formas de trabalhar este tema, eu própria já trabalhei da seguinte forma, aqui na sala: os pais vieram à sala com o propósito de elaborar algumas etapas do Projeto Lúdico, outra forma foi a partilha de histórias em que cada criança levava o livro de um amigo para casa e cada um construiu o seu próprio livro de histórias com a ajuda da família e ainda outro que me lembro recentemente, foi a divulgação do Projeto Lúdico à família; onde se pôde de facto observar a felicidade das crianças, pelo facto de estarem a partilhar momentos e as aprendizagens de todo um ano letivo.

Estagiária: O Envolvimento das Famílias na tomada de decisões escolares pode melhorar a qualidade do ensino e promover o sucesso escolar. De acordo com a sua experiência quais as decisões em que se podem sem se intrometer nas funções específicas do Educador?

E1: Não consigo abordar esta questão, uma vez que aqui na Instituição os Pais são sempre convidados a participar naquilo que é decidido pela equipa pedagógica, isto porque, a Instituição está inserida num meio social precário e a família sente-se intimidada a partilhar, conviver e mesmo participar...outros simplesmente não manifestam esse interesse.

Estagiária: Uma vez que o Envolvimento dos Pais constitui uma componente tão importante na qualidade da escola, como justifica os três tipos de relacionamentos possíveis: Aliens / Adversários / Parceiros?

E1: Apesar de os Pais não se envolverem por iniciativa própria, sempre que são convidados a vir à Instituição, quer seja em atividades pontuais ou festividades; comparecem mas sentem-se

deslocados, evitando diálogo e exposição. Por essa mesma razão, talvez considere um relacionamento “alien”, embora quisesse, por tudo, que fosse um relacionamento “parceiro”.

Estagiária: Em que é que a Escola poderá estar a falhar?

E1:Sem dúvida a comunicação e abertura da Escola, para com os Pais...a Escola é a principal responsável...deve conseguir dar resposta às problemáticas que vão surgindo.

Estagiária: Será que os Professores / Educadores têm poder real/efetivo sobre as Escolas/Instituições?

E1:Eu acho que depende muito de cada Instituição onde estamos inseridos...Mas, de forma alguma, sinto isto por parte desta Instituição mas sei que existem outras onde essa problemática existe.

Estagiária: Existem algumas barreiras na parceria Escola-Família. No seu ponto de vista, quais são os principais obstáculos a ter em consideração?

E1:Creio que o 1º obstáculo a ter em conta, é o meio social em que cada Instituição está inserida; acho que a média alta se envolve de forma mais notória...Vejo isso pelo infantário que a minha filha frequenta...é uma Instituição, onde a maioria dos pais têm formação académica superior.

Estagiária: Que tipo de estratégias utilizaria para a viabilização da parceria Escola-Família?

E1:Se os pais concordassem ou participassem, apostaria em formação para as famílias.

Estagiária: Que tipo de formação?

E1:Por exemplo...cuidados de higiene, questões alimentares e sobretudo regras, mais a nível de rotinas.

Estagiária: O Envolvimento dos Pais é importante em qualquer uma das valências: Pré-Escolar, 1ºCiclo, 2ºCiclo, 3º Ciclo. Qual a especificidade do envolvimento em cada uma dessas valências?

E1:São completamente diferentes, acho que no Pré-Escolar os Pais/Família são convidados a participarem presencialmente em atividades em outras valências deduzo que haja um certo afastamento, pois as necessidades das crianças não passam por ter os pais perto deles mas sim mantê-los informados do seu percurso escolar, os progressos e dificuldades. Alguns pais só se interessam em participar deste percurso quando algo está mal – o envolvimento passa pelos

pais ensinarem aos filhos, como por exemplo, como estudar, ajudar a fazer os trabalhos de casa, também.

Estagiária: Do seu ponto de vista quais são os desafios, para que a Parceria Escola-Família, apresente um maior envolvimento de ambos lados?

E1: Acho que se tratasse de uma questão obrigatória, este envolvimento iria de facto existir.

Estagiária: Os pais das crianças que frequentam a sua sala que nível social apresentam? Alta / Média Alta / Média Baixa / Baixa.

E1: Sem dúvida, nível social baixo.

Estagiária: O que é para si o Envolvimento máximo dos Pais?

E1: É o interesse que manifestam diariamente pelas conquistas e aprendizagens do seu educando.

Estagiária: No seu ponto de vista, o que é o Sucesso Educativo no Jardim-de-Infância?

E1: É desenvolver um ambiente harmonioso entre Família, Educando e Instituição.

Entrevistada E2

Estagiária: Idade:

E2:

Estagiária: Tempo de serviço:

E2:

Estagiária: Formação Académica:

E2: Licenciatura.

Estagiária: Tem formação sobre a temática do Envolvimento Parental?

E2: Não.

Estagiária: A Relação Escola-Família como Potenciadora do Sucesso Educativo” ao ler este título, o que deduz do mesmo?

E2: Este título remete-me mesmo para a ideia de a família participar ativamente na vida escolar dos seus filhos e como ela pode ser benéfica! De que forma é que a relação escola família pode proporcionar que as crianças tenham melhores resultados escolares, melhores desempenho na sua atividade, assim como de tudo o que envolve o mesmo, no fundo é um equilíbrio.

Estagiária: Considera o Envolvimento Parental como um veículo fulcral para que haja um aproveitamento maior, por parte das crianças, nas suas tarefas/aprendizagens? Se sim, quais são as formas concretas em que os Pais/Encarregados de Educação se podem envolver?

E2: É claro que sim, se as crianças se sentirem valorizadas pelo que fazem, se os pais reconhecem todo o trabalho que a criança desenvolve na escola, apoia e participa ativamente, será uma caminhada em conjunto, a criança sente que os seus pais estão a par do que vão fazendo e que não só estão a par como também colaboram com eles nessas mesmas evoluções, descobertas, pesquisas, é um caminhar em conjunto, e quem não gosta de se sentir a caminhar acompanhado?! De que forma se podem envolver, ora bem, participando ativamente nas propostas que são pedidas, não só pelas educadoras mas também pelos filhos, quando se está a desenvolver um projeto ou uma temática acerca de determinado assunto, e a criança quer saber um pouco mais acerca do mesmo, podem muitas vezes questionar os pais, e estes poderão junto com os seus filhos fazerem as pesquisas, dar-lhes algumas ferramentas para que a criança conheça um pouco mais da sua questão que interrogou, assim como leve essa mesma pesquisa para a escola para partilhar com o seu grupo de pares. Os pais podem também participar no dia-a-dia escolar dos seus filhos, indo à escola elaborar uma atividade na qual se sentem seguros e confortáveis, tal como falar da sua profissão, elaborar uma receita, contar uma história, entre outros, serão sempre momentos de partilha e de aprendizagem que tanto pais como crianças saem beneficiadas, e se a criança perceber e sentir que os seus pais estão envolvidos e se interessam pelo que fazem, é claro que haverá um maior sucesso.

Estagiária: O Envolvimento das Famílias na tomada de decisões escolares pode melhorar a qualidade do ensino e promover o sucesso escolar. De acordo com a sua experiência quais as decisões em que se podem envolver sem se intrometer nas funções específicas do Educador?

E2: O educador conhece bem o seu grupo de crianças, e os pais conhecem melhor os seus filhos, portanto, se ambos se unirem numa tomada de decisão será benéfico. Os pais podem de alguma forma propor determinadas estratégias de ação para com o seu filho, no entanto, tendo em conta o local em questão é complicado avaliar isso, uma vez que pais não se sentem muito à vontade nesta participação, colaboram quando assim é possível, mas sempre de forma

orientada pois sem essa orientação, dificilmente colaboram, ficam acanhados com alguma vergonha, portanto não colaboram muito neste aspeto.

Estagiária: Uma vez que o Envolvimento dos Pais constitui uma componente tão importante na qualidade da escola, como justifica os três tipos de relacionamentos possíveis: Aliens / Adversários / Parceiros?

E2: Dependendo do tipo de instituição e do tipo de pais, qualquer uma destas pode ser possível. Neste caso em concreto considero que os pais na nossa instituição serão mais “aliens” e “parceiros”, ou seja, a maior parte dos pais colaboram connosco sempre que é pedida a sua colaboração, no entanto é só mesmo desta forma, existe um pequeno número de pais que quer colaborar ativamente e até se propõe isso mesmo, mas quando se pede outro tipo de participações nem sempre é fácil. Se uma criança tiver que realizar uma pesquisa em casa, nem todas as crianças o fazem, assim como a elaboração de algum trabalho, por vezes são um pouco “aliens”, não sei se será porque se esquecem, porque acham que não sabem fazer, ou simplesmente porque não estão para ai virados e acham que esse tipo de trabalhos têm que ser desenvolvidos na escola e não em casa.

Estagiária: Em que é que a Escola poderá estar a falhar?

E2: Em relação à participação dos pais? Sinceramente não sei... a escola convida os pais a participar nas atividades, pois somos uma escola aberta, os pais podem procurar-nos sempre que quiserem para tirar dúvidas. Talvez pelo facto de não valorizar da forma como eles esperariam o trabalho que desenvolvem com os seus filhos em casa.

Estagiária: Será que os Professores / Educadores têm poder real/efetivo sobre as Escolas/Instituições?

E2: Essa é uma questão um pouco pertinente: se por um lado poderemos dizer que sim, pois a escola é composta por quem a faz, por outro lado, terá sempre que se reger por uma direção e por um ideário dessa mesma instituição, que poderá ser ou não na totalidade a ideia/ opinião/ perspectiva do educador. Neste caso, essa questão não se coloca, uma vez que considero que as educadoras têm bastante poder sobre as instituições.

Estagiária: Existem algumas barreiras na parceria Escola-Família. No seu ponto de vista, quais são os principais obstáculos a ter em consideração?

E2: Hoje em dia existe ainda essa barreira, as escolas não têm todo o mesmo tipo de participação; claro que tem a ver com o tipo de instituição, mas também com o tipo de pais. É provável que as famílias de nível social baixo tendam a participar menos, por diversos motivos, algumas sentem-se um pouco perdidas quando é pedida a sua participação e mesmo por falta dessa mesma informação, da importância da sua participação, acham que não são capazes e que não serão de todo uma mais-valia.

Estagiária: Que tipo de estratégias utilizaria para a viabilização da parceria Escola-Família?

E2: Talvez a melhor estratégia seja convidar os pais para coisas muito simples, atividades mais no exterior, nada de muito concreto, que necessite de grandes conhecimentos. É exatamente nessas que nós temos mais participação, quando os convidamos também a ver algo que os seus filhos prepararam: uma música, uma dança, um teatro... e posteriormente tentá-las convidar para algumas formações que será não só benéfico para elas mas também para os seus filhos, de modo a que se sintam confiantes a participarem cada vez mais.

Estagiária: O Envolvimento dos Pais é importante em qualquer uma das valências: Pré-Escolar, 1ºCiclo, 2ºCiclo, 3º Ciclo. Qual a especificidade do envolvimento em cada uma dessas valências?

E2: Claro que sim... é obvio que a participação vai sendo um pouco diferente, até porque as crianças crescem e vão se tornando mais autónomas, mas será sempre importante que as famílias se envolvam na vida dos seus filhos: numa primeira fase, de ir caminhando com eles nas suas aprendizagens sendo facilitadores dessa mesma aprendizagem; numa fase posterior, reconhecer as suas reais dificuldades no que diz respeito a aquisição de conhecimentos e encontrar as melhores estratégias, sempre em conjunto com a escola, escola e família a trabalhar em conjunto. Este modelo pode também praticar-se em idades mais precoces como é evidente.

Estagiária: Do seu ponto de vista quais são os desafios para que a Parceria Escola-Família, apresente um maior envolvimento de ambos lados?

E2: O maior desafio é encontrar estratégias adequadas para que a participação seja maior, no caso das valências de 1º, 2º e 3º ciclo ainda juntar a necessidade de cumprir o programa e envolver os pais.

Estagiária: Os pais das crianças que frequentam a sua sala que nível social apresentam?

Alta / Média Alta / Média Baixa / Baixa.

E2: Um nível social baixo.

Estagiária: O que é para si o Envolvimento máximo dos Pais?

E2: É quando eles sabem tudo aquilo que os seus filhos fazem e colaboram em tudo aquilo que é pedido.

Estagiária: Do seu ponto de vista, o que é o Sucesso Educativo no Jardim-de-Infância?

E2: O meu ponto de vista é quando uma criança se sente bem em vir para a escola, quando participa ativamente nas conversas de grande e pequeno grupo e partilha os seus conhecimentos, e dizem, “isto é assim, porque a minha mãe ou o meu pai já me disse ou já me explicou, ou já me mostrou” isso, claro, é verdade e corresponde a realidade. É quando as crianças chegam a escola com coisas do seu interesse e querem saber mais e a cada dia que passa se tornam “especialistas” nessa matéria, pois envolve não só a escola como a família nessa mesma aprendizagem. Quando vemos que a relação entre pares é boa e que há um bom entendimento entre ambos, quando partilham o seu conhecimento e discutem alguma temática, de forma a encontrar a melhor resposta. É quando uma criança é feliz no seu ambiente... só assim é que há um verdadeiro sucesso.

Entrevistada E3

Estagiária: Idade:

E3:

Estagiária: Tempo de serviço:

E3:

Estagiária: Formação Académica:

E3: Licenciatura.

Estagiária: Tem formação sobre a temática do Envolvimento Parental?

E3: Não.

Estagiária: A Relação Escola-Família como Potenciadora do Sucesso Educativo” ao ler este título, o que deduz do mesmo?

E3: Que o envolvimento e participação da família com a escola é fundamental para o sucesso e desenvolvimento de cada criança. É importante a família envolver-se e ser parceira da escola para que haja sucesso educativo.

Estagiária: Considera o Envolvimento Parental como um veículo fulcral para que haja um aproveitamento maior, por parte das crianças, nas suas tarefas/aprendizagens? Se sim, quais são as formas concretas em que os Pais/Encarregados de Educação se podem envolver?

E3: Sim, na medida em que os pais acompanham as aprendizagens e podem ajudar no desenvolvimento das mesmas. É importante a presença nas reuniões, conversas formais e informais com a educadora, participar ativamente na associação de pais.

Estagiária: O Envolvimento das Famílias na tomada de decisões escolares pode melhorar a qualidade do ensino e promover o sucesso escolar. De acordo com a sua experiência quais as decisões em que se podem envolver sem se intrometer nas funções específicas do Educador?

E3: Participação em projetos, sugestão de atividades, visitas, participação em reuniões...

Estagiária: Uma vez que o Envolvimento dos Pais constitui uma componente tão importante na qualidade da escola, como justifica os três tipos de relacionamentos possíveis: Aliens / Adversários / Parceiros?

E3: A experiência que tenho é de serem parceiros, ajudando e participando de forma ativa e voluntária em reuniões e atividades propostas.

Estagiária: Em que é que a Escola poderá estar a falhar?

E3: Talvez na não fomentação de dar “voz ativa” aos Pais, acho que devia dar ainda mais, é a minha opinião... mas há muito mais a mudar e a fazer, depende de cada instituição.

Estagiária: De forma geral, existe algo particularmente importante a mudar/fazer? Se sim, o quê?

E3: Há sim... Investia também na Educação dos Pais, os Pais podem e devem ser educados em questões que consideramos banais, como por exemplo, o que é uma alimentação saudável, a prática de uma boa rotina, por aí... digo eu!

Estagiária: Será que os Professores / Educadores têm poder real/efetivo sobre as Escolas/Instituições?

E3: Sim, desde que a sua voz possa ser ouvida e a sua opinião possa ser tida em conta.

Estagiária: Existem algumas barreiras na parceria Escola-Família. No seu ponto de vista, quais são os principais obstáculos a ter em consideração?

E3: Tempo. A família tem pouco tempo e disponibilidade.

Estagiária: Que tipo de estratégias utilizaria para a viabilização da parceria Escola-Família?

E3: Envolver as próprias crianças nesse processo e conversas informais.

Estagiária: O Envolvimento dos Pais é importante em qualquer uma das valências: Pré-Escolar, 1ºCiclo, 2ºCiclo, 3º Ciclo. Qual a especificidade do envolvimento em cada uma dessas valências?

E3: No pré-escolar é fundamental para poder haver uma maior cumplicidade e parceria no desenvolvimento da criança nas restantes valências, julgo existir algum afastamento, envolvem-se mais a nível de reuniões ou até mesmo na ajuda dos trabalhos de casa com os filhos, por aí... não é tão “participativo” como na valência do Pré-Escolar.

Estagiária: Do seu ponto de vista quais são os desafios, para que a Parceria Escola-Família, apresente um maior envolvimento de ambos lados?

E3: Limites das funções do outro, respeito e confiança.

Estagiária: Os pais das crianças que frequentam a sua sala que nível social que apresentam? Alta / Média Alta / Média Baixa / Baixa.

E3: Média Alta

Estagiária: O que é para si o Envolvimento máximo dos Pais?

E3: Creio que...a participação na vida escolar dos filhos mas de forma bastante ativa.

Estagiária: No seu ponto de vista, o que é o Sucesso Educativo no Jardim-de-Infância?

E3: Penso que o sucesso Educativo nesta valência passa mesmo pela criação da ponte escola-família, isso deveria acontecer, sempre!

Entrevistada E4

Estagiária: Idade:

E4:

Estagiária: Tempo de serviço:

E4:

Estagiária: Formação Académica:

E4: Licenciatura.

Estagiária: Tem formação sobre a temática do Envolvimento Parental?

E4: Não.

Estagiária: A Relação Escola-Família como Potenciadora do Sucesso Educativo” Ao ler este título, o que deduz do mesmo?

E4: Claro que sim. É muito importante haver uma relação entre a escola e a família porque as duas em conjunto são fundamentais para um desenvolvimento harmonioso da criança.

Estagiária: Considera o Envolvimento Parental como um veículo fulcral para que haja um aproveitamento maior, por parte das crianças, nas suas tarefas/aprendizagens? Se sim, quais são as formas concretas em que os Pais/Encarregados de Educação se podem envolver?

E4: Sim é extremamente importante haver um envolvimento dos pais no desenvolvimento das crianças através de trabalhos participativos nas salas, reuniões, conversas informais, trabalhos realizados em casa, formações e festividades do plano anual de atividades etc.

Estagiária: O Envolvimento das Famílias na tomada de decisões escolares pode melhorar a qualidade do ensino e promover o sucesso escolar. De acordo com a sua experiência quais as decisões em que se podem envolver sem se intrometer nas funções específicas do Educador?

E4: Os pais são extremamente importantes no desenvolvimento das crianças e devem ajudar a tomar decisões em relação a valores, ideais, religião, alimentação e saúde. Estes são alguns dos aspetos que um educador deve ter em conta na educação e desenvolvimento da criança.

Estagiária: Uma vez que o Envolvimento dos Pais constitui uma componente tão importante na qualidade da escola, como justifica os três tipos de relacionamentos possíveis: Aliens / Adversários / Parceiros?

E4: Ao longo destes anos de serviço pude verificar que existem diferentes tipos de pais. Existem pais que querem saber tudo o que se passa com os filhos, como é o seu dia-a-dia, o seu desenvolvimento e que adoram participar em tudo o que se passa. Existem outros que pouco querem saber porque muitas vezes tem um trabalho que não lhes permite faltar e por

isso fazem raros aparecimentos no jardim. E outros ainda criam tantos problemas em tudo o que envolve os filhos, não os deixando ser crianças. Por vezes não aceitam que o filho não seja “perfeito”. Na nossa instituição existe um pouco dos três. Cabe-nos a nos profissionais, saber lidar com isso e resolver todos os problemas que isso nos possa trazer tendo sempre em conta o crescimento harmoniosa da criança.

Estagiária: Em que é que a Escola poderá estar a falhar?

E4:Acho que ainda não existe uma grande abertura da escola aos pais, penso fundamentalmente porque dá trabalho, e porque nem sempre as crianças se comportam da mesma forma com os pais do que com os educadores e isso fá-los perder um pouco o controle da situação. Por outro lado, os horários que os pais têm também impossibilita muitas vezes esta relação. A escola deve mudar e muito neste sentido pois os pais devem ter cada vez mais um papel fundamental no desenvolvimento dos seus filhos.

Estagiária: Será que os Professores / Educadores têm poder real/efetivo sobre as Escolas/Instituições?

E4:Claro que sim. Os educadores e a instituição onde trabalham devem trabalhar em conjunto em prole do bem-estar da criança. Embora por vezes existam instituições onde isto não é possível.

Estagiária: Existem algumas barreiras na parceria Escola-Família. No seu ponto de vista, quais são os principais obstáculos a ter em consideração?

E4:Claro que existe nomeadamente, os horários dos pais, que trabalham o que impossibilita participarem em atividades realizadas pelas instituições, a sua baixa escolaridade, o que impossibilita que por vezes sejam incapazes de ajudar os seus filhos na realização das atividades, etc.

Estagiária: Que tipo de estratégias utilizaria para a viabilização da parceria Escola-Família?

E4:Passa por mudar o horário das atividades, mas por vezes isso torna-se difícil porque trata-se de crianças pequenas. Outra estratégia passa por pedir aos pais outro tipo de envolvimento que não seja impossível da parte deles. Também podemos sensibiliza-los para a importância que tem no desenvolvimento e na educação dos seus filhos.

Estagiária: O Envolvimento dos Pais é importante em qualquer uma das valências: Pré-Escolar, 1ºCiclo, 2ºCiclo, 3º Ciclo. Qual a especificidade do envolvimento em cada uma dessas valências?

E4: Penso que os pais conseguem ter mais envolvimento do pré-escolar porque é uma educação muito mais aberta onde os educadores conseguem contactar com eles diariamente. À medida que a criança vai evoluindo na escolaridade, isso torna-se muito mais complicado porque os professores não estão tão disponíveis e é sempre preciso marcar hora e dia para haver esse contacto. Nestas faixas etárias, o contacto existe muitas vezes para falar somente do comportamento ou do sucesso escolar, o que é uma pena, porque são idades críticas no desenvolvimento das crianças em que os pais deveriam ter um maior envolvimento.

Estagiária: Do seu ponto de vista quais são os desafios, para que a Parceria Escola-Família, apresente um maior envolvimento de ambos lados?

E4: Como já referir anteriormente, penso que são os horários laborais dos pais. Este é um grande entrave para o seu envolvimento.

Estagiária: Os pais das crianças que frequentam a sua sala que nível social apresentam? Alta / Média Alta / Média Baixa / Baixa.

E4: A maior parte dos pais que frequentam a minha sala apresentam um nível social baixo.

Estagiária: O que é para si o Envolvimento máximo dos Pais?

E4: Para mim o envolvimento máximo dos pais é trabalhar em equipa em prole do desenvolvimento das crianças.

Estagiária: No seu ponto de vista, o que é o Sucesso Educativo no Jardim-de-Infância?

E4: Para mim o sucesso educativo no jardim-de-infância é quando se trabalha pensando na criança, no seu bem-estar e desenvolvimento. É um trabalho é equipa constante.

Entrevistada E5

Estagiária: Idade:

E5:

Estagiária: Tempo de serviço:

E5:

Estagiária: Formação Académica:

E5: Licenciatura.

Estagiária: Tem formação sobre a temática do Envolvimento Parental?

E5: Não.

Estagiária: A Relação Escola-Família como Potenciadora do Sucesso Educativo” ao ler este título, o que deduz do mesmo?

E5: Com este título é possível perceber que a escola e a família são duas entidades distintas, mas que se relacionam, ou devem relacionar, de forma intrínseca, com vista a promover e alcançar o sucesso educativo das crianças a todos os níveis.

Estagiária: Considera o Envolvimento Parental como um veículo fulcral para que haja um aproveitamento maior, por parte das crianças, nas suas tarefas/aprendizagens? Se sim, quais são as formas concretas em que os Pais/Encarregados de Educação se podem envolver?

E5: Sim, considero. A ação da escola, se tiver como parceira a família será muito mais significativa para a criança, traduzindo-se em aprendizagens mais eficazes e também elas significativas. Se a criança sentir a presença, mesmo que não seja física, da família, nas tarefas que desenvolve diariamente, sentir-se-á mais confortável e estará mais predisposta para novas aprendizagens, uma vez que se identifica mais e melhor com o que está a ser tratado.

Considero que existem muitas formas da família se envolver na aprendizagem das crianças na escola e em casa. Um exemplo poderá ser através da transmissão de conhecimentos e experiências ao grupo de crianças, em contexto de escola, sobre os mais variados assuntos. Outro poderá ser num trabalho investigativo e colaborativo mais realizado em casa, que esteja diretamente relacionado com o projeto educativo da sala, com vista a expor novas descobertas. Ou até mesmo na partilha de ideias para atividades a realizar, que possam ser significativas para as crianças, uma vez que as experimentaram em casa, em família. Questionar diariamente as crianças sobre o seu dia é também um ponto muito importante neste envolvimento escolar.

Estagiária: O Envolvimento das Famílias na tomada de decisões escolares pode melhorar a qualidade do ensino e promover o sucesso escolar. De acordo com a sua experiência quais as decisões em que se podem envolver sem se intrometer nas funções específicas do Educador?

E5: Sim, considero que pode melhorar até certo ponto. Deve existir um equilíbrio entre as intenções e ideias do Educador para um determinado grupo de crianças e as expectativas dos familiares. No entanto, nem sempre é fácil conciliar tais parâmetros. É necessário haver uma abertura da parte do educador às ideias e propostas dos familiares, mas igualmente uma postura que denote que é ele que detém, na escola, o poder de decisão pelo que o grupo trabalha.

Considero que os pais podem e devem colaborar com conhecimentos, ideias e experiências em diferentes momentos escolares, principalmente se o nosso contacto com as crianças tiver sido ainda muito curto (nos casos do primeiro ano com o grupo). Por exemplo, nos momentos festivos ou até, se tal for possível por parte da escola, no delinear do projeto de sala. Ainda assim, considero que as opiniões, ideias e gostos das crianças se devem sobrepor.

Estagiária: Uma vez que o Envolvimento dos Pais constitui uma componente tão importante na qualidade da escola, como justifica os três tipos de relacionamentos possíveis: Aliens / Adversários / Parceiros?

E5: Por estar num meio social médio alto, e julgo que isso tenha a ver, em certa parte... julgo que o relacionamento na minha Instituição seja considerado Parceiro, uma vez que a presença constante e ativa dos pais faz parte da rotina.

Estagiária: Em que é que a Escola poderá estar a falhar?

E5: Muitas vezes não há abertura suficiente por parte da escola, ou do Educador, para incluir e cativar os familiares a participarem no processo educativo da criança. Penso que a escola é uma grande responsável, ainda que não a única, pelo interesse e participação dos familiares na vida escolar dos seus educandos. Se os familiares acreditarem e se identificarem com aquilo que a escola faz diariamente com as suas crianças, mais facilmente se sentirão motivados a participar ativamente. No entanto, o que acontece é que muitas vezes nem sequer há um conhecimento por parte dos familiares do que se está a fazer diariamente. Estes devem ser informados frequentemente sobre o que é trabalhado.

Estagiária: Será que os Professores / Educadores têm poder real/efetivo sobre as Escolas/Instituições?

E5: Atualmente, considero que não. Há um modelo muito *standardizado*, na maior parte das escolas, que não permite que os Educadores ou Professores detenham qualquer poder de decisão sobre as suas ações. A maior parte delas deve corresponder às intenções que a escola tem para com o processo educativo, que muitas vezes não corresponde às crenças dos Educadores/Professores.

Estagiária: Existem algumas barreiras na parceria Escola-Família. No seu ponto de vista, quais são os principais obstáculos a ter em consideração?

E5: Um deles é mesmo a falta de poder efetivo que os Professores e Educadores têm sobre as Escolas e Instituições. O outro, na minha opinião, prende-se com a falta de disponibilidade de muitos familiares, uns devido ao excesso de trabalho e outros por completa falta de interesse em participar no processo educativo das suas crianças.

Estagiária: Que tipo de estratégias utilizaria para a viabilização da parceria Escola-Família?

E5: Se me fosse possível, devido à abertura da escola para tal assunto, faria uma partilha efetiva do trabalho realizado em sala com os familiares, eventualmente de forma mensal. Por outro lado, ainda que essa estratégia possa não ser viável com todas as famílias, enviaria, talvez também mensalmente, um pequeno trabalho investigativo e/ou manual que necessitasse da participação familiar para ser concretizado. Depois, convidaria também, conforme os assuntos a serem abordados, alguns familiares para partilharem, em contexto de sala, os seus conhecimentos e experiências.

Estagiária: O Envolvimento dos Pais é importante em qualquer uma das valências: Pré-Escolar, 1ºCiclo, 2ºCiclo, 3º Ciclo. Qual a especificidade do envolvimento em cada uma dessas valências?

E5: Sim, é importantíssimo em todas as valências, principalmente nas primeiras, onde as crianças são menos autónomas a todos os níveis. No pré-escolar o envolvimento dos pais é crucial para o crescimento e desenvolvimento da criança, pois são os primeiros contactos que estas têm com o conhecimento do mundo, da língua, das interações entre pares, do comportamento em sociedade, entre outros. A partir do 1º ciclo para além de todos estes parâmetros deverem ser considerados, uma vez que continuam em desenvolvimento,

acrescenta-se a parte acadêmica que exige uma maior orientação, com vista a que todas as aprendizagens sejam significativas e eficazes. Deve haver uma preocupação familiar de dar continuidade e reforço, em casa, àquilo que é tratado na escola.

No 2º e 3º ciclo há uma maior autonomia por parte das crianças e até mesmo uma intenção de distanciamento por parte das mesmas relativamente aos familiares. Nesse sentido, considero que mais do que um apoio e acompanhamento acadêmico às mesmas, deve também haver uma orientação grande ao nível dos comportamentos e formas de estar, uma vez que é nestas fases que muitos definem aquilo que vão ser a nível pessoal, num futuro próximo e, ao mesmo tempo, longínquo.

Estagiária: Do seu ponto de vista quais são os desafios, para que a Parceria Escola-Família, apresente um maior envolvimento de ambos lados?

E5: Para mim o maior desafio é cativar os familiares a participarem interessadamente na vida escolar dos educandos. Por outro lado, deve haver obviamente uma abertura da instituição e da nossa parte a essa participação, ouvindo opiniões, ideias, conhecimentos e experiências, sem deixar que isso interfira também na forma que acreditamos ser mais apropriada para o nosso grupo aprender e desenvolver.

Estagiária: Os pais das crianças que frequentam a sua sala que nível social apresentam? Alta / Média Alta / Média Baixa / Baixa.

E5: Apresentam um nível social médio alto.

Estagiária: O que é para si o Envolvimento máximo dos Pais?

E5: O envolvimento máximo dos pais, para mim, é quando estes se interessam ativamente pelo que os filhos fazem na escola, mostrando-se motivados em conhecer e participar dessas mesmas aprendizagens, transportando-as num sentido escola-casa e casa-escola.

Estagiária: No seu ponto de vista, o que é o Sucesso Educativo no Jardim-de-Infância?

E5: O sucesso educativo no jardim-de-infância para mim atinge-se quando as crianças conseguem veicular de forma positiva, para a sua vida real, todas as aprendizagens significativas que lá adquiriram a todos os níveis.

Anexo 4 – Registos de Atividades no contexto da Educação Pré-Escolar



Registo n.º 1 - Descrição de práticas da participação da família: Dia do Pai

TEMPLATE FOR THE DESCRIPTION OF PRACTICES ON FAMILY PARTICIPATION

NAME OF THE ORGANIZATION: (Nome da Organização)	Instituto Particular de Solidariedade Nossa Senhora do Socorro
CONTACT PERSON(S): (Pessoa(s) de contacto)	- Educadora; - Encarregados de Educação; - Educandos;
Which are the goals of the practice? (Quais os objetivos da prática?)	- Fomentar a ponte de comunicação entre a Escola-Família; - Envolver os Pais / Encarregados de Educação nas atividades realizadas na sala; - Valorizar a presença e importância do Pai; - Promover a ligação escola e comunidade educativa.
When is the practice used? (Quando a prática é usada?)	17 de Março
Where is the practice used? (Onde é efetuada a prática?)	Refeitório e Salão
What kind of material is used? (Que tipo de material é usado?)	Os Encarregados de Educação poderiam usar, livremente, o material disponível.
Describe the methodology: (Descrever a metodologia)	Para que o Dia do Pai pudesse ser comemorado, todos os progenitores foram convidados a participar em diversas atividades previamente delineadas, isto, em conjunto com os seus respetivos filhos. As atividades, propostas foram: assistir ao conto de uma história, ao canto de uma música (por parte das crianças) e a elaboração de um registo (consistia em que o Pai desenhasse a sua mão e o seu filho/a também, escrevendo assim, uma mensagem para cada um).
Who are the participants? (Quem são os participantes?)	Encarregados de Educação e Crianças;
Describe their roles: (Descrever os papéis)	Crianças: comemorar o Dia do Pai, elaborando e envolvendo-se em atividades conjuntas com o Pai. Educador: Auxiliar, orientar e observar as atividades, interação e o envolvimento, dos pais e crianças. Encarregados de Educação / Pais: Envolverem-se nas atividades propostas, interagir com os filhos, fortalecendo laços e dialogar com a equipa pedagógica sobre qualquer interesse da sua parte,
Conclusion: (Conclusão)	Foi visível a alegria e motivação, por parte das crianças, por puderem partilhar um momento

	especial com o seu Pai, realizando atividades em conjunto com os mesmos. O dia e as atividades tiveram o sucesso pretendido.
--	--



Registo n.º 2 - Descrição de práticas da participação da família: Dia da Mãe

TEMPLATE FOR THE DESCRIPTION OF PRACTICES ON FAMILY PARTICIPATION

NAME OF THE ORGANIZATION: (Nome da Organização)	Instituto Particular de Solidariedade Nossa Senhora do Socorro
CONTACT PERSON(S): (Pessoa (s) de contacto)	- Educadora; - Encarregados de Educação; - Educandos;
Which are the goals of the practice? (Quais os objetivos da prática?)	- Fomentar a ponte de comunicação entre a Escola-Família; - Envolver os Pais / Encarregados de Educação nas atividades realizadas na sala; - Valorizar a presença e importância da Mãe; - Promover a ligação escola e comunidade educativa.
When is the practice used? (Quando a prática é usada?)	5 de Maio
Where is the practice used? (Onde é efetuada a prática?)	Refeitório e Salão
What kind of material is used? (Que tipo de material é usado?)	Os Encarregados de Educação poderiam usar, livremente, o material disponível.
Describe the methodology: (Descrever a metodologia)	Para comemorar o Dia da Mãe, todas as progenitoras foram convidadas a participar em diversas atividades previamente delineadas, isto, em conjunto com os seus respetivos filhos. As atividades, propostas foram: o cantar de uma música, por parte das crianças, a distribuição das prendas para as mães, o conto de uma história, tirar uma fotografia num cenário (criado previamente) e escrever uma palavra que defina, cada filho/a, num coração.
Who are the participants? (Quem são os participantes?)	Encarregados de Educação e Crianças;
Describe their roles: (Descrever os papéis)	Crianças: comemorar o Dia da Mãe, elaborando e envolvendo-se em atividades conjuntas com a Mãe. Educador: Auxiliar, orientar e observar as atividades, interação e o envolvimento, dos pais e

	crianças. Encarregados de Educação / Pais: Envolverem-se nas atividades propostas, interagir com os filhos, fortalecendo laços e dialogar com a equipa pedagógica, sobre qualquer interesse da sua parte.
Conclusion: (Conclusão)	Foi notório o entusiasmo, felicidade e motivação, por parte das crianças, por puderem partilhar um momento especial com a sua Mãe, realizando atividades em conjunto com os mesmos. O dia e as atividades tiveram o sucesso pretendido.



Registo n.º 3 - Descrição de práticas da participação da família: Dia da apresentação do Projeto Lúdico e Festa de Finalistas

TEMPLATE FOR THE DESCRIPTION OF PRACTICES ON FAMILY PARTICIPATION

NAME OF THE ORGANIZATION: (Nome da Organização)	Instituto Particular de Solidariedade Nossa Senhora do Socorro
CONTACT PERSON(S): (Pessoa(s) de contacto)	- Educadora; - Encarregados de Educação; - Educandos;
Which are the goals of the practice? (Quais os objetivos da prática?)	- Fomentar a ponte de comunicação entre a Escola-Família; - Envolver os Pais / Encarregados de Educação no Projeto Lúdico e Festa de Finalistas; - Valorizar a presença e importância dos Encarregados de Educação /Pais; - Promover a ligação escola e comunidade educativa.
When is the practice used? (Quando a prática é usada?)	1 de Junho
Where is the practice used? (Onde é efetuada a prática?)	Sala dos 4/5 anos
What kind of material is used? (Que tipo de material é usado?)	Os Encarregados de Educação poderiam usar, livremente, o material disponível.
Describe the methodology: (Descrever a metodologia)	Os Encarregados de Educação poderiam assistir a um vídeo com várias fotografias das atividades/trabalhos elaborados em contexto de sala, para a construção do Projeto Lúdico “O Fundo do Mar e os Piratas” bem como a partilha de momentos fulcrais, das crianças finalistas e restantes. Salienta-se a fomentação do convívio,

	criado, através do lanche, onde a temática envolvida tinha a ver com o respetivo Projeto Lúdico.
Who are the participants? (Quem são os participantes?)	Encarregados de Educação e Crianças;
Describe their roles: (Descrever os papéis)	<p>Crianças: Partilhar e comemorar com os respetivos Encarregados de Educação / Pais, o final de um Projeto Lúdico, vivenciado durante o ano letivo; bem como a comemoração da Festa de Finalistas de algumas das crianças da sala dos 4/5 anos.</p> <p>Educador: Auxiliar, orientar e explicar as atividades elaboradas, a sua intenção, o seu porquê e o modo como foram feitas, bem como observar atentamente a interação e o envolvimento, vivenciado na sala, por parte das crianças e Encarregados de Educação / Pais.</p> <p>Encarregados de Educação / Pais: Envolverem-se nas atividades propostas, interagir com os filhos, fortalecendo laços e dialogar com a equipa pedagógica, sobre qualquer interesse da sua parte.</p>
Conclusion: (Conclusão)	Foi notório a felicidade, euforia, alegria e motivação, por parte das crianças, por puderem partilhar um momento especial como o final de um Projeto, vivenciado durante um ano letivo, bem como o homenagear as crianças finalistas; isto, através de um convívio entre Educadora, Encarregados de Educação / Pais e crianças. Assim sendo, o dia e as atividades delineadas, atingiram o sucesso pretendido.